

**UNIVERSIDADE REGIONAL INTEGRADA DO ALTO URUGUAI E DAS MISSÕES  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, EXTENSÃO E PÓS-GRADUAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES  
CAMPUS FREDERICO WESTPHALEN – RS  
MESTRADO EM LETRAS - ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LITERATURA**

**RUDIÃO RAFAEL WISNIEWSKI**

**O HORROR COMO MOTIVAÇÃO:  
REMEMORAÇÃO E INDIVIDUAÇÃO EM *THE NATURE OF BLOOD***

**Frederico Westphalen**

**2010**

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**RUDIÃO RAFAEL WISNIEWSKI**

**O HORROR COMO MOTIVAÇÃO:  
REMEMORAÇÃO E INDIVIDUAÇÃO EM *THE NATURE OF BLOOD***

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Letras como requisito parcial e último à obtenção do grau de Mestre em Letras da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Campus de Frederico Westphalen. Área de Concentração: Literatura.

Orientadora: Prof. Dr. Denise Almeida Silva

**Frederico Westphalen**

**2010**

**UNIVERSIDADE REGIONAL INTEGRADA DO ALTO URUGUAI E DAS MISSÕES  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, EXTENSÃO E PÓS-GRADUAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES  
CAMPUS FREDERICO WESTPHALEN – RS  
MESTRADO EM LETRAS - ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LITERATURA**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,  
aprova a Dissertação de Mestrado

**O HORROR COMO MOTIVAÇÃO:  
REMEMORAÇÃO E INDIVIDUAÇÃO EM *THE NATURE OF BLOOD***

Elaborada por  
**RUDIÃO RAFAEL WISNIEWSKI**

como requisito parcial para a obtenção do grau de  
**Mestre em Letras**

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

**Prof. Dr. Denise Almeida Silva – URI  
(Presidente/Orientadora)**

---

**Prof. Dr. Eloína Prati dos Santos – FURG**

---

**Prof. Dr. Lizandro Carlos Calegari – URI**

**Frederico Westphalen, 04 de novembro de 2010.**

*Dedico este trabalho a todas as vítimas de preconceito: as que sucumbiram ao horror, em todas as épocas e lugares ao redor da Terra, e as que perseveraram em meio à dor e à esperança de dias melhores.*

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, pelos prodígios realizados com o dom Dele recebido: a vida. Ao meu pai, pela maneira como me ensinou a valorizar os amigos, força e alegria na correria diária. À minha mãe, pelo apoio, incentivo e uma vida de sacrifícios para me ver vencer. À minha irmã, que suportou meu insistente desejo de um amanhã melhor, cobrando o mesmo dela. Aos familiares e amigos, que me ajudaram a continuar diante de dores, derrotas e desilusões. À minha prima Diane, que, com sua partida, me ensinou que a vida é para ser vivida, não apenas projetada. Aos colegas de trabalho e alunos, pela troca de saberes e experiências que me fizeram compreender a maravilha da docência. Às colegas do Mestrado, pelo prazer da companhia nos estudos e nos momentos de descontração. À professora orientadora, Dr. Denise Almeida Silva, pela orientação, compreensão, amizade, e por me ajudar a compreender e difundir a importância da “natureza do sangue”: meu agradecimento e admiração. Aos demais membros da banca examinadora, professora Dr. Eloína Prati dos Santos e professor Dr. Lizandro Carlos Calegari, pela disponibilidade. Ao Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado em Letras, Literatura, da URI de Frederico Westphalen, pela oportunidade de realização pessoal e profissional.

## RESUMO

A presente dissertação objetiva investigar como e por que é representado o horror em contextos extremos como o genocídio e a discriminação racial em *The Nature of Blood* (1997), de Caryl Phillips, além de explicar o papel que a rememoração e a individuação desempenham na representação do horror no romance, averiguando de que forma o preconceito está presente nos diferentes contextos a partir dos quais o judeu e o negro são representados (discriminação em Otelo, discriminação ao migrante negro, Shoah, discriminação de judeus na Renascença). Para atingir esses objetivos, buscaram-se, inicialmente, fundamentos teóricos para compreender a capacidade humana de perpetrar o mal a seres possuidores da mesma natureza. Assim, o primeiro capítulo apresenta os conceitos de “banalidade do mal”, tal qual proposto por Hannah Arendt; vitimização, imputação, individuação, rememoração, entre outros, estudados por Paul Ricoeur; memória individual e memória coletiva, a partir de Maurice Halbwachs. O segundo capítulo preocupou-se com a compreensão da intrincada estrutura do romance, indispensável para o entendimento da trama narrativa. Buscou-se apoio para a análise da forma e do discurso da narrativa nos postulados de Walter Benjamin, Theodor Adorno e Gérard Genette. No terceiro capítulo, o último de análise propriamente dita, retomam-se os conceitos fundamentais expostos no capítulo inicial, aplicando-os à análise dos personagens. Conclui-se que *The Nature of Blood* desperta a reflexão do leitor, o qual entende que os horrores sofridos e perpetrados no decorrer da História devem servir de motivação para a construção de um mundo onde se busque compreender as relações humanas, respeitando o direito de todos os possuidores da mesma natureza do sangue.

**Palavras-chave:** Horror. Individuação. Rememoração. Caryl Phillips. *The Nature of Blood*.

## ABSTRACT

This thesis aims at investigating how and why the horror is represented in extreme circumstances such as genocide and racial discrimination in Caryl Phillips' *The Nature of Blood*. Besides it intends to explain the role that remembrance and individuation play in the representation of horror in the novel, ascertaining how prejudice is present in different contexts in which the Jew and the black are depicted (Othello's discrimination, discrimination against the black migrant, and Jews -- in the Renaissance and in the Shoah). To achieve these objectives, theoretical support was sought to understand human capacity to perpetrate evil to beings who partake the same nature. Thus, the first chapter introduces the concepts of the "banality of evil", as proposed by Hannah Arendt; victimization, imputation, individuation, and remembrance, as developed by Paul Ricoeur; and individual memory and collective memory, based in Maurice Halbwachs studies. The second chapter is concerned with understanding the intricate structure of the novel, a study that is indispensable for understanding the narrative plot. Support for the analysis of form and narrative discourse was sought in Theodor Adorno, Walter Benjamin and Gérard Genette. In the third chapter, the last analytical one, the fundamental concepts exposed in the opening chapter were reviewed, applying them to characters' analysis. *The Nature of Blood* awakens the reader's reflection, helping him/her to understand that the horrors suffered and perpetrated throughout history should serve as motivation for building a world where one seeks to understand human relationships, respecting individual rights, once humankind partakes the same nature of blood.

**Keywords:** Horror. Individuation. Remembrance. Caryl Phillips. *The Nature of Blood*.

## SUMÁRIO

|   |     |
|---|-----|
| INTRODUÇÃO .....  | 8   |
| 1 DA NARRATIVA DO <i>TREMENDUM HORRENDUM</i> : VITIMIZAÇÃO, IMPUTAÇÃO, INDIVIDUAÇÃO E REMEMORAÇÃO ..... | 17  |
| 2 O DISCURSO NARRATIVO: A ESTRUTURA DE <i>THE NATURE OF BLOOD</i> .....                                 | 36  |
| 2.1 A narrativa: questões teóricas .....  | 36  |
| 2.2 A estrutura narrativa em <i>The Nature of Blood</i> .....   | 44  |
| 3 <i>THE NATURE OF BLOOD</i> : INDIVIDUAÇÃO E REMEMORAÇÃO .....   | 66  |
| 3.1 Otelo: o preconceito contra o negro .....   | 68  |
| 3.2 Os judeus de Portobuffolè: antissemitismo no século XV .....  | 80  |
| 3.3 Eva e Margot Stern: judias na Alemanha nazista .....  | 88  |
| 3.3.1 Eva e Margot: <i>mulheres</i> .....   | 89  |
| 3.3.2 Eva Stern: a <i>Shoah</i> .....   | 92  |
| 3.4 Stephan Stern e Malka: esperança e preconceito .....  | 97  |
| CONCLUSÃO .....   | 104 |
| REFERÊNCIAS .....   | 109 |
| ANEXOS .....  | 112 |

## INTRODUÇÃO

A vida não existe em um vácuo. Mais do que vistos em sua unicidade, eventos devem ser compreendidos no seio de uma cadeia de relações causais, entremeados em e urdidos através de complexas relações entre passado e presente. Assim, comparações entre atitudes assumidas pelo ser humano em diferentes momentos históricos tornam-se pertinentes.

*The Nature of Blood*, do romancista Caryl Phillips, é um livro poderoso que, ao analisar o preconceito, não se limita a apenas um momento histórico, lugar ou ponto de vista. Ao contrário, aborda o tema a partir de visão ampla, que engloba mais de seiscentos anos de história, e enfoca dois dos grupos étnicos que mais persistentemente têm sido alvos da discriminação- os negros e os judeus. As quatro histórias que se embricam, diferentes, mas comparáveis, acrescentam, cada uma, nova dimensão ou nuance à discussão do tema. Os distintos tratamentos dados a cada situação finalmente se encaixam, provendo uma interpretação ampla de possibilidades para discutir o problema – infelizmente – universal e atemporal do preconceito.

Dado o fato de que apenas pequena parcela da obra de Phillips está publicada no Brasil (apenas dois dos seus nove romances, e nenhuma de suas antologias, obras de não ficção e produção teatral), o autor é ainda relativamente desconhecido no país, pelo que, inicialmente, dedica-se espaço a sua apresentação. Caryl Phillips nasceu em São Cristóvão (em inglês Saint Kitts), ilha caribenha, no dia 13 de março de 1958. Nesse ano, seus pais emigraram para a Inglaterra. Cresceu em Leeds, onde permaneceu até se tornar professor na universidade de Oxford. Começou escrevendo peças de teatro e *scripts* para filmes, televisão e rádio. Seu primeiro romance foi *The Final Passage*, de 1985, após o qual se seguiram outras obras de ficção. *The Nature of Blood*, publicado em 1997, foi considerado pelo *Washington Post* seu livro mais complexo e ousado, incluindo-se nessa percepção seu mais recente livro de ficção, *In the Falling Snow* (2009). Também escreveu três livros de não-ficção, entre eles o famoso volume de ensaios intitulado *The European*

*Tribe* (1987). É jornalista e professor universitário, trabalhando atualmente como professor de língua inglesa na Universidade de Yale.

Como membro da diáspora do Caribe na Inglaterra e, mais tarde nos Estados Unidos, Phillips experimentou agudamente o poder do preconceito contra o negro, e a experiência do despertamento. Conforme declara em entrevista concedida a Stephen Clingman em 2002, as experiências por que passou têm informado sua obra, com o intuito de amenizar esses problemas para as gerações futuras:

I'm a kid who grew up in a society that didn't want me – that really tried to find sorts of subtle and unsubtle ways to make it uncomfortable for me to function in that society. And it really affects me when I see kids having to go through that. Obviously, one of the reasons to write is to try to make sure that the society changes its attitude so that kids don't have to go through that any more. I know that's a very grandiose idea and a very grandiose aim. But when I see young kids who are not going to be taken into a society, and whose parents don't seem to be able to help them enter that society – or, in this case, are actually quite unwilling to help them enter the society, then I find it quite disturbing.<sup>1</sup>

Na verdade, Phillips concebe a missão de diminuir o preconceito como tarefa inescapável ao escritor contemporâneo: “We don't have any choice in the twenty-first century but to understand that we are not limited by what we see when we look in the mirror and brush our teeth in the morning; that all we're seeing is a very literal and a very reductive image of who we are”.<sup>2</sup>

Em *The Nature of Blood*, o romancista amplia a experiência da discriminação contra o negro, que sentiu na própria carne, inscrevendo-a paralelamente a outras experiências de marginalização: de classe, de gênero, de credo, e de raça. Ao cruzar a experiência do preconceito contra o africano e o judeu negro ao longo de diferentes épocas do *continuum* histórico, Phillips imprime a essa discussão visão bifocal e trans-histórica dos fatos, ampliando o efeito da narração dessas formas de não-aceitação da alteridade.

---

<sup>1</sup> PHILLIPS, 2009a, p. 99. “Eu sou um garoto que cresceu em uma sociedade que não me queria - que realmente tentou encontrar variadas maneiras sutis e nada sutis para tornar desconfortável para mim para atuar naquela sociedade. E realmente me afeta quando vejo crianças terem que passar por isso. Obviamente, uma das razões para escrever é tentar se certificar de que a sociedade mude sua atitude para que as crianças não tenham mais que passar por isso. Eu sei que é uma ideia muito grandiosa e um objetivo muito grandioso. Mas, quando eu vejo crianças que não vão ser aceitas em uma sociedade, e cujos pais não parecem ser capazes de ajudá-los a fazer parte dessa sociedade - ou, neste caso, estão realmente sem muita vontade de ajudá-los participar da sociedade, então acho que é bastante preocupante”.

<sup>2</sup> Id. Ibid., p. 113. “Nós não temos outra alternativa no século XXI, a não ser compreender que não estamos limitados por aquilo que vemos quando olhamos no espelho e escovamos os dentes pela manhã, que tudo o que vemos é uma imagem muito literal e muito redutiva do que somos”.

A opção por traçar um paralelo entre o preconceito contra esses dois povos, impôs uma escolha quase inevitável: comentar a mais traumática das experiências que se impôs à mentalidade do homem contemporâneo: a da *Shoah*. A literatura se coloca então como uma ferramenta envolvente, capaz de produzir um bom resultado na rememoração do Holocausto, dado seu poder de ajudar a libertar a humanidade de preconceitos e do vazio de pensamento, causador da banalidade do mal. Como afirmou o ganhador do Nobel de literatura deste ano, Mario Vargas Llosa: “A literatura é fundamental se queremos um futuro de liberdade. Nada desperta o espírito crítico numa sociedade como uma boa literatura”.<sup>3</sup>

E a reflexão não pode parar. Negar a existência do horror nazista só pode contribuir para a vitória da superfluidade. Se é desconfortável pensar nas atrocidades perpetradas pelo nazismo: “Hungry. Angry. Pathetic people clinging meekly to the remnants of their lives and wondering if, through hard work, they might earn the right to live. [...] skin and bone. Faces hollowed, skulls grotesquely visible, temples sunken in...”<sup>4</sup>, deve-se imaginar quão pior o foi para os sobreviventes. Não obstante, seguiram sua missão, pois, tal qual o general Dwight Eisenhower, sabiam que poderia chegar o dia em que diriam que tamanha barbárie jamais aconteceu:

El 12 de abril de 1945, todavía la rendición de Alemania no se había producido. Sin embargo, tres notables artífices del Ejército norteamericano – George Patton, Omar Bradley y Dwight Eisenhower – visitan el campo de Ohrdruf, dependiente de Buchenwald. Sus ojos se estrellan contra un espectáculo que rebasa a todas luces una perspectiva militar y se resiste a entrar en los parámetros de lo hasta entonces concebido como un comportamiento de guerra. [...] En efecto, los Aliados, especialmente los norteamericanos, atribuyeron dos funciones a la imagen indigesta de cuanto se veía en los campos: la muestra de los horrores como instrumento pedagógico y como forma de acusación. Testimonio y educación: pieza de convicción para un proceso jurídico, mas igualmente confianza en que el sufrimiento de ojo ante lo inhumano debía ser garantía para evitar la repetición. Si la pregunta que se hacían los soldados norteamericanos era ‘Why We Fight?’, la respuesta – Eisenhower dixit – estaba en estas imágenes y la brindaban los reporteros y documentalistas. Ante lo increíble, lo innombrable, lo inefable, el ejército imponía un imperativo ético: ver a manos llenas.<sup>5</sup> (ver Anexos B-I).

<sup>3</sup> LLOSA, 2010, p. 1.

<sup>4</sup> PHILLIPS, op. cit., p. 162. “Famintos. Irados. Pessoas dignas de pena agarradas submissamente aos restos de suas vidas e imaginando se, através do trabalho duro, elas poderiam ganhar o direito de viver. [...] Pele e osso. Faces ocas, crânios grotescamente visíveis, têmperas afundadas...”

<sup>5</sup> BIOSCA, 2001, p. 2. “Em 12 de abril de 1945, embora a rendição da Alemanha ainda não tivesse ocorrido. Sem embargo, três notáveis artífices do Exército americano - George Patton, Omar Bradley e Dwight Eisenhower - visitam o campo de Ohrdruf, parte de Buchenwald. Seus olhos se estilhaçam em um espetáculo que excede claramente uma perspectiva militar e se recusam a enquadrar-se nos parâmetros do até então concebido como um comportamento de guerra. [...] Em verdade, os Aliados, especialmente os americanos, atribuíram duas funções à imagem indigesta do que foi visto nos

Tal como a epifania negativa provocada pelas imagens de Eisenhower, a função pedagógica do *Tremendum horrendum* no texto literário configura-se na rememoração: lembrar para não esquecer e, dessa forma, evitar a repetição. Por outro lado, por mais chocante que possa ser, não se pode negar que a *Shoah* se converteu em um negócio rentável: a curiosidade e/ou o empenho em tentar saber e entender o que aconteceu nos campos de concentração têm rendido inúmeros livros e filmes, que sempre encontram ávido público consumidor. Nesse contexto, Seligmann-Silva advoga que as vítimas devem esquecer para poder seguir em frente. Não se trata de um “negacionismo”, ou o proposital esquecimento de um genocídio:

O trabalho de luto que realizamos com relação à Shoah – um trabalho dúbio, fadado a sempre recomeçar, muito mais melancolia que propriamente luto – Friedländer compara ao que Maurice Blanchot denominou de ‘observação do significado ausente’. Portanto, o ‘paraíso liberal do ceticismo espertalhão’ – na expressão de Gertrud Koch – que nega a existência do real (em vez de negar apenas a existência de uma determinação *única* e ontológica do mesmo) serve de guarda-chuva para as ideias dos (in)famosos negacionistas de Auschwitz e simplesmente evita a reflexão sobre o ‘espaço’, entre a linguagem e o ‘real’.<sup>6</sup>

Muitos fotógrafos e cineastas entenderam que era necessário registrar tudo sem cortes nem truques, para que nunca se acusasse que foram montagens feitas por eles. No entanto, o governo polonês, não tendo a mesma percepção, após a guerra, retocou fotos que documentavam os crimes nazistas, para torná-las mais nítidas. A partir dos anos 1980, essas fotos foram usadas como subterfúgio pelo nazi-negacionismo, para lançar dúvida a respeito de todas as imagens capturadas nos campos. Como lembrou Cytrynowicz: “O truque nazi-negacionista é tão simples quanto eficiente, e repete a propaganda nazista dos anos 1930 e 1940: lança-se a dúvida sobre um ponto minúsculo [...] e a partir daí lança-se a suspeita sobre a própria ocorrência da história do genocídio”.<sup>7</sup> A tentativa é concatenar um fato isolado, como um retoque ingênuo, a uma teoria de que todos os registros são

---

campos: o exemplo dos horrores como instrumento pedagógico e como forma de acusação. Testemunho e educação: peça de convicção para um processo jurídico, mas também, confiança de que o sofrimento do olho diante da desumanidade deve ser garantia para evitar toda repetição. Se a pergunta que se faziam os soldados norte-americanos era ‘*Por que lutamos?*’, a resposta - Eisenhower dixit - estava nestas imagens oferecidas pelos repórteres e cineastas. Diante do incrível, do inominável, do inefável, o exército impôs um imperativo ético: ver de mão cheia”.

<sup>6</sup> SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 50.

<sup>7</sup> CYTRYNOWICZ, 2003, p. 130.

irreais, “dentro de uma lógica de que um complô judaico-cristão estaria escondendo a ‘verdadeira história’”.<sup>8</sup>

Na Inglaterra, no ano de 2007, algumas escolas retiraram o Holocausto de seu currículo, apesar de ele ser obrigatório, “for fear of confronting anti-Semitic sentiment and Holocaust denial among some Muslim pupils”<sup>9</sup> – conforme o *BBC News*. Felizmente, o Brasil, especificamente a cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, demonstra uma maturidade em relação ao tema, aprovando por unanimidade, no dia 15 de setembro, a obrigatoriedade do ensino do Holocausto na rede de ensino municipal:

‘Nós ainda vivemos a sombra do Holocausto, uma sombra que não se dissipa e nunca se dissipará. É fundamental guardar esse período na memória, ainda que seja um dos mais pesados da história’, justificou o vereador Valter Nagelstein (PMDB), autor do projeto. Com a adoção da proposta, Porto Alegre passa a ser a primeira cidade brasileira a oficializar o Holocausto como matéria curricular obrigatória. A medida já é adotada em países europeus e em várias cidades americanas.<sup>10</sup>

O romance de Phillips se irmana ao esforço de rememoração. Como verbalizado pelo autor, suas obras têm o objetivo instrumental de fazer com que a literatura converta-se em instrumento de reflexão de forma que se crie consciência crítica para se enfrentar o preconceito, e de unir aqueles que a barreira da identidade racial separou. Longe de serem grosseiramente panfletários, seus livros, escritos com esmero técnico, embora se centrando em problemas e vivências do universo negro, comentam temas universais, como a liberdade e a dignidade humanas. Conforme afirma a Birbalsingh,

Any writer gets to a certain stage where they realize that they have developed skills to tell a story, and they have to find ways to achieve more insight and precision. It becomes a matter of wanting to tell you stories in ever-increasingly poignant, disturbing and challenging ways.<sup>11</sup>

<sup>8</sup> CYTRYNOWICZ, 2003, p.130.

<sup>9</sup> BBC NEWS, 2007, p. 1. “por medo de enfrentar o sentimento antisemita e a negação do Holocausto entre alguns alunos muçulmanos”.

<sup>10</sup> UOL Educação, 2010, p. 1.

<sup>11</sup> BIRBALSINGH, 1996, p. 195. “Qualquer escritor chega a um certo estágio onde percebe que desenvolveu habilidades para contar uma história e tem que encontrar maneiras de conseguir mais conhecimento e precisão. Isso se torna uma questão de querer contar histórias de maneira cada vez mais pungente perturbadora e desafiadora”.

De acordo com Theodor Adorno, a obra de arte consegue falar mais alto que os fatos e sua documentação. O filósofo toma como exemplo a fotografia, afirmando que a documentação realista não consegue ser tão eficaz quanto a arte para fazer pensar sobre as injustiças cotidianas:

O obscurecimento do mundo torna racional a irracionalidade da arte: mundo radicalmente ensombrado. O que os inimigos da arte nova, com instinto mais sagaz do que os seus apologistas ansiosos, chamam a sua negatividade é a própria substância do que foi recalcado pela cultura estabelecida. O recalcado atrai aí. No prazer do recalcado a arte recebe ao mesmo tempo a infelicidade, o princípio recalcante, em vez de se limitar a protestar em vão. Ao exprimir a infelicidade pela identificação, antecipa a sua perda de poder; isto, e não a fotografia da infelicidade nem a falsa beatitude, circunscreve a posição de uma arte atual autêntica relativamente à objetividade entenebrecida. Qualquer outra posição se convence, pela sua sentimentalidade, da própria falsidade.<sup>12</sup>

Portanto, o livro estudado configura-se material com maior capacidade de reflexão sobre a maldade humana que as fotografias de Eisenhower, ajudando na luta contra a perpetuação de horrores praticados entre os seres humanos.

Em *The Nature of Blood* Phillips recorre a diferentes vozes para contemplar as diversas identidades, e as diferenças locais e temporais, escrevendo um ambicioso romance histórico, construído por várias tramas entrelaçadas, que transcorrem em diversos locais – Alemanha, Veneza, Londres, Palestina, Chipre. As narrativas, intercaladas, têm lugar em vários pontos no tempo, desde a Renascença até a Segunda Guerra Mundial e à atualidade. A personagem central é uma jovem judia alemã, Eva Stern, cuja vida é narrada desde meados de 1930 até sua libertação dos campos da morte. No decorrer da narrativa, Eva perde sua casa, seus pais, sua irmã, seus poucos amigos e, finalmente, sua sanidade. Outra trama é sobre a vida do tio de Eva, Stephan Stern, que foge da Alemanha nazista ao custo de perder sua esposa e filho, sacrificando a família, a fim de ajudar a fundar uma força militar na Palestina.

Phillips também remonta ao Renascimento, uma época de ouro da cultura europeia, em busca das raízes históricas da intolerância. Reconta a história de um pequeno grupo de judeus do século XV, os quais fogem da perseguição na Alemanha e se instalam na República de Veneza, na cidade de Portobuffolè. Chegam como estrangeiros, e estrangeiros permanecem. Embora tolerados na Itália

---

<sup>12</sup> ADORNO, 1982, p. 30-31.

por emprestarem dinheiro a juros, ainda são temidos por seus costumes “estranhos”. Pouco depois da Páscoa de 1480, moradores acusam os judeus de Portobuffolè de assassinarem um garoto cristão que tinha sido visto andando pela cidade e desaparecido, o que resulta em sua condenação.

A Veneza renascentista é também o local de uma outra trama: Phillips reconta a história de Otelo, trazido a Veneza para guerrear contra os turcos infiéis. Veneza precisa do general mouro – da mesma forma que da agiotagem dos judeus – para proteger o seu império, mas não espera que ele viole suas barreiras raciais e religiosas. A força da endogamia, aqui e no resto da trama, é marcante.

O romance termina como começa, com uma visão fugaz de Sião. A celebração reúne dois judeus – um branco e outro negro: Stephan Stern, tio de Eva Stern, e uma enfermeira jovem, bonita e desempregada, chamada Malka, que chega à pátria judaica vinda da Etiópia. Dessa forma, unem-se, no final, os dois grupos étnicos a partir dos quais se desenvolve a meditação sobre o preconceito e desrespeito contra o ser humano nesse romance, em que o desejo de todas as personagens centrais é o da possibilidade de vida e que, em vez da raça, a natureza do sangue, comum a todos, seja levada em conta.

A opção de cruzamento das posicionalidades judeu/ negro, homem/mulher, detentor do poder/paciente das consequências de poder injusta e desumanamente exercido é parte da estratégia de Phillips de dar voz àqueles a quem esta é negada, uma estratégia que, como já afirmado anteriormente, apóia-se em sua própria história vital:

Describing his childhood as a time of profound silence about his identity, Phillips suggests that his deprivation led him to use his writing to give voiceless people a chance to tell their own stories and consequently write themselves into history. Additionally, he often makes note of the importance of his learning about anti-Semitism and the Holocaust when a teenager because he could finally relate the hardship of his own life to a people's story, even if it was not his own people or his own story.<sup>13</sup>

Comentando a *Shoah*, Hanna Arendt diz:

---

<sup>13</sup> PHILLIPS, 2009, p. xii. “Descrivendo sua infância como um tempo de silêncio profundo sobre sua identidade, Phillips sugere que sua privação levou-o a usar sua escrita para dar às pessoas sem voz a chance de contar suas próprias histórias e, conseqüentemente, escrevem-se na história. Além disso, muitas vezes ele fez menção da importância do seu aprendizado sobre o antissemitismo e Holocausto, quando era adolescente, porque ele poderia, finalmente, relacionar as dificuldades de sua própria vida com a história de um povo, mesmo que não fosse o seu próprio povo ou a sua própria história”.

A história humana nunca conheceu um episódio mais difícil de ser narrado. A monstruosa igualdade na inocência [dos que morreram], que é seu tema principal, destrói a própria base em que se produz a história – a saber, nossa capacidade de compreender um acontecimento, por mais distantes que estejamos.<sup>14</sup>

Apesar da dificuldade de narrar a *Shoah* e outros casos superlativos de intolerância e desrespeito ao homem, é extremamente necessário que se narrem essas histórias, para motivar sua não-repetição. Para Paul Ricoeur, a ficção é o corolário da individuação pelo horror e pela admiração, devido ao “poder que [...] tem de provocar uma ilusão de presença, mas controlada pelo distanciamento crítico”.<sup>15</sup>

Foi o desafio de compreender o preconceito, especialmente em suas formas mais violentas, como a perpetrada durante o nazismo, que levou à decisão de encetar a presente pesquisa. *A priori*, o desejo de trabalhar o tema amparava-se na vontade de contribuir para o consolo das vítimas do horror, através da denúncia e ânsia da punição dos responsáveis e dos herdeiros do seu legado perverso. A motivação para enfrentar o preconceito aumentou ao se tomar conhecimento dos registros fotográficos de um campo de concentração nazista, a pedido do general Dwight Eisenhower, para que nunca se duvidasse da ocorrência de tamanho horror. Contudo, após o estudo dos postulados arendtianos sobre essa expressão máxima de preconceito racial, compreendeu-se que, qualquer atitude de enfrentamento somente ratificaria a ideologia violenta do nazismo e nenhuma punição exequível poderia equivaler-se aos danos causados às vítimas. Ademais, não se pode reduzir a culpa aos alemães: ela é de toda a humanidade, pois todos compartilham a mesma “natureza do sangue”. O aprofundamento dos estudos referentes ao tema fez do contato com *The Nature of Blood* a oportunidade de promover um dos meios possíveis para evitar que o horror se repita: a reflexão.

Para atingir os objetivos deste trabalho, buscaram-se, inicialmente, fundamentos teóricos para compreender a capacidade humana de perpetrar o mal a seres possuidores da mesma natureza. Assim, o primeiro capítulo apresenta os conceitos de “banalidade do mal”, tal qual proposto por Hannah Arendt; vitimização, imputação, individuação, rememoração, entre outros, estudados por Paul Ricoeur; memória individual e memória coletiva, a partir de Maurice Halbwachs.

---

<sup>14</sup> ARENDT, 2008, p. 127.

<sup>15</sup> RICOEUR, 1997, p. 326.

O segundo capítulo preocupou-se com a compreensão da intrincada estrutura do romance, indispensável para o entendimento da trama narrativa. Buscou-se apoio para a análise da forma nos postulados de Walter Benjamin e Theodor Adorno, bem como do discurso da narrativa em Gérard Genette. No terceiro capítulo, o último de análise propriamente dita, retomam-se os conceitos fundamentais expostos no capítulo inicial, aplicando-os à análise das personagens.

## 1 DA NARRATIVA DO *TREMENDUM HORRENDUM*: VITIMIZAÇÃO, IMPUTAÇÃO, INDIVIDUAÇÃO E REMEMORAÇÃO

*Do I want to remember this world upside down?  
Where the departed are blessed with an instant death.  
While the living condemned to a short wretched life,  
And a long tortuous journey into unnamed place,  
Converting Living Souls, into ashes and gas.  
No. I Have to Remember and Never Let You Forget.  
Alexander Kimel- Holocaust Survivor<sup>16</sup>*

O mal é algo que sempre intrigou os seres humanos, e seu verdadeiro significado continua a ser buscado até hoje. Inúmeros mitos e figuras foram criados em seu nome; sentimentos e atos negativos têm-lhe sido atribuídos, como se o mal fosse uma entidade autônoma. Conforme Paul Ricoeur, “nenhum tema, fora o amor e a morte, suscitou tantas construções simbólicas quanto o mal. O que continua a ser filosoficamente instrutivo é o tratamento narrativo da questão da origem na qual o pensamento puramente especulativo se perde até o fracasso”.<sup>17</sup>

Hannah Arendt atribui a gênese do que se julga ser uma atitude maléfica ao que chama de “vazio de pensamento”. Essa “ausência de pensamento”, “irreflexão” ou “superficialidade”, como a autora nomeou tal fenômeno ao longo de sua obra, só pode ser compreendida em contraste com seu positivo: o pensar. Arendt situa o pensamento entre as *energeia*,

aqueles atos que (como o de tocar flauta) têm o seu fim em si mesmos e não deixam nenhum produto, externo e tangível, no mundo que habitamos. Não podemos datar o momento em que essa necessidade começou a ser sentida; mas simplesmente a linguagem e tudo aquilo que conhecemos sobre épocas pré-históricas e sobre mitologias cujos autores não podemos identificar nos dão certo direito de supor que essa necessidade é contemporânea ao aparecimento do homem sobre a Terra.<sup>18</sup>

---

<sup>16</sup> *Se eu quero recordar esse mundo de ponta-cabeça?/ Onde os que partiram foram abençoados com uma morte instantânea. / Enquanto os vivos condenados a uma vida curta e infeliz, / Convertendo Almas Vivas, em cinzas e gás. / Não. Eu Tenho que lembrar e Nunca Deixá-lo Esquecer.*

Alexander Kimel - Sobrevivente do Holocausto

<sup>17</sup> RICOEUR, 2007, p. 471.

<sup>18</sup> ARENDT, 2008, p. 149.

Sendo a reflexão uma característica própria do ser humano, o vazio de pensamento é uma atividade humana degenerada, que impede as pessoas de se sensibilizarem em relação a seus semelhantes. Independente da situação alheia, o ser irreflexivo ou superficial age de acordo com sua própria necessidade, buscando realização e satisfação pessoal, sem se importar com o que será tirado do outro. Essa atitude tem levado, por exemplo, à usurpação de propriedades, da família, da dignidade e mesmo da vida em certos contextos de exceção, como é o caso de populações submetidas a sistemas totalitários.

Apesar de o conceito arendtiano de “banalidade do mal” não ter sido definido, pode-se entendê-lo a partir dos escritos da pensadora sobre como o homem tornou-se prisioneiro da necessidade e do supérfluo, deixando de respeitar os direitos alheios. Ao invés de pensar coletivamente, passa a ser um *animal laborans*, sem relações humanas, sem consciência moral, sem vontade, sem julgamento, praticando o mal de forma banal.

O julgamento de Adolf Eichmann, um dos arquitetos da “solução final” nazista, levou a filósofa a aprofundar suas reflexões a respeito do tema. Arendt já escrevia sobre o fascismo – outro sistema totalitário – desde a década de 40, afirmando a necessidade de não oposição direta e sistemática ao horror apenas, pois poderia simplesmente condenar o opositor, o que não resolveria o problema do totalitarismo. Convém tentar participar do diálogo interminável a respeito da essência do sistema totalitário, haja vista que, ao compreender o outro e suas razões, é que será de fato possível lutar contra o tal sistema.

Arendt sabia que isso não é tarefa fácil. Para tanto, desenvolveu uma maneira própria de escrever, distinta da dos filósofos famosos de sua época, pois não usava muitos jargões filosóficos. Foi uma pensadora política e escritora clara, escrevendo para o público em geral, não apenas para plateias acadêmicas, pois sabia a importância da maior quantidade possível de pessoas conhecerem e refletirem sobre os temas de que tratava. Enquanto correspondente da revista “The New Yorker”, durante o julgamento de Eichmann – de abril a junho de 1961 –, Arendt percebeu que, mais do que um julgamento, o episódio deveria vir a se constituir em uma lição,

uma advertência a quem tivesse praticado ou cogitasse praticar atos considerados monstruosos, como os do réu<sup>19</sup>.

De família alemã, o único dos cinco filhos de Karl Adolf e Maria Eichmann a não terminar a escola secundária, Adolf viu no nazismo a chance de ascender socialmente, concretizada com sua participação na chamada “solução final”, a deportação de judeus para campos de trabalhos forçados e o genocídio. Sua mente, um tanto arrivista, cria que a melhor forma de galgar espaço no governo hitleriano seria tornando-se um exímio cumpridor de ordens, o que praticava com um vazio de pensamento que o levou à arquitetura de crimes hediondos no exercício de sua profissão, quando deportou e mandou exterminar milhões de seres humanos como quem conduz o gado para ser abatido.

Arendt observou no réu uma completa irreflexão a respeito dos atos praticados: não havia ódio pelos judeus no seu coração, apenas pouca inteligência, uma mediocridade e obediência que o levaram a cometer atrocidades por não ter consciência do outro enquanto tal:

Foi essa ausência de pensamento – uma experiência tão comum em nossa vida cotidiana, em que dificilmente temos tempo e muito menos desejo de parar e pensar – que despertou meu interesse. Será o fazer-o-mal (pecados por ação e omissão) possível não apenas na ausência de ‘motivos torpes’ (como a lei os denomina), mas de quaisquer outros motivos, na ausência de qualquer estímulo particular ao interesse ou à volição? Será que a maldade – como quer que se defina esse estar ‘determinado a ser vilão’ – *não* é uma condição necessária para o fazer-o-mal? Será possível que o problema do bem e do mal, o problema de nossa faculdade para distinguir o que é certo do que é errado, esteja conectado com nossa faculdade de pensar? Por certo, não, no sentido de que o pensamento pudesse ser capaz de produzir o bem como resultado, como se a ‘virtude pudesse ser ensinada’ e aprendida – somente hábitos e costumes podem ser ensinados, e nós sabemos muito bem com que alarmante rapidez eles podem ser desaprendidos e esquecidos quando as novas circunstâncias exigem uma mudança nos modos e padrões de comportamento.<sup>20</sup>

Após esses questionamentos, e a constatação de que Adolf Eichmann não tinha nenhum distúrbio, nem havia se esquecido das boas maneiras, e mais, nem sentia remorso pelas brutalidades cometidas, é que Arendt desenvolveu o conceito

---

<sup>19</sup> Eichmann foi condenado por todas as acusações, inclusive a de crime contra a Humanidade, sendo enforcado em 2 de Junho de 1962, na prisão de Ramla, perto de Tel Aviv. Esta foi a única execução feita pela lei israelita que não prevê a pena de morte.

<sup>20</sup> ARENDT, 2008, p. 19.

de “banalidade do mal”. Para compreendê-lo, ela se vale do conceito kantiano de “mal radical”.

Em relação ao termo ‘mal radical’, Kant o tomou de Baumgarten (Preleções, 1773). Já o termo *radical* vem de toda uma tradição neoplatônica, agostiniana, sem esquecermos também de Leibniz e toda a escola que o segue. *Radical* significa *limitatio*. O *radical* é, conforme Leibniz, a finitude original da criatura.<sup>21</sup>

O conceito em questão apresenta quatro pontos fundamentais: a disposição original para o bem na natureza humana, a propensão para o mal na natureza humana, a maldade inata do homem e a origem do mal na natureza humana. O primeiro trata de uma predisposição primeira do ser humano para o bem, pois é livre para ser bom, sendo possuidor de três elementos de determinação: sua animalidade, enquanto ser vivo; sua humanidade, como ser vivo e racional; sua personalidade, por ser racional e responsável. A primeira determinação é desprovida de razão, a segunda possui razão prática, ligada a motivos exteriores, e a terceira é portadora de uma razão prática por si mesma, sendo legisladora, autônoma e determinante da vontade. O ser humano possui livre arbítrio, podendo obedecer ou não à lei moral, haja vista essa estar relacionada com a natureza da razão, mas não com a natureza humana, que é finita e não segue tal lei. É na possibilidade de arbítrio que se inscreve o mal radical.

O segundo aspecto fundamental na compreensão do conceito em questão – a propensão para o mal na natureza humana – refere-se a uma possibilidade que os indivíduos têm de se desviar das leis morais, como uma propensão natural para o mal, que é inerente ao gênero humano e possui três níveis: a *fragilidade*, diante da tentação; a *impureza* do coração que mistura imoralidade à moralidade; a *maldade* ou *corrupção* do coração que, por possuir livre arbítrio inverte os valores, e torna o ser perverso. Quando se utiliza a lei para servir aos próprios caprichos em vez de servi-la, ou quando esta é cumprida por interesse ou medo, e não pelo bem da vida social, essa perversão do coração é residência do mal radical.

Admitindo o ser humano como conhecedor da lei moral, esse desvio de conduta é o terceiro aspecto considerado por Kant: o homem é mau por natureza. A disposição originária para o bem continua presente na natureza humana, com toda a sua pureza, embora a liberdade corrompa seu coração.

---

<sup>21</sup> SOUKI, 1998, p. 19.

O mal radical está aderido à nossa existência ordinária, não sendo jamais um abismo de malignidade. A moral pode admitir o diabo; pelo menos como hipótese, mas não que o homem seja diabólico. [...] O homem (inclusive o pior) seja em que máximas for, não renuncia à lei moral, por assim dizer, rebelando-se (com recusa da obediência). Pelo contrário, a lei moral impõe-se-lhe irresistivelmente.<sup>22</sup>

A quarta questão possui uma incógnita proposital para que mantenha o pensamento ocupado com sua possível solução, evitando cair na ignorância, fonte do mal radical e da banalidade do mal. Essa incógnita é a possibilidade da descoberta da origem inteligível do bem e do mal. Nádia Souki, apoiada em Herrero, dá uma pista na busca racional da origem do mal, devido à impossibilidade temporal de se localizá-la: todos são responsáveis pelo mal cometido, já que se nasce com propensão a ele e dele se tem consciência. O mal seria o iniciador da própria história humana, pois no Jardim do Éden havia uma inocência absoluta antes da passagem humana do instinto à razão:

o surgimento da história se dá quando a razão se desprende de sua ligação com a natureza e com a animalidade, e o homem realiza pela primeira vez uma ação livre. Daí a célebre frase de Kant: 'A história da natureza começa pelo bem, pois é obra de Deus; a história da liberdade começa pelo mal, pois é obra do homem'.<sup>23</sup>

Embora Kant tenha analisado a questão a partir de um viés religioso e Arendt político, a convergência de suas teorias se dá na questão da destruição da dignidade humana através da transformação das pessoas em seres supérfluos:

O mal se realiza, tanto para Kant quanto para Hannah Arendt, quando o homem deixa de ser um fim em si mesmo, quando ele deixa de ter a primazia sobre tudo mais e torna-se um meio, um instrumento. Sua existência já não se justifica por si mesma, mas se torna condicionada a um valor utilitário, a um valor relativo às necessidades definidas pelas contingências históricas e políticas. Nessa relativização de valor a vida humana perde, também, seu significado, deixando de ser necessária e essencial, para ser inconsequente e banal. Aí, onde o homem é destruído em sua humanidade, a ação humana, que é essencialmente caracterizada pela espontaneidade e pela possibilidade de sempre poder iniciar, poder perene de começar e de fundar a novidade, é interdita em sua própria fonte: a liberdade.<sup>24</sup>

O totalitarismo valeu-se da estratégia do isolamento para disseminar o mal, o terror. Isolando suas vítimas – não somente as que pretendia dominar, mas também

---

<sup>22</sup> KANT, 2008, p. 42.

<sup>23</sup> SOUKI, 1998, p. 31.

<sup>24</sup> Id. Ibid., p. 135.

aquelas que eram instrumento de dominação –, garantia que ficassem sem um lugar reconhecido e garantido pelos outros. Sem raízes, aliados tornaram-se leais à causa totalitária, supérfluos e propensos ao mal, enquanto as demais vítimas (judeus, por exemplo) tornaram-se solitárias, deduzindo mecanicamente a lógica ideológica do sistema que as oprimia, destruindo toda a dignidade humana:

Os campos de concentração não são apenas destinados ao extermínio de pessoas e à degradação de seres humanos: servem também à horrível experiência que consiste em eliminar, em condições cientificamente controladas, a própria espontaneidade enquanto expressão do comportamento humano, e em transformar a personalidade humana em simples coisa, em alguma coisa que nem mesmo os animais possuem.<sup>25</sup>

Quando reificado, o sujeito gradativamente perde sua capacidade de raciocínio, passando também a “coisificar” quem o rodeia. A solidão foi auxiliadora incontestável na degeneração do indivíduo como ser social. O período de dominação hitleriano – de 1941 a 1944 – testemunhou tantos casos de isolamento humano e conseqüente impossibilidade de comunicação com o semelhante, que muitos judeus se esqueceram do próprio nome, que o caracterizava enquanto pessoa, representante de um meio, e que o diferenciava dos demais.

Ricoeur trata da solidão na linguagem de Hannah Arendt, que a ela se refere como a “contrapartida do fato da pluralidade humana. A solidão permanece fundamentalmente como uma interrupção da comunicação recíproca e mostra suas intermitências”.<sup>26</sup> Apoiado em Karl Jaspers, o filósofo conclui que a situação limite do conflito acrescenta à intermitência da solidão “a ideia de um antagonismo intransponível no qual se enxerta uma agonística do discurso e da ação”.<sup>27</sup> do discurso, porque impõe o caráter irreduzível no que tange ao político e ao social do senso comum; agonística da ação, pois toda ação é ação sobre, tornando a relação entre agente e paciente assimétrica. Dessa forma, a experiência negativa da falta se reveste da dimensão do mal, tornando-se um excesso, “demasia insuportável”, uma desgraça inqualificável a quem a tem que suportar.

Tudo isso reifica o ser humano, podendo hebetá-lo. Esse efeito também é obtido através de outra característica do regime totalitário, que é a ideologia do movimento. Manter o sujeito em movimento constante faz com que seja impossível

---

<sup>25</sup> ARENDT, 1989, p. 506.

<sup>26</sup> RICOEUR, 2007, p. 470.

<sup>27</sup> RICOEUR, loc. cit.

pensar, já que reflexão exige uma desaceleração. A capacidade de raciocínio é evitada pelos regimes de exceção, pois pode gerar autonomia e discordância das regras estabelecidas pelos superiores. O Estado totalitário impõe seu sistema de ideias, o qual ocupa o lugar do pensamento, tornando-o vazio. Conforme Souki, “este esvaziamento do pensar, operado pela ideologia, produz a indiferença ao mal, permitindo aos governantes totalitários, além da transmutação das percepções de bem e mal, a inversão total do quadro de valores de uma sociedade”.<sup>28</sup>

A reificação, consequência da aplicação de tais estratégias, destitui o ser humano de sua dignidade, provocando o horror. O ato de pensar, em contraste com o vazio de pensamento, leva à reflexão e estimula a memória, pois não se rememora no vazio, mas dentro de um contexto circunstancial. E foi para estimular a reflexão que a obra de Arendt foi escrita, instigando ao pensamento e à análise da formação cultural, como fez Kant com sua própria formação, pois sua época não era ainda esclarecida, mas em via de esclarecimento. Refletir e fazer refletir podem ser armas mais poderosas do que tentar combater um desvio – o totalitarismo – e resgatar a ordem antiga.

Os fenômenos totalitários são difíceis de entender. Diferem, em parte, das antigas formas de tirania, pois extinguem qualquer oposição, disseminando o horror, o qual deixou de ser um meio e passou a ser o fim pelo qual tantos foram vitimados. Em discurso feito à Rias Rádio Universidade, a pensadora política apontou para dois fatos principais que podem ajudar na compreensão do terror totalitário: o primeiro refere-se à distância dos campos de concentração, isolados do mundo exterior, para poder tratar os desaparecidos como se nunca tivessem existido; o segundo é o fato de apenas o líder no poder estar imune ao terror, pois os executores poderiam, a qualquer momento, por razões desconhecidas, ser executados. Os prisioneiros dos campos de concentração não podiam se defender do primeiro, e os funcionários do partido foram treinados para estar preparados para o segundo. Tanto um quanto o outro fato tornavam supérfluos e destituídos de individualidade quem estava a eles submetido. Os campos serviram para realizar experiências sobre reflexos e reações humanas a fim de destruir sua espontaneidade e transformar os prisioneiros em seres com atitudes idênticas e, portanto, previsíveis e de fácil manipulação:

---

<sup>28</sup> SOUKI, 1998, p. 130.

O cachorro de Pavlov, treinado para comer não quando sentia fome, mas quando ouvia o som de uma campainha, era um animal pervertido. Para que um governo totalitário atinja seu objetivo de controle total sobre os governados, as pessoas devem ser privadas não só de sua liberdade, mas também de seus instintos e impulsos, que não são programados para gerar reações idênticas em todos, mas sempre levam diferentes indivíduos a diferentes ações. O êxito ou fracasso do governo totalitário, portanto, depende, em última análise de sua capacidade de transformar seres humanos em animais pervertidos. De modo geral, isso nem sempre é possível, mesmo sob as condições do terror totalitário. Espontaneidade nunca pode ser inteiramente erradicada, porque a vida como tal e com certeza, a vida humana depende dela. Mas nos campos de concentração é possível extirpar grande parte da espontaneidade ou, em todo caso, se dedica o máximo esforço a extensão as experiências com essa finalidade. Para tanto, evidentemente, as pessoas têm de ser privadas dos últimos traços de sua individualidade e transformadas em conjuntos de reações idênticas; têm de ser afastadas de tudo o que lhes conferia identidade e singularidade na sociedade humana. A pureza da experiência ficaria comprometida caso se admitisse, mesmo como uma remota possibilidade, que esses espécimes da espécie *Homo sapiens* algum dia existiram como seres humanos de verdade.<sup>29</sup>

Da mesma forma, os cúmplices deviam seguir ordens por plena convicção no governo, pois se o fizessem por vontade própria poderiam, a qualquer momento, mudar de opinião. Como seguidores incontestáveis do sistema totalitário, os alemães envolvidos com o nazismo pensavam não haver vida fora de sua função. Aproveitando-se das raças “julgadas” pela natureza ou pela história, como raças inferiores ou decadentes, e dos infelizes compatriotas que assimilaram sua ideologia, os líderes conseguiram reger a opressão e quase extinção dos judeus na Alemanha, com poder e alcance inimagináveis. No entanto, tais ideologias mantidas “com uma inflexível e inédita coerência” não são invenções de Hitler e Stálin, “são muito mais antigas do que os sistemas em que encontraram plena expressão”.<sup>30</sup>

Para ser capaz de infligir o mal a seres igualmente possuidores da natureza humana, o perpetrador deve estar destituído do que Carlo Ginzburg chama de “imaginação afetiva” – *Einfühlung* – a qual “transporta para perto da experiência viva de outrem, no modo que Husserl denomina ‘apresentação’ (*Appräsentation*), e que não pode ser igualado a um ‘re-viver’ efetivo”.<sup>31</sup>

Esse apagamento imaginativo pode ainda ser associado à falha em considerar o outro como próximo, tomando-se o termo como é definido por Ricoeur. É na discussão dos sujeitos de atribuição da lembrança que o autor discute a tríplice atribuição da memória: a si, aos outros e aos próximos. Inicialmente, analisa a

---

<sup>29</sup> ARENDT, 2008, p. 327-328.

<sup>30</sup> Id. Ibid., p. 329.

<sup>31</sup> RICOEUR, 2007, p. 137.

aparente contradição entre a coesão dos estados de consciência do eu individualizado e a capacidade das identidades coletivas de conservar e recordar lembranças comuns, optando por explorar os recursos de complementaridade entre essas duas abordagens.

Com a ajuda da semântica e da pragmática do discurso, o filósofo francês analisa como a linguagem comum colabora para a compreensão da noção de atribuição das operações psíquicas a alguém. Percebe a grande utilização dos possessivos em primeira pessoa como uma possessão privativa da lembrança, constituindo, “na prática da linguagem, um modelo de minhadade para todos os fenômenos psíquicos”.<sup>32</sup> Ricoeur mostra como John Locke conseguiu teorizar essa operação devido à flexibilidade da língua inglesa, introduzindo jogos semânticos em torno da palavra *own*, além das expressões *appropriate*, *impute* e *accountable* – assumir a responsabilidade, ser responsável ou responsabilizar outrem.

Uma teoria jurídica da *ascription* (adscrição)<sup>33</sup> contribui para o esclarecimento dos conceitos de imputação e responsabilidade. Ao trabalhar com apropriação, Paul Ricoeur procura restituir esse significado utilizado na linguagem jurídica, ampliando-o quanto à relação entre a ação e seu agente, estendendo sua abertura à lembrança, “tanto na forma passiva da presença da lembrança no espírito, quanto na forma ativa da busca da lembrança”. Prossegue afirmando que “essa extensão da ideia de apropriação de uma teoria da ação a uma teoria da memória torna-se possível por meio de uma tese geral a respeito da totalidade do campo psíquico, a qual me foi inspirada pela obra de P. F. Strawson, *Les Individus*”.<sup>34</sup>

Valendo-se de uma das teses de Strawson sobre as relações gerais entre predicados práticos em particular e predicados psíquicos em geral, especificamente, a que diz caber a esses predicados o poder de serem atribuídos a outrem porque são atribuíveis a si mesmo – no que tange à ação e à razão, o outro tem o mesmo valor, e é passível das mesmas situações que o si, embora em planos diferentes –, Ricoeur afirma que a lembrança é considerada um tipo de imagem e a recordação uma busca, com ou sem reconhecimento. À primeira importa a quem acontece, à outra não compete evidenciar quem busca. Assim, a memória é concomitantemente

---

<sup>32</sup> RICOEUR, 2007, p. 134.

<sup>33</sup> “Condição do que está dependente; sujeição; submissão <a. do gerente ao diretor da empresa>”. (HOUAISS, 2001, p. 91).

<sup>34</sup> RICOEUR, op. cit., p. 135.

um caso particular e um caso singular. Particular porque os fenômenos mnemônicos são psíquicos também:

fala-se deles como de afecções e ações; é a esse título que são atribuídos a qualquer um, a cada um, e que seu sentido pode ser compreendido fora de toda atribuição explícita. É sob essa forma que eles também entram no *thesaurus* dos significados psíquicos que a literatura explora, ora na terceira pessoa do romance em ele/ela, ora na primeira pessoa da autobiografia [...], e até mesmo na segunda pessoa da invocação ou da imploração ('Senhor, lembra-te de nós'). A mesma suspensão de atribuição constitui a condição da atribuição dos fenômenos psíquicos a personagens fictícios.<sup>35</sup>

Singular porque a atribuição está tão intimamente relacionada com a afecção que constitui a presença da lembrança e com a ação do espírito para reencontrá-la que a suspensão da atribuição parece muito abstrata. Essa relação faz com que, ao lembrar-se de algo, o indivíduo lembre-se de si. A distância íntima entre o verbo "lembrar-se" e o substantivo "lembrança" pode passar despercebida devido a essa abstração.

A relação entre a atribuição e a identificação, da mesma forma que a nomeação dos fenômenos mnemônicos, esclarece como os pensadores da tradição do olhar atribuíram a memória ao campo do si, sem dificuldades. O teórico francês explica que a estreita relação do "quem" com o "que" torna difícil a transferência de lembrança de uma consciência a outra. A distinção no que diz respeito ao si é a "autodesignação, que, no caso da ação, reveste a forma específica da imputação".<sup>36</sup> Essa ocorre sempre que há consciência de si, e também, quando alguém pode se proclamar dono das próprias lembranças e "atribuir a outrem como a mim [si] os mesmos fenômenos mnemônicos".<sup>37</sup>

Nesse ponto, Ricoeur passa de uma fenomenologia da memória a uma fenomenologia da realidade social, penetrando o campo da sociologia para associar os fenômenos de representação, como os da memória, às práticas sociais, dentro do campo da teoria da ação. Com Bernard Lepetit, enfatiza "a formação do vínculo social no âmbito das relações de interação e a formação das identidades edificadas

---

<sup>35</sup> RICOEUR, 2007, p.136.

<sup>36</sup> Id. Ibid., p. 138.

<sup>37</sup> RICOEUR, loc.cit.

sobre essa base. Iniciativas e coerções nela desenvolvem suas dialéticas respectivas”.<sup>38</sup>

Tendo se afastado de uma fenomenologia marcada por fenômenos perceptivos e cognitivos, o pensador francês discute a relação com “os próximos”, merecedores de um tipo diferente de memória. Estes são as pessoas consideradas importantes, amigas, e que se situam em um espaço variável na relação entre o si e os outros, contando com privilégios devido a essa proximidade social: “Meus próximos são aqueles que me aprovam por existir e cuja existência aprovo na reciprocidade e na igualdade da estima”.<sup>39</sup> Citando Santo Agostinho, caracteriza os próximos como “almas fraternas”, não estrangeiras, podendo até desaprovar as ações, mas nunca a existência daqueles que estima. Assim, o apagamento do outro estaria relacionado ao seu não enquadramento dentro do rol daqueles a quem se atribui a categoria de “próximo”.

Todo esse percurso dos processos mnemônicos aos processos práticos leva à compreensão de que as trocas entre a memória viva das pessoas individuais e a memória pública das comunidades das quais elas fazem parte entram no campo da história pela atribuição mnemônica a si, aos próximos e aos outros, ocorrendo de forma concreta nesse plano intermediário da memória individual e da memória coletiva. Também, o sociólogo Maurice Halbwachs, em seu livro *A memória coletiva*, considera o papel da coletividade no resgate das lembranças:

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que os outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem.<sup>40</sup>

Para Halbwachs, os indivíduos situam-se em algum grupo, constituído por pessoas que possuem lembranças em comum, para quem se voltam quando é necessário recordar, experimentando sua influência e percebendo novas formas de pensar, às quais não teriam chegado sozinhos. A adoção de um ponto de vista comum os mantêm em contato com o grupo. Essa teoria coincide com a ricoeuriana, pois por comparação, pode-se relacionar a atribuição mnemônica a si com a

---

<sup>38</sup> RICOEUR, 2007, p. 140.

<sup>39</sup> Id. Ibid., p. 142.

<sup>40</sup> HALBWACHS, 2006, p. 30.

memória individual: quando ideias e imagens dos meios sociais são embasadas em lembranças individuais, frutos de um estado de consciência puramente individual, chamado de “intuição sensível”, a qual garante que não se confunda o passado com o de outrem, parecendo seu próprio passado real.

A memória coletiva é a atribuição mnemônica dos outros, pois as lembranças se apóiam umas nas outras para construir um significado coeso. Mesmo que o outro não esteja materialmente presente, pode-se falar em memória coletiva quando se evoca um fato que ocupou lugar na vida do grupo, e que foi visto e ainda o é, no momento da recordação, do ponto de vista desse grupo. Como o sociólogo raciocina, “é difícil encontrar lembranças que nos levem a um momento em que nossas sensações eram apenas reflexos dos objetos exteriores, em que não misturássemos nenhuma das imagens, nenhum dos pensamentos que nos ligavam a outras pessoas e aos grupos que nos rodeavam”.<sup>41</sup>

Falta localizar na teoria halbwachiana o lugar dos próximos. Analisando-se os postulados de Ricoeur a respeito destes, e um exemplo tomado por Halbwachs de uma turma escolar, é possível inferir a posição dos próximos em seu livro. Os alunos ainda pensam e se lembram de fatos ocorridos no ano em que foram colegas, mas o professor tem dificuldade em recuperar suas lembranças da turma, e muitas vezes não as recorda, pois teve diversas turmas em muitos anos de exercício docente. Isso ocorre porque “quando estava na sala de aula, ele exercia sua função – o aspecto técnico de sua atividade não tem relação com tal turma mais do que com qualquer outra”.<sup>42</sup> Essa falta de identificação demonstra que os alunos eram os “outros” do professor, enquanto esse e seus colegas eram “próximos” entre si. Portanto, é necessária proximidade no grupo, pois

Para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser reconstruída sobre uma base comum. Não basta reconstruir pedaço a pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstrução funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aqueles e vice-versa.<sup>43</sup>

---

<sup>41</sup> HALBWACHS, 2006, p. 43.

<sup>42</sup> Id. Ibid., p. 34.

<sup>43</sup> Id. Ibid., p. 39.

Sabendo-se que a dificuldade da lembrança é proporcional à distância entre os indivíduos ou grupos, é necessário que se busquem razões sociais para a recordação e não extinção das memórias de atos bárbaros cometidos por seres humanos contra seus semelhantes. O horrível precisa ser lembrado, pois sua memória acaba com a irreflexão, uma das causas da consumação dos crimes raciais.

Como o oposto da admiração, o *tremendum horrendum* inscreve-se na história da mesma maneira que o *tremendum fascinosum*. Este último constitui o senso do sagrado, sendo uma dimensão intrínseca do senso histórico e, portanto, marca o que não deve ser esquecido. Por outro lado, o primeiro refere-se à memória do que não se deve esquecer para que não se repita. Como afirma Paul Ricoeur, “o horror é uma veneração invertida”,<sup>44</sup> por isso figura no mesmo plano do venerável, no que diz respeito à rememoração:

É nesse sentido que se pôde falar do Holocausto como de uma revelação negativa, como de um anti-Sinai. O conflito entre a explicação que vincula e o horror que isola é aqui levado a seu cúmulo e, no entanto, esse conflito latente não deve levar a nenhuma dicotomia ruínosa entre uma história que dissolveria o acontecimento na explicação e uma réplica puramente emocional, que dispensaria de pensar o impensável.<sup>45</sup>

O pensamento, ou melhor, o julgamento – reflexão sobre o passado – causa indignação, e quanto maior a perplexidade causada pelo horror, maior a ânsia por compreensão. Tais fatos horríveis exercem uma função de individuação por serem “unicamente únicos” e, através da ficção, o narrador pode representar sua indignação como em uma epopeia invertida: ao fundir história e ficção, eternizando o sofrimento de um povo, ele produz o mesmo efeito que as epopeias clássicas, as quais transformam efêmeros heróis em mitos duradouros. A diferença é que, em vez de divertir ou distrair, a ficção causa essa individuação, que não é especificação nem individualidade, mas um chamado à atenção com a “quase-intuitividade” desta.

Conforme o filósofo, “a explicação histórica e a individuação dos acontecimentos pelo horror, assim como pela admiração ou pela veneração, podem não permanecer mutuamente antitéticas”.<sup>46</sup> Assim, a ficção produz uma “ilusão de presença” dos fatos que podem ser julgados e projetados na vontade de que não

---

<sup>44</sup> RICOEUR. 1997, p. 326.

<sup>45</sup> RICOEUR, loc. cit.

<sup>46</sup> RICOEUR, loc. cit.

tornem a ocorrer, retirando o pensamento da categoria de atividade politicamente marginal, sem a implicação moral de indivíduos reais.

Em *A memória, a história, o esquecimento*, Ricoeur, referindo-se aos horrores do Estado totalitário alemão, lembra que:

Existem uma singularidade e uma incomparabilidade éticas que se devem à magnitude do crime, ao fato de ele ter sido cometido pelo próprio Estado contra uma parte discriminada da população à qual ele devia proteção e segurança, ao fato de ele ter sido executado por uma administração sem alma, tolerado sem objeções marcantes pelas elites dirigentes, sofrido sem resistência importante por uma população inteira.<sup>47</sup>

Essa desumanidade é o “horrível como contrário do admirável e do sublime”; citando Kant, o estudioso francês afirma que o horror “excede em quantidade e em intensidade os limites do imaginário”.<sup>48</sup> Assim, a “excepcionalidade do mal”— o que Saul Friedlander chamou de “o inaceitável”, devido à gravidade excepcional dos crimes — é designada como injustificável.

O debate histórico acerca da Shoah, no que diz respeito ao julgamento, exige que se analise sua singularidade. Ricoeur, no livro em questão, fala da oposição entre a escola intencionalista e a funcionalista. Para a primeira, importam os atos da equipe dirigente, ou especificamente do líder da equipe; para a última, importa o jogo das instituições, forças anônimas, o comportamento de uma população, sendo a atribuição de responsabilidade dos crimes a um sujeito, um grupo ou um povo.

Essa imputação é resultado de uma vinculação da singularidade histórica com a moral. Por singularidade histórica Ricoeur entende “todo acontecimento que, simplesmente, advém no plano da história que se faz, e toda sequência narrativa não repetível no tempo e no espaço”<sup>49</sup>. No sentido moral, fala da deploração definitiva e do mergulho no abismo da melancolia; também lembra o sobressalto da responsabilidade cívica: “O que fazer para que tais coisas nunca se reproduzam?”<sup>50</sup>

Mesmo que pareçam impossíveis de se compreender, tais fatos precisam ser lembrados para serem evitados. Parece difícil recordar algo que não se compreende; no entanto, é dever social de cada um fazer seu papel na construção de uma sociedade mais humana e igualitária. Como Arendt raciocina:

<sup>47</sup> RICOEUR, 2007, p. 341.

<sup>48</sup> RICOEUR, loc. cit.

<sup>49</sup> Id. Ibid., p. 344.

<sup>50</sup> Id. Ibid., p. 345.

A convicção de que tudo o que acontece precisa ser compreensível pode levar-nos a interpretar a história por meio de lugares-comuns. Compreender não significa negar nos fatos o chocante, eliminar deles o inaudito, ou, ao explicar fenômenos, utilizar-se de analogias ou generalidades que diminuam o impacto da realidade e o choque da experiência. Significa, antes de mais nada, examinar e suportar conscientemente o fardo que o nosso século colocou sobre nós – sem negar sua existência, nem vergar humildemente ao seu peso. Compreender significa, em suma, encarar a realidade sem preconceitos e com atenção, e resistir a ela – qualquer que seja<sup>51</sup>.

Quem possui consciência é responsável por seus atos, pois pode prestar contas destes a si, pode imputá-los a si mesmo. Esta é, por definição, a dimensão própria do termo. Como diz Ricoeur, imputabilidade é “esse lugar em que o agente se liga à sua ação e admite sua responsabilidade por ela”<sup>52</sup>. Ao prestar conta a si próprio dos atos praticados projeta-se o futuro, como existência continuada a frente de si, pois causa preocupação e mexe com a consciência.

A individuação pode ser entendida como incomparabilidade ou unicidade, o que no uso historiográfico representa a singularidade exemplar, a qual

só pode ser formada por uma opinião pública esclarecida que transforma o julgamento retrospectivo sobre o crime em juramento de evitar seu retorno. Assim ressituada na categoria da promessa, a meditação sobre o mal pode ser arrancada da deploração infinita e da melancolia desarmante e, mais fundamentalmente ainda, do círculo infernal da inculpação e da desculpação.<sup>53</sup>

Esse efeito de desculpação resulta da quebra da unicidade provocada pelo horror dos crimes nazistas. A comparação com os assassinatos por razão de Estado, praticados pelos bolcheviques, leva a crer em uma vontade política de imitar, gerando uma política de retorsão<sup>54</sup> que propiciou o desencadear da barbárie dos seguidores de Hitler.

Na verdade, por medo da derrota, os nazistas se valeram de lemas nacionalistas para assimilar toda a Alemanha em seu sistema, o que tornou difícil a não-identificação de seu povo com o nazismo. Somente se fosse possível o conhecimento dos segredos do coração humano se saberia quem era nazista ou

<sup>51</sup> ARENDT, 1989, p. 12.

<sup>52</sup> RICOEUR, 2007, p. 465.

<sup>53</sup> Id. Ibid, p. 347.

<sup>54</sup> “JUR: Espécie de represália que consiste em aplicar aos estrangeiros residentes num dado país a mesma legislação que o governo desses estrangeiros. RET: Refutação em que se faz com que os argumentos do adversário se voltem contra ele próprio, réplica, objeção”. (HOUAISS, 2001, p. 2446).

não, como Arendt afirmou: “a única maneira de identificar um antinazista é quando os nazistas o enforcam. É a única identificação confiável”.<sup>55</sup> Não há como se identificar entre o povo, culpados e inocentes. Muitos assumiram a responsabilidade sem serem de fato culpados, enquanto o oposto é verdadeiro.

Não obstante, as damas e cavalheiros da alta sociedade alemã, plenamente crentes na veracidade das ideias de superioridade racial, “cúmplices e melhores assistentes dos nazistas, de fato não sabiam o que estavam fazendo, nem com quem estavam lidando”.<sup>56</sup> A pensadora política prossegue essa linha de raciocínio, ao lembrar que o repúdio de quem discute o caso não é por tais indivíduos, mas pela máquina de assassinato em massa, da qual mesmo os judeus fizeram parte, tendo que amontoar e queimar seus companheiros. E, sendo assim, nem o extermínio de 70 ou 80 milhões de alemães pagaria pela monstruosidade da Shoah,<sup>57</sup> pelo contrário, provaria que a mentalidade que o nazismo gostaria de desenvolver, foi implantada com sucesso.

Raymond A. Davies, correspondente da Agência Telegráfica Judaica e locutor da Empresa de Radiodifusão do Canadá, apresentou uma entrevista que prova o envolvimento de pessoas comuns, cujo único crime foi cumprir ordens, no assassinato sistemático em massa:

P.: Vocês matavam gente no campo? R.: Sim.  
 P.: Vocês usavam gás para envenená-los? R.: Sim.  
 P.: Vocês as enterravam vivas? R.: Aconteceu algumas vezes.  
 P.: As vítimas vinham de toda a Europa? R.: Acho que sim.  
 P.: Você pessoalmente ajudou a matar alguém? R.: De jeito nenhum. Eu era só o funcionário que fazia os pagamentos no campo.  
 P.: O que você achava sobre o que estava acontecendo? R.: No começo foi ruim, mas depois a gente se acostumou.  
 P.: Você sabe que os russos vão enforcá-lo? R.: (explodindo em lágrimas) Por que fariam isso? *O que eu fiz?*<sup>58</sup>

Assim como Eichmann, o entrevistado não tem consciência do mal que causou. O objetivo de Arendt é instigar a reflexão e a tentativa de compreensão dos verdadeiros motivos que levaram os seres humanos a agirem como engrenagens da

<sup>55</sup> ARENDT, 2008, p.152.

<sup>56</sup> Id. Ibid., 2008, p. 154.

<sup>57</sup> “Significa ‘catástrofe’, e tem sido utilizada, em substituição à palavra Holocausto, para designar a tragédia que se abateu sobre os judeus por iniciativa do governo hitlerista na Segunda Guerra Mundial, com a criação de campos de concentração e de extermínio resultando na morte de seis milhões de judeus. Também não escaparam os ciganos, os opositores do regime hitlerista, comunistas ou socialistas, e os homossexuais” (DOUEK, 2003, p. 198).

<sup>58</sup> ARENDT, op. cit, p. 156.

máquina de assassinato em massa. Para isso, utiliza pessoas e fatos tão contundentes, não como forma de desculpação, não para que a humanidade os perdoe, mas para que evite transformarem-se em peças de algum plano político que provoque as atrocidades vistas, ouvidas ou lidas. E quem garante que isso já não esteja ocorrendo?

O leitor, por ser um cidadão cumpridor de suas obrigações, um pai de família honesto e trabalhador, incapaz de fazer mal a uma mosca, certamente é chacoalhado pelas instigações arendtianas. Convém lembrar que o mentor da “solução final” também era um trabalhador. Heinrich Himmler, o organizador do assassinato em massa, da mesma forma, não era um fanático pervertido como Hitler, nem tarado sexual ou sádico, mas trabalhador e bom homem de família, merecedor de admiração – ou reprovação, caso não se aprecie a imagem de cidadão exemplar.

Inegável é o fato de as pessoas terem se acostumado a admirar ou ridicularizar a dedicação do bondoso *pater familias*, o qual, sob pressão das condições econômicas e preocupado com o dia de amanhã, aventura-se em oportunidades financeiras pelo bem-estar da prole. Contudo,

Ficou evidente que esse tipo de homem, para defender sua aposentadoria, o seguro de vida, a segurança da esposa e dos filhos, se disporia a sacrificar suas convicções, sua honra e sua dignidade humana. Foi necessário apenas que o gênio satânico de Himmler descobrisse que, após essa degradação, ele estava totalmente isento da responsabilidade por seus atos. Assim, aquela mesma pessoa, o alemão médio, que os nazistas, a despeito de anos da mais furiosa propaganda, não conseguiam induzir a matar um judeu por conta própria (nem mesmo quando deixaram muito claro que esse assassinato ficaria impune), agora serve à máquina de destruição sem levantar oposição. Contrastando com as unidades anteriores da SS<sup>59</sup> e da Gestapo, a organização geral de Himmler se baseia não em fanáticos, nem em assassinos natos, nem em sádicos; baseia-se apenas na normalidade de trabalhadores e pais de família.<sup>60</sup>

O Holocausto foi um marco na crescente desumanização do *Homo sapiens*. Quando mesmo os “próximos” foram executados pelos seus, a natureza humana esteve na eminência de ser peremptoriamente esquecida. Que a SS ou a Gestapo

---

<sup>59</sup> *Schutzstaffel* (SS) foi uma unidade de proteção a Hitler, devido às complicações políticas das décadas de 1920 e 30, composta por cidadãos comprovadamente germânicos e com habilidades físicas e intelectuais desenvolvidas. Himmler foi posto no seu comando, conseguindo 52.000 homens. Posteriormente, assimilou o *Ordnungspolizei* (polícia regular), e o *Sicherheitspolizei* (polícia de segurança) a seu exército. A polícia de segurança foi dividida em *Kriminalpolizei* (polícia criminal) e *Geheime Staatspolizei* ou Gestapo (polícia secreta). Cf.: (DAVIES, 1981, p. 17).

<sup>60</sup> ARENDT, 2008, p. 158-159.

quisessem definitivamente acabar com os judeus, que o imperialismo já havia oprimido os negros, e que tantas outras formas de discriminação, exclusão e violência foram empregadas nos últimos séculos, é assunto de conhecimento difundido. No entanto, ao forçar os judeus a executarem seus próprios companheiros e familiares, as proporções do dano psicológico tornaram-se absurdas, assim como é absurda a generalização de todos os alemães como nazistas: muitos ajudaram as pessoas que sofriam com o nazismo. Mesmo alguns membros do partido não concordavam com tais atitudes extremas, por exemplo, Oskar Schindler, que salvou mais de 1000 judeus dos campos de concentração, colocando para trabalhar em sua fábrica de utensílios esmaltados.

Diante de assunto tão delicado e controverso, vale lembrar que a condenação a igual sofrimento de algumas personagens com maior evidência na prática de crimes raciais não compensaria o mal cometido às vítimas, só ratificaria o intuito nazista. Para obstar o mal é necessário que dele não se esqueça.

O caminho da denúncia ou rememoração do mal foi o escolhido por Caryl Phillips, o qual utilizou seu romance *The Nature of Blood* para alertar a respeito dos casos extremos de preconceito racial, ocorridos em várias épocas, lugares e de diversas maneiras. Como que ecoando, Kant, para quem “o homem deve superar o estado do mal, e esse dever concretizado como um dever de todos e não apenas pelo esforço de um indivíduo”,<sup>61</sup> Ricoeur lembra que só há uma autêntica possibilidade de superação do mal pelo esforço de todos. “Esse dever, portanto, é especial, não de homens, mas do gênero humano diante de si mesmo”.<sup>62</sup> Dessa forma, pode nascer uma nova política, e formas de governo que trabalhem pelo bem comum, sem distinção racial, sem infligir dor e sofrimento ao seu povo. Como bem lembra Locke

Se não se quer dar motivo a que se pense que os governantes deste mundo são apenas o produto da força e da violência e que os homens apenas vivem juntos segundo as regras que vigoram entre os animais selvagens – em que o mais forte é quem leva a melhor – e se não se quer, portanto, assim semear os germes de uma discórdia eterna, de palavras, de tumultos, de rebeliões [...], é preciso encontrar necessariamente um outro modo de nascimento para o governo.<sup>63</sup>

---

<sup>61</sup> SOUKI, 1998, p. 32.

<sup>62</sup> SOUKI, loc. cit.

<sup>63</sup> LOCKE, apud RICOEUR, 2007, p. 118.

O embasamento teórico ora exposto será aplicado na análise do romance, no terceiro capítulo desta dissertação. Pretende-se refletir e analisar a representação do horror em contextos extremos, como o genocídio e a discriminação racial em *The Nature of Blood*. O próximo capítulo, onde se busca a compreensão das relações de tempo, modo e voz na narrativa em estudo, valer-se-á dos termos e definições de Gérard Genette em seu *Discurso da narrativa*; reflexões sobre a forma fragmentada são apoiadas nos postulados de Walter Benjamin e Theodor Adorno. Será preciso ainda compreender os conceitos de re-escrita e metaficção, para o que se buscam aportes teóricos, respectivamente, em Thomas Bonnici<sup>64</sup> e em Linda Hutcheon<sup>65</sup>, Wallace Martin<sup>66</sup> e Larry McCaffery<sup>67</sup>.

---

<sup>64</sup> BONNICI, 2000.

<sup>65</sup> HUTCHEON, 1984.

<sup>66</sup> MARTIN, 1994.

<sup>67</sup> MCCAFFERY, 1982.

## 2 O DISCURSO NARRATIVO: A ESTRUTURA DE *THE NATURE OF BLOOD*

*Para mim, o importante é compreender. Para mim, escrever é uma questão de procurar essa compreensão, parte do processo de compreender...*  
Hannah Arendt, "O que resta? Resta a língua"

### 2.1 A narrativa: questões teóricas

A estrutura narrativa das obras modernas e pós-modernas adquiriu maior grau de dificuldade de compreensão por representar o conteúdo nelas apresentado, através de possuem uma narração que frequentemente muda de pessoa, ponto de vista e tempo, com uma descontinuidade que chocaria os autores tradicionais. Nisto diferem das formas tradicionais de narração, cuja linearidade temporal e organização espacial eram lógicas e possuíam um fio condutor pelo qual o narrador organizava os acontecimentos para que o leitor tomasse conhecimento, de forma clara, dos acontecimentos narrados.

A rapidez com que as coisas ocorrem e se transformam e a maneira fragmentada pela qual se começou a observar o mundo a partir da segunda metade do século XX – reflexo dos acontecimentos anteriores – possibilitaram à obra de arte uma representação tão complexa quanto os fatos se apresentam ao homem contemporâneo.

Porém, essa mudança no padrão até então existente exigiu uma revisão da Teoria da Literatura. Foi o que fizeram, entre outros, os pensadores Theodor Adorno e Walter Benjamin, ao analisarem a ligação entre cultura e acontecimentos da sociedade, inclusive eventos negativos, como a violência de regimes políticos, percebendo como tais acontecimentos eram representados artisticamente.

Adorno entendeu o rompimento dos princípios formais como uma forma de problematizar os fatos sociais degradantes em períodos difíceis para a humanidade

ou determinados grupos da sociedade. Uma maneira de denunciar as agruras do próximo.

A identidade da obra de arte com a realidade existente é também a identidade de sua força de atração, que reúne em torno de si os seus *membra disiecta*, vestígios do ente; a obra de arte apresenta-se com o mundo mediante o princípio que a ele contrapõe e pelo qual o espírito modelou o próprio mundo. A síntese operada pela obra de arte não é apenas imposta aos seus elementos, repete, por seu turno, onde os elementos comunicam entre si, um fragmento de alteridade.<sup>68</sup>

Ao tratar do “conhecimento da arte” Adorno postula que, decifrando o caráter social exprimido pela obra de arte, muitas vezes manifestando o caráter de seu autor, este “fornece as articulações de uma medição concreta entre a estrutura das obras e a estrutura social”.<sup>69</sup> Cabe ao intérprete assimilar a estética da forma à do conteúdo para tentativa de compreensão da atuação dessas estéticas na vida da sociedade, pois são representantes de um momento histórico-social. “Os extratos fundamentais da experiência, que motivam a arte, apresentam-se com o mundo objetivo perante o qual retrocedem. Os antagonismos não resolvidos na realidade retornam às obras de arte como os problemas imanentes da sua forma”.<sup>70</sup>

Assim sendo, se a realidade não é harmônica, mas confusa e fragmentada, sua representação artística é fiel a ela. Tal qual fez Philips, ao desordenar a sequência lógica de *The Nature of Blood*, representando os conflitos mentais das personagens que vivenciavam situações illogicamente desumanas. No livro não há apenas um tipo de narrador, fugindo da lógica da narração tradicional, sendo a narrativa desarmônica e fragmentada. Cada fragmento precisa ser analisado em si para que se possa interpretar a obra.

Uma vez desembaraçada da convenção, nenhuma obra de arte pode já manifestamente concluir de modo convincente, enquanto que os desenlaces tradicionais apenas procedem como se os momentos singulares se associassem com o ponto final no tempo para constituir a totalidade da forma. Em numerosas obras da modernidade que, entretanto, forma objeto de ampla recepção, a forma manteve-se habilmente aberta, porque queriam provar que a unidade da forma já não lhes era garantida.<sup>71</sup>

---

<sup>68</sup> ADORNO, 1982, p. 18.

<sup>69</sup> Id. Ibid., p. 20.

<sup>70</sup> Id. Ibid., p. 16.

<sup>71</sup> Id. Ibid., p. 169.

Benjamin também percebeu a necessidade de reformulação de conceitos devido às transformações ocorridas no mundo e nas representações artísticas. O filósofo postula que o autor de uma obra de arte deve participar ativamente da luta contra o fascismo e outras situações de horror ocorridas após esse regime político. Ele começa a desenvolver um conceito de história que corresponda com a realidade catastrófica da humanidade, a partir da sua interpretação do que chamou de “Anjo da História”, o quadro *Angelus Novus*, de Paul Klee.<sup>72</sup>

O fato de Caryl Phillips introduzir em sua obra tantos tempos e espaços pode ser compreendido com a afirmação de Benjamin de que “a tradição dos oprimidos nos ensina que o ‘estado de exceção’ em que vivemos é na verdade regra geral”,<sup>73</sup> pois a história se apresenta “ruína sobre ruína”<sup>74</sup>. Portanto, não há como entender plenamente nem a história, nem o romance, apenas seus fragmentos.

O filósofo também afirma que o artista deve “decidir a favor de que causa colocará sua atividade”.<sup>75</sup> Phillips sabia exatamente qual a causa queria defender: a dos discriminados injustamente, como ele foi. Seu romance tornou-se instrumento para a motivação da não-repetição dos horrores até então registrados nos anais da história. O leitor se engaja nessa luta através da identificação com as personagens. O narrador, ou, no caso de *The Nature of Blood*, os narradores, tocam o leitor, agindo como descreveu Benjamin: “O narrador colhe o que narra na experiência, própria ou relatada. E transforma isso outra vez em experiência dos que ouvem [leem] sua história”.<sup>76</sup>

A literatura é a arte da sucessão por excelência, processada no tempo, com uma determinação temporal na sua relação com a comunicação. Dessa forma, a caracterização da ficção, a reflexão dos autores, e mesmo a distinção de gêneros, necessita uma análise da categoria tempo. Assim procede Genette, o qual não o viu

---

<sup>72</sup> Há um quadro de Klee que se chama *Angelus Novus*. Representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter este aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa aos nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos progresso (BENJAMIN, 1994, p. 226).

<sup>73</sup> Id. Ibid., p. 226.

<sup>74</sup> BENJAMIN, loc. cit.

<sup>75</sup> Id. Ibid., p. 120.

<sup>76</sup> Id. Ibid., p. 60.

como uma categoria filosófica, mas nele observou aspectos superficiais, como a ordem, e laterais, como o ritmo (duração).<sup>77</sup>

Para o crítico literário francês, “a narrativa é uma sequência duas vezes temporal: há o tempo da coisa-contada e o tempo da narrativa (tempo do significado e do significante)”.<sup>78</sup> Aquele é cronológico, linear, condizente ao desenvolvimento evolutivo da história; este é um pseudo-tempo, uma vez que o tempo do discurso difere do ocorrido, havendo uma quebra na linearidade, ou *anacronia*, que é a inversão da ordem temporal no discurso narrativo. A anacronia pode ser retrospectiva, para recuperar fatos passados, chamando-se *analepse*, o que na linguagem cinematográfica corresponde ao *flashback*. Quando a anacronia é projetada, ocorre a antecipação discursiva de um fato que apareceria futuramente na diegese e é chamada *prolepse*. Outras formas de anacronias são as narrativas *in media res* e *in ultima res*. A primeira nomeia o discurso narrativo iniciado quando a história já está em curso, ou seja, não conta a partir do seu princípio. A segunda inicia a narração pelo final, apresentando fatos que pertencem ao desfecho da história.

A duração dos acontecimentos narrados e sua relação com a duração da sua narração podem ser compreendidas através da análise dos recursos do sumário, pausa, elipse e cena. Quando o tempo é vasto e os eventos são muitos, podem ser resumidos, ou melhor, sumarizados pelo narrador. Conforme Genette, *sumário* é “a narração em alguns parágrafos ou algumas páginas de vários dias, meses ou anos de existência, sem pormenores de ação ou de palavras”.<sup>79</sup> Os fatos importantes do romance têm duração mais extensa do que o sumário. Tal movimento narrativo é a *cena*, que possui, na maioria das vezes, um diálogo entre as personagens, o que torna o tempo da narrativa e da história equivalentes. *Elipse* designa um corte de elementos discursivos suscetíveis de serem compreendidos pelo contexto. Além da cena e do sumário, que são movimentos narrativos intermediários, e da elipse que é um dos extremos em se tratando de duração da narrativa, há o outro extremo, a *pausa descritiva*. Ao passo que a elipse representa a forma mais veloz de narração, a pausa descritiva é a forma mais lenta, pois é a

---

<sup>77</sup> A teoria a partir de agora desenvolvida e a organização explicativa da obra, é posta pelo autor da dissertação para uma melhor compreensão do capítulo 3, por parte dos leitores deste trabalho que não tenham lido o romance de Phillips.

<sup>78</sup> GENETTE, 1995, p. 31.

<sup>79</sup> Id. Ibid., p. 95.

suspensão do tempo da história, quando o narrador descreve um ambiente ou personagem, o tempo narrativo para. Não há ação, é como se se estivesse pintando uma obra de arte, uma paisagem, um retrato. Também há a *digressão*, uma pausa do narrador para reflexão, comentários, representação ideológica.

Em seu livro *As estruturas narrativas*, Tzvetan Todorov afirma não ser necessário que os movimentos narrativos supracitados apareçam separadamente. Estes podem, na perspectiva da análise estrutural, aparecer em narrativas, paralelamente, com bastante frequência.

Com efeito, ela [a análise estrutural] visa ao conhecimento de conceitos como descrição ou ação, mas nem por isso precisará encontrá-las em algum lugar em estado puro. É mesmo natural que os conceitos abstratos não se deixem observar diretamente, no nível da realidade empírica. Falar-se-á em física, por exemplo, de uma propriedade como a temperatura, embora não a possamos encontrar como tal, mas que se observa em corpos que têm muitas outras propriedades ainda, por exemplo, resistência, volume etc. A temperatura é um conceito teórico, não precisa existir em estado puro; o mesmo acontece com a descrição.<sup>80</sup>

O *Discurso da narrativa* também é de grande valia para o entendimento da forma escolhida por um narrador para fazer com que o narratário leia o texto produzido e a si próprio frente às conclusões tiradas da enunciação. A voz que conta a história e organiza a leitura, valendo-se das suas funções narrativa, de regência, de comunicação, testemunhal e ideológica, possui níveis capazes de aproximar ou afastar o leitor daquilo que está sendo narrado. É através da perspectiva do(s) narrador(es) que o intérprete desfrutará do prazer da leitura, cumprindo com o desejo do autor ao produzir a obra.

Em sua narratologia, Genette distingue as noções da palavra *narrativa* com o objetivo de evitar confusão durante a análise. Estabelece, dessa forma, *história* como “o significado ou conteúdo narrativo (ainda que esse conteúdo se revele, na ocorrência, de fraca intensidade dramática ou teor factual)”.<sup>81</sup> O “significante, enunciado, discurso ou texto narrativo em si”<sup>82</sup> é que será chamado *narrativa*. A apresentação dos eventos da história narrada, “o ato narrativo produtor e, por

---

<sup>80</sup> TODOROV, 2006, p. 82.

<sup>81</sup> GENETTE, 1995, p. 25.

<sup>82</sup> GENETTE, loc.cit.

extensão, o conjunto da situação real ou fictícia na qual toma lugar”<sup>83</sup> denominar-se-á *narração*.

O autor afirma ser narrativa *tout court* o único dos três termos possuidor dos elementos necessários para a análise e compreensão da obra enquanto instrumento de estudo, haja vista a necessidade de averiguações extratextuais para se saber se a história possui semelhança com a realidade; por outro lado, não se pode aferir sobre a ideologia ou semelhança de opiniões e atitudes do narrador e do o autor.

É, portanto, a narrativa, e apenas ela, que aqui nos informa, por um lado, sobre os acontecimentos que relata, e, por outro, sobre a atividade que supostamente a traz a lume: dito de outro modo, o nosso conhecimento desta e daqueles não pode senão ser indireto, inevitavelmente mediatizado pelo discurso da narrativa, dado que aqueles são o próprio objeto desse discurso e esta deixa traços, marcas ou indícios assinaláveis e interpretáveis, tais como a presença de um pronome pessoal na primeira pessoa que denota a identidade da personagem e do narrador, ou a de um verbo no passado que denota anterioridade da ação contada em relação à ação narrativa, sem prejuízo de indicações mais diretas e mais explícitas.<sup>84</sup>

Ao explicar sua divisão narratológica em tempo, modo e voz, Genette afirma ter tomado como ponto de partida a divisão feita por Todorov, em 1966, nas categorias tempo, aspecto e modo. Nesta última, Todorov punha os problemas de *distância*, ou seja, representação e narração, *showing* e *telling*, respectivamente, na crítica americana de tradição jamesiana. Tais termos são inspirados nas categorias platônicas de imitação perfeita, a *mimesis* e narrativa pura, a *diegesis*. Sua tradução – diegese – foi utilizada por Genette na categoria voz, com seus devidos sufixos, para classificar os tipos de narrador: heterodiegético, homodiegético, autodiegético, extradiegético, intradiegético e metadiegético.

Quanto ao nível da narração,<sup>85</sup> o narrador pode ser: extradiegético, ou seja, o autor ou tradutor, o narrador observador, em terceira pessoa do discurso; intradiegético, enquanto narrador da história; metadiegético, quando sua narrativa se insere na narrativa primeira:

A instância narrativa de uma narrativa primeira é, pois, por definição, extradiegética, como a instância narrativa de uma narrativa segunda metadiegética é por definição diegética, etc. Insistamos no fato de que o caráter eventualmente fictício da instância primeira não modifica mais essa

<sup>83</sup> GENETTE, 1995, p. 25.

<sup>84</sup> Id. Ibid., p. 26-27.

<sup>85</sup> “*Todo o acontecimento contado por uma narrativa está num nível diegético imediatamente superior àquele em que se situa o ato narrativo produto dessa narrativa.*” (Id. Ibid., p. 227).

situação que o caráter eventualmente “real” das instâncias seguintes: M. de Renoncourt não é uma “personagem” numa narrativa assumida pelo abade Prévost, é o *autor fictício* das Memórias sobre as quais sabemos, por outro lado, que seu autor real é Prévost, tal como Robinson Crusoé é o autor fictício do romance de Defoe que traz seu nome: após o que cada um deles se torna personagem da sua própria narrativa. Nem Prévost nem Defoe entram no espaço da nossa questão, que se refere, lembremo-lo mais uma vez, à instância narrativa e não à instância literária. M. de Renoncourt e Crusoé são narradores-autores, e, como tais, estão no mesmo nível narrativo que o seu público, quer dizer, vós, eu.<sup>86</sup>

Esse alerta é para que não se confunda o caráter extradiegético com a existência histórica real, nem o diegético ou metadiegético com a ficção, embora isso seja passível de ocorrer. “A narração extradiegética não é necessariamente assumida como obra literária e o seu protagonista um narrador-autor em posição de se dirigir [...] a um público como tal qualificado”.<sup>87</sup> Um exemplo seria um romance em forma de diário-íntimo, pois possui autodesignação. A narração intradiegética não precisa produzir narrativa oral, bem como “a narrativa segunda também pode não ser oral nem escrita, e dar-se, abertamente ou não, como uma narrativa interior: [...] toda a espécie de recordação rememorada (em sonhos ou não) por uma personagem”.<sup>88</sup> Exemplo disso é um sonho que interfere na consciência e atitudes da personagem da narrativa primeira.

Em relação à diegese, o narrador pode ser: heterodiegético, quando a narração é feita em terceira pessoa; autodiegético, quando a narração é feita em primeira pessoa e o narrador conta sua própria história; homodiegético, quando, apesar de a história ser narrada em primeira pessoa, não pertence a quem narra, pois a história que conta é de outrem, é um narrador-testemunha:

Se se definir em qualquer narrativa, o estatuto do narrador ao mesmo tempo pelo seu nível narrativo (extra ou intradiegético) e pela sua relação à história (hetero ou homodiegético), pode-se figurar por um quadro do narrador: 1) *extradiegético-heterodiegético*, paradigma: Homero, narrador do primeiro nível que conta uma história da qual está ausente; 2) *extradiegético-homodiegético*, paradigma: Gil Blas, narrador do primeiro nível que conta a sua própria história; 3) *intradiegético-heterodiegético*, paradigma: Xerazade, narradora do segundo grau que conta histórias das quais está geralmente ausente; 4) *intradiegético-homodiegético*, paradigma: Ulisses nos cantos IX a XII, narrador do segundo grau que conta a sua própria história.<sup>89</sup>

<sup>86</sup> GENETTE, 1995, p. 228

<sup>87</sup> Id. Ibid., p. 229.

<sup>88</sup> Id. Ibid., p. 230.

<sup>89</sup> Id. Ibid., p. 247.

Aguiar e Silva, baseando-se em Genette, define o narrador heterodiegético como não sendo co-referencial a nenhuma das outras personagens da diegese, porque não participa da história narrada. “Pode manifestar-se como um ‘eu’ explícito ou como um narrador apagado, de ‘grau zero”<sup>90</sup>. O narrador homodiegético é descrito como “co-referencial com uma das personagens da diegese, participando da história narrada”<sup>91</sup>, ao passo que o narrador autodiegético, que também é homodiegético, “é co-referencial com o protagonista”<sup>92</sup>.

Enquanto instância produtora do discurso, por sua relação com o nível da diegese, Aguiar e Silva assim define as categorias genettianas: narrador extradiegético é aquele cujo “ato narrativo é externo em relação aos eventos narrados naquela narrativa”<sup>93</sup> – narrador de primeiro grau de uma narrativa primária; narrador intradiegético é o narrador cujo ato narrativo é interno em relação aos eventos narrados em uma narrativa secundária dentro da primária; hipodiegético é o que Genette chamou de metadiegético, pois “produz uma narrativa que se insere na narrativa primária, interrompendo-a, representando formal e funcionalmente uma narrativa dentro da narrativa”<sup>94</sup>.

Outro fato que deve ser analisado na narrativa é o modo como o narrador apresenta o desenrolar da história, isto é, seu ponto de vista. Focalização, visão, ângulo, perspectiva ou foco narrativo, não importa como se chame a lente da câmera utilizada pelo narrador para captar as imagens e sons apresentados ao narratário, é através do foco desta câmera que o texto será conhecido. “O foco narrativo evidencia o propósito do narrador (e, por extensão, do autor) de mobilizar intelectual e emocionalmente o leitor, manipulando-o para aderir às ideias e valores que veicula ao contar a história”<sup>95</sup>.

Genette discorre sobre ponto de vista demonstrando a perspectiva de Jean Pouillon e Tzvetan Todorov, a respeito do que chamaram “visão” ou “aspectos”. Para Pouillon os três tipos de visão são: *visão por trás*, *visão com* e *visão de fora*. Estas visões foram simbolizadas por Todorov, como: Narrador > Personagem, Narrador = Personagem e Narrador < Personagem. Genette assim define os três pontos de vista, respectivamente: 1) “o narrador sabe mais que a personagem, ou, mais

<sup>90</sup> AGUIAR E SILVA, 1988, p. 761.

<sup>91</sup> AGUIAR E SILVA, loc. cit.,

<sup>92</sup> Id. Ibid., p. 762.

<sup>93</sup> AGUIAR E SILVA, loc. cit..

<sup>94</sup> Id. Ibid., p. 763.

<sup>95</sup> FRANCO JUNIOR, 2009, p. 42.

precisamente, *diz* mais do que aquilo que qualquer personagem sabe”;<sup>96</sup> 2) “o narrador apenas diz aquilo que certa personagem sabe”;<sup>97</sup> 3) “o narrador diz menos do que sabe a personagem”.<sup>98</sup> O autor os rebatizou para reduzir a conotação simplesmente imagética dos termos “visão” e “ponto de vista”, com o termo mais abstrato “focalização”. A primeira representa a *focalização zero* ou não-focalização; a segunda é a *focalização interna*, podendo ser fixa, pois restrita a si, variável, quando há mudança da personagem em foco, ou múltipla, se um mesmo acontecimento for recontado por vários prismas; a terceira focalização diz respeito ao narrador-observador, portanto, *focalização externa*. É preciso observar, porém, que

A fórmula da focalização nem sempre se aplica ao conjunto de uma obra, portanto, mas antes a um segmento narrativo determinado, que pode ser muitíssimo breve. Por outro lado, a distinção entre os diferentes pontos de vista nem sempre é tão nítida quanto a simples consideração dos tipos puros poderia fazer supor. Uma focalização externa em relação a uma personagem pode, por vezes, igualmente bem deixar-se definir como uma focalização interna sobre outra.<sup>99</sup>

O estudo a seguir, descritivo e detalhado, representa um esboço destinado a promover a compreensão da estrutura narrativa do texto de Phillips, indispensável à fruição plena do romance.

## 2.2 A estrutura narrativa em *The Nature of Blood*

*The Nature of Blood*, o sexto romance de Caryl Phillips e objeto de análise deste trabalho, incorpora histórias individuais dentro da grande história da política racial na Europa, representativa do preconceito global. É uma leitura incomum, com os seus quatro enredos principais, ao longo dos quais o foco da leitura se desloca espacial e temporalmente, atravessando o globo e abrangendo cinco séculos. O mais cativante da narração, embora, *a priori* de difícil compreensão, dada a forma como as narrativas se imbricam uma na outra, é a forma como o autor consegue apresentar todos esses segmentos em conjunto, fazendo o leitor sentir na forma a

<sup>96</sup> GENETTE, 1995, p. 187.

<sup>97</sup> GENETTE, loc. cit.

<sup>98</sup> Id. Ibid., p. 187.

<sup>99</sup> Id. Ibid., p. 189-190.

fragmentação do conteúdo. Mostra, nessa narrativa fragmentária, como os tempos mudam, mas as emoções humanas permanecem consistentes, tanto para o bem quanto para o mal. Diante dessa opção narrativa entrecortada e de seu conteúdo de horror, o leitor é motivado a uma autoleitura avaliativa.

A personagem que abre o romance é Stephan Stern, um médico e militante, que vive na Palestina, antes da criação do Estado de Israel. É um doutrinador, que visita campos de refugiados, onde os judeus esperam para ganhar permissão para entrar na Palestina. A narrativa inicia-se *in media res*, na página 3: “Between us a small fire sputtered”.<sup>100</sup> O narrador autodiegético, Stephan, está em uma praia ao sul de Chipre, conversando com Moshe, um interno do campo de refugiados, o qual é responsável por acompanhá-lo até a praia e acender o fogo para aquecê-lo. Após conversar sobre a “terra prometida”, na Palestina, a qual se chamaria Israel, e encorajar Moshe a pensar apenas no futuro, Stephan dá-lhe dinheiro e afirma que terá uma mulher bonita e filhos maravilhosos.

A prometida estrutura familiar íntegra e harmoniosa contrasta violentamente com a história de desintegração familiar introduzida logo a seguir, quando a autodiegese de Stephan, que prossegue até a página 12, dá lugar à história de Eva Stern. A transição é graficamente assinalada por um espaço de algumas linhas em branco. O romance recua no tempo para outro acampamento, embora mais horrível: o campo de concentração onde a jovem Eva Stern sobrevive, física e emocionalmente abatida. Lá ela conhece Gerry, um dos americanos que ajudaram a libertar os sobreviventes do campo e torna-se uma pequena e frágil tábua de salvação para a jovem.

A história de Eva é o coração do livro. Acompanham-se seus momentos felizes e a profundidade do transtorno psicológico causados pelos momentos de horror enfrentados em sua curta vida. Sua autodiegese inicia-se com a visão da chegada daqueles que a tirariam do campo da morte. “I watch as the trucks come roaring into the camp, dust and mud flying up behind their wheels. As the men jump down to the ground, they whistle and shout to each other. Then silence descends over them”.<sup>101</sup>

---

<sup>100</sup> PHILLIPS, 1997, p. 3. “Entre nós uma pequena fogueira crepitava”. As citações tomam como base a edição Vintage (1997).

<sup>101</sup> Id. Ibid., p. 12. “Eu vejo como os caminhões vêm rugindo para o campo, a poeira e a lama voando atrás de suas rodas. Enquanto os homens saltam para o chão, eles assobiam e gritam uns aos outros. E então o silêncio desce sobre eles”.

Na página 13, ocorre uma analepse, quando a narradora conta sobre o dia em que sua mãe morreu no campo de concentração. Na página seguinte, ela retorna à narrativa linear em um parágrafo, para no próximo fazer uma analepse sobre o casamento dos pais, retornar à diegese primeira e voltar ao passado para contar que seu pai odiava levar a ela e sua irmã no lugar onde seus avós moravam, porque sentia-se constrangido com sua origem pobre.

Disposto entre reticências, há um trecho referente aos avós paternos e maternos de Eva. A narrativa retorna para sua linearidade e continua sendo intercalada com anacronias retrospectivas, de Eva sendo deslocada para um campo de refugiados (Displaced Persons camp) e recebendo uma carta de Gerry, após a qual anuncia que irá para a Inglaterra casar-se com ele.

Na página 48, a narrativa volta ainda mais no tempo, para a Veneza do século XV, onde os judeus vivem em guetos cercados e podem ser acusados de crimes com base em boatos. Novamente inclusão e exclusão, agregação e desagregação se unem em narrativa em que judeus e cristãos são postos lado a lado. Os cristãos comemoram a Festa da Anunciação da Virgem Maria, no dia 25 de março de 1480, coincidentemente, o sábado anterior ao Domingo de Ramos, quando relembram a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém. Também é a primeira lua cheia da primavera, comemorada pelos judeus reunidos na casa de Servadio com a *Pessach* judaica, na noite do décimo quarto dia do mês de Nissan, no ano 5240 desde a criação do seu mundo. “In March of 1480, the people of the small town of Portobuffole, near Venice, were preparing their houses for the much anticipated arrival of relatives”.<sup>102</sup>

Tais datas associam-se a comemoração antitética de alegria e sofrimento. A atitude das pessoas contemporâneas de Jesus, que o festejaram na sua entrada em Jerusalém e depois o abandonaram à mercê de seus algozes, se assemelha a dos que, muito embora dizendo-se solidários, se deixam levar pelo egoísmo, falta de solidariedade e preconceitos simplesmente por ver o próximo como um “outro”, diferente. A Festa de Ramos, com hosanas e saudações, prefigura a vitória de Cristo sobre a morte e o pecado, mas também antecipa hora de dor, sofrimento e padecer. De maneira semelhante, a *Pessach* lembra a opressão e posterior libertação do povo de Israel, cativo e subjugado no Egito. Essa justaposição de

---

<sup>102</sup> PHILLIPS, 1997, p. 48. “Em março de 1480, a população da pequena cidade de Portobuffolè, perto de Veneza, estava preparando suas casas para a chegada muito esperada de parentes”.

alegria que precede ao sofrimento e liberdade no contexto do confinamento, no gueto, de judeus que estão prestes a ser condenados, é extremamente irônica, e antecipa, de certa forma, os sofrimentos a serem infligidos nos judeus pelos cristãos.

Na página 49, o narrador heterodiegético faz uma analepse para explicar a origem dos judeus que habitavam a cidade, provenientes de Colônia, na Alemanha, onde começaram a ser assassinados por medo de que podiam espalhar pragas. A vida mais segura e feliz logo começa a enfrentar problemas por causa dessas falsas crenças a respeito deles, sendo colocados em guetos para serem vigiados. A narrativa retorna ao seu tempo linear até a página 59, quando os judeus são acusados de sacrificar um menino cristão.

Essa narrativa de guetização conduz a outra história, ainda mais terrível, de segregação. Após o espaço característico de mudança de história, Eva narra o período difícil em que sua família foi transferida para o gueto, a dificuldade dos pais em encontrar comida e como descobriu a existência de Rosa, uma mulher que vivia em um quarto ao lado do seu. “I remember the afternoon when I first saw the woman”.<sup>103</sup> A narradora autodiegética conta que encontrou Rosa morta após meses passando fome. Na página 71, ela narra seu temor ao deixar o gueto rumo aos campos de concentração nazistas.

Após outro espaço, ocorre uma anacronia retrospectiva onde Eva fala sobre Stephan Stern, a primeira personagem a aparecer no livro, dando detalhes deste que se fica sabendo ser irmão de seu pai. Stephan havia abandonado a faculdade de medicina, sua esposa e filha, para lutar pelo lugar que viria a se tornar Israel, o que acentua a renovada luta dos judeus, através dos séculos, por um lugar que pudessem chamar de seu. Após o retorno de Stephan para a Palestina, policiais visitam a casa de Eva constantemente, pedindo informações a respeito dele. Sua mãe lhes serve café e seu pai, Ernst, afirma também estar interessado em saber o paradeiro do irmão.

A informação de que a família sairia de sua casa confortável para morar em um pequeno apartamento em um gueto, é dada no início desta seção:<sup>104</sup> “During the winter when we sorted through our family belongings, in order to prepare for the

---

<sup>103</sup> PHILLIPS, 1997, p. 59. “Eu me lembro da tarde, quando vi a mulher pela primeira vez”.

<sup>104</sup> Convencionar-se-á chamar de seção a sequência narrativa entre os espaços característicos de mudança de história, haja vista serem um corte textual e funcionarem como um capítulo da organização geral do livro.

move from our four-storey house to the small apartment on the other side of the city, Margot and I came across the old photograph album".<sup>105</sup>

Na seção seguinte, que inicia na página 81, Eva e seu pai estão em um café, depois de retornarem do velório de um colega de trabalho de Ernst. Ele está triste, pois o governo nazista o proibiu de exercer sua profissão e sabe que serão obrigados a abandonar seus bens em breve. A seção encerra com seu pai, Ernst, admirando uma cantora que irá para os Estados Unidos na semana seguinte, realizando o sonho de todo judeu no momento turbulento que enfrentavam.

A página 87 inicia outra seção, cuja narrativa é a que possui a menor quantidade de anacronias. Eva descobre que sua irmã vai se esconder na casa de amigos da família. "I sat on the side of the bed and watched as Margot packed her suitcase. I wondered if I had to tell her about Mama's strange behaviour, but I decided against doing so. It seemed better that Margot should leave without this additional burden".<sup>106</sup> A narradora autodiegética conta que apanha na rua e encerra a seção com a cena rápida e triste da partida de sua irmã, Margot, e como, entre outros sons da madrugada, ouve os soluços de sua mãe.

Nesse momento, quando inicia efetivamente a narrativa da desintegração da família de Eva Stern, é retomada, na página 93, a trama dos judeus de Portobuffolè, que a partir desse momento se moverá de movimento de agregação ("On Good Friday 1480, the Christian faithful of Portobuffolè began to congregate in large numbers at the Church of St Marie of Settimo"<sup>107</sup>) para crescente desagregação. O narrador heterodiegético descreve os objetos próprios da cerimônia cristã. Em seguida, narra a preocupação do representante do doge,<sup>108</sup> Andrea Dolfin, por ter que informar ao "Conselho dos Dez", no seu relatório periódico, o descontentamento da população local com os judeus, os quais recusam-se a abrir seus bancos. No entanto, por medo de represálias, os abrem. "However, the reopening of the banks failed to quell the wave of anti-Hebrew sentiment".<sup>109</sup>

<sup>105</sup> PHILLIPS, 1997, p. 71. "Durante o inverno, quando selecionamos os pertences da nossa família, a fim de nos prepararmos para a mudança da nossa casa de quatro andares para o pequeno apartamento do outro lado da cidade, Margot e eu nos deparamos com o velho álbum de fotografias".

<sup>106</sup> Id. Ibid., p. 87. "Sentei-me no lado da cama e vi quando Margot arrumou as malas. Eu me perguntava se devia contar a ela sobre o comportamento estranho de mamãe, mas decidi não o fazer. Parecia melhor que Margot partisse sem este peso adicional".

<sup>107</sup> Id. Ibid., p.93. "Na Sexta-Feira Santa de 1480, os fiéis cristãos de Portobuffolè começaram a se reunir em grande número na Igreja de Santa Maria de Settimo".

<sup>108</sup> O Doge (do latim *dux*, "chefe") era o dirigente máximo da República de Veneza.

<sup>109</sup> Id. Ibid., p. 95. "No entanto, a reabertura dos bancos não conseguiu conter a onda de sentimento anti-hebraico". O termo "antisemitismo" foi usado pela primeira vez no século XIX, no sentido de

A morte de um mendigo loiro e cristão carece uma solução, pois os cristãos assim o exigem. São presos Servadio, Moses e Giacobbe, bem como suas esposas e empregados. A justiça local condena-os à morte, após depoimento de testemunhas e confissão sob tortura. O relatório enviado ao Conselho dos Dez deixa-os em posição difícil, pois tal execução destruiria o pretenso bom relacionamento que tinham com os judeus. No dia 7 de maio, os acusados são levados ao Palácio do Doge, onde ficam presos até 22 de junho. A seção narrativa encerra na página 105, sem que o destino dos judeus seja decidido pelo Conselho dos Dez: “After four days of heated debate, the honorable members of the Grand Council finally decided that the Jews of Portobuffolè should submit to a second trial, this time in Venice, beginning on Tuesday 27 June 1480”.<sup>110</sup>

Nesse ponto do livro (página 106), o leitor encontra Otelo (em inglês, *Othello*). Ele é inserido num momento de julgamento injusto, pois também será julgado pela sociedade veneziana. Caryl Phillips recorre a uma re-escritura de um texto canônico, *Otelo, o mouro de Veneza*, do dramaturgo inglês William Shakespeare. Como Bonnici explica, embora a partir de um contexto pós-colonial, a re-escrita

é uma estratégia em que o autor se apropria de um texto da metrópole, geralmente canônico, problematiza a fábula, os personagens ou sua estrutura e cria um novo texto que funciona como resposta [...] à ideologia contida no primeiro texto.<sup>111</sup>

Embora Phillips se utilize dessa estratégia para denunciar o pensamento opressor e discriminador eurocêntrico, mais do que se demorar na dinâmica das relações entre dominador/dominado, interessa a ele a possibilidade de preencher lacunas do texto shakespeariano, especialmente as relacionadas ao preconceito e suas devastadoras consequências.

Nessa parte inicial da re-escritura, o mouro explora Veneza como um novo residente, consciente do seu estatuto de estrangeiro na sociedade veneziana. Convocado para ser general no exército da “Sereníssima República de Veneza” – como os doges a apelidaram –, Otelo casa-se com Desdêmona, filha de um

---

“judeofobia”, raiva de tudo o que é judaico. É mais abrangente que anti-hebraico (*anti-Hebrew* - como aparece na passagem do livro), porque se referia a uma hostilidade de caráter mais religioso.

<sup>110</sup> PHILLIPS, 1997, p. 105. “Após quatro dias de intenso debate, os membros honorários do Conselho dos Dez finalmente decidiram que os judeus de Portobuffole deveriam ser submetidos a um segundo julgamento, desta vez em Veneza, com início na terça-feira, 27 de junho de 1480”.

<sup>111</sup> BONNICI, 2000, p. 43.

senador, sem a permissão deste. A seção inicia *in media res*, pois o narrador autodiegético já está casado e admira sua nova esposa dormindo:

She sleeps peacefully, her dark hair a gown about her neck and shoulders. This young woman can never have imagined that the fate would have deposited her into such a predicament. No longer a secure station in life, underscored by the most powerful of traditions. No longer to be gazed upon as desirable, yet unattainable. All will now imagine her easy prey for their lascivious thoughts. Truly, what am I to make of her?<sup>112</sup>

Após o primeiro parágrafo, Otelo realiza uma grande anacronia retrospectiva, na qual descreve as belezas de Veneza e como jamais teria imaginado o esplendor dos canais venezianos quando morava na África. Ele conta como ocupa seu tempo enquanto espera o momento de liderar o combate contra os turcos: estudando a língua local e visitando a cidade, inclusive o Palácio do Doge. A narrativa é linear até a página 121, quando, com uma analepse, o narrador autodiegético relembra como havia liderado seu próprio povo e exércitos em vários outros países, onde sempre fora recebido com festa, diferentemente da recepção da aristocracia veneziana. Por isso, estranha o convite do senador para ir até sua casa, e mais, quando o convida para retornar e jantar com a família:

I had spent much of my time looking around his room, enchanted by the huge oil paintings, impressed by the fabrics and chandeliers, and held spellbound by the long mahogany table that was being polished by a servant. I was unable to believe that this was a room in a private house, rather than a public chamber where matters of national importance might be debated. But why meet with me again? Unless, of course, he was doing so out of some misplaced sense of obligation.<sup>113</sup>

A narrativa segue cronologicamente linear. No final da página 128, Otelo vai conhecer o gueto onde vivem os judeus de Portobuffolè. A narração da visita encerra-se no início da página 131, com a indignação do narrador autodiegético por ver seres humanos vivendo em tal situação. Esse cruzamento das tramas referentes

---

<sup>112</sup> PHILLIPS, 1997, p. 106. “Ela dorme pacificamente, com os cabelos escuros vestindo seu pescoço e ombros. Esta jovem nunca poderia imaginar que o destino a colocaria em tal situação. Não possui mais um porto seguro na vida, deixou de ter a âncora da mais poderosa das tradições. Deixou de ser contemplada como desejável, mas inatingível. Todos a imaginarão agora presa fácil para seus pensamentos lascivos. Sinceramente, em que a transformei?”

<sup>113</sup> Id. *Ibid.*, p. 123. “Eu passei muito tempo olhando ao meu redor em sua sala, encantado com as grandes pinturas a óleo, impressionado com os tecidos e lustres, e preso em fascínio pela longa mesa de mogno que estava sendo polida por um empregado. Eu era incapaz de acreditar que aquela era a sala de uma casa particular, em vez de uma câmara pública, onde as questões de importância nacional poderiam ser debatidas. Mas, por queria se encontrar comigo de novo? A menos, claro, que ele estivesse fazendo isso com um deslocado senso de obrigação”.

ao nobre mouro e aos comerciantes judeus aproxima as duas raças vítimas do preconceito europeu, levando o leitor a comparar as situações discriminatórias a que foram submetidos.

Nessa seção, o mouro também conta sobre a paixão que surgiu entre ele e Desdêmona e sobre a vitória na batalha contra os turcos, proporcionada mais por questões climáticas do que por esforço do exército liderado por ele. A linearidade é interrompida na página 134, quando lembra de sua família africana: “That night I lay in bed and cast my mind back to the wife and child that I had left behind in my native country. I did not think of myself as having spurned them, for they were in my heart and would evermore remain there”.<sup>114</sup>

A sequência é outra analepse, que dá detalhes de como Desdêmona demonstra sua afeição e narra seu pedido de casamento, bem como o momento em que Otelo é informado sobre a chegada da hora de guerrear em defesa da ilha de Chipre, pertencente a Veneza. Na página 148, o narrador autodiegético retorna à narrativa primeira, o parágrafo inicial da trama do Otelo de Phillips. Com a narração do último parágrafo desta seção, compreende-se que se refere à lua-de-mel do casal e, portanto, ao desenvolvimento da história iniciada *in media res*.

O julgamento dos judeus de Portobuffolè inicia a seção seguinte, na página 149. Esse é assistido por cento e cinquenta e dois senadores de Veneza. A defesa é feita por dois advogados de Pádua. Esse segundo julgamento começa em 27 de junho e acaba em 4 de julho de 1480, condenando Servadio, Giacobbe e Moses à fogueira. Donato, que se converte por medo, é condenado à prisão e posterior exílio, bem como os demais homens. Somente as mulheres são libertadas. No dia seguinte, os três condenados à fogueira são executados, restando apenas cinzas, que somem imediatamente quando um dos guardas as joga ao ar.

A personagem central retorna na página 155; no entanto, a narração não é mais autodiegética, como havia sido quando se lia a história de Eva. A narrativa, agora heterodiegética, mostra Eva e seus pais indo de trem para o campo de concentração nazista. O trem anda uma hora para uma direção e retorna na mesma, ficando, às vezes, parado por horas sem que ninguém fale nada. Os passageiros não recebem comida nem água.

---

<sup>114</sup> PHILLIPS, 1997, p. 134. “Naquela noite eu deitei na cama e minha mente levou-me de volta para a esposa e filho que eu tinha deixado para trás em minha terra natal. Eu não me vejo como os tendo rejeitado, porque eles estavam em meu coração e permanecerão para sempre nele”.

Eva looked all around. By the door to the boxcar a woman clutched her baby to her breast, its small mouth hammering first one nipple, then the next. After three days of traveling, clamour had finally given way to silence and people were beginning to doze off, their heads bobbing forwards like comical dolls.<sup>115</sup>

Este outro cruzamento – da queima dos judeus de Portobuffolè com a família (judaica) de Eva – prefigura, de certa forma, o destino dos que iniciam deslocamento rumo ao campo de concentração. Mudam-se os tempos, muda-se o modo de execução, mas o horror enfrentado é o mesmo.

Um novo narrador é introduzido no livro, na página 156. Só se sabe que é um médico porque fala de seus pacientes. É um narrador homodiegético, descrevendo a triste situação de pacientes que, como Eva, sobreviveram ao horror nazista, e opinando a respeito do sofrimento destes. *“The truth is, with the experience that I now have, all I have to do is look closely into the eyes of a patient to have some idea as the extent of the damage”*.<sup>116</sup> Observa-se outra antítese: cura x destruição. É no hospital (lugar de cura) que Eva sucumbe à dor. A faca para cortar o bolo (instrumento que deveria saciar a fome e alegrar) é usada para tirar a própria vida.

Na página seguinte, Otelo retorna com sua autodiegese. Ele está no mar, em meio à tempestade, mas não se preocupa com a complicada condição climática, só pensa em sua nova esposa: *“But these military thoughts, as worrisome as they are, do not dominate my mind. My wife. These days, always my wife. I recall our brief courtship and I remember her joyful acceptance of my proposal”*.<sup>117</sup> Um soldado quer retornar antes que sejam engolidos pela noite e pela tempestade, mas Otelo o lembra que são soldados e têm um dever a cumprir. A tempestade também figura como elemento antitético e indiciário: é ela que destrói o inimigo, mas representa toda a turbulência de acontecimentos que destruirão o mouro.

Após o fim dessa seção, na página 160, há duas notas explicativas, uma falando sobre Veneza: *“Venice: A city that lies on approximately one hundred and*

<sup>115</sup> PHILLIPS, 1997, p. 155. “Eva olhou ao redor. Ao lado da porta do vagão uma mulher segurava seu bebê ao peito, sua boca pequena martelando o primeiro mamilo, depois o outro. Após três dias de viagem, o tumulto, finalmente, deu lugar ao silêncio e as pessoas estavam começando a cochilar, suas cabeças balançando para a frente como bonecos cômicos”.

<sup>116</sup> Id. Ibid., p. 157. *“A verdade é que, com a experiência que tenho agora, tudo o que tenho a fazer é olhar atentamente nos olhos de um paciente para ter alguma ideia da extensão dos danos”*.

<sup>117</sup> PHILLIPS, loc. cit. “Mas esses pensamentos militares, tão preocupantes como são, não dominam minha mente. Minha esposa. Estes dias, sempre a minha esposa. Lembro-me de nosso breve namoro, e eu lembro a alegria com que aceitou meu pedido de casamento”.

twenty islands in the Adriatic Sea on the north-east coast of Italy”,<sup>118</sup> que segue percorrendo sobre a importância política e artística da cidade-estado na Renascença e na atualidade; a outra nota explica o significado da palavra gueto:

GHETTO: It is generally thought that the word *ghetto* was first used to describe the section of Venice where, in the sixteenth century, Jews were ordered to live apart from Christians in a ‘marshy and unwholesome site’ to the north of St Mark’s. The Italian word *ghetto* means iron foundry, the Venetian Jews being forced to live next to the site of a former foundry. Ghettos are generally subject to serious overpopulation, and they exercise a debilitating effect on the self-confidence of their inhabitants.<sup>119</sup>

Essas explicações metaficcionalis, além de chamarem a atenção do leitor para a materialidade do texto, suprem informação necessária à sua compreensão pelo leitor. No caso acima citado, mais do que oferecer a origem e significado da palavra gueto, o texto aponta para as bem pouco aprazíveis condições de vida em tal lugar, e o efeito desmoralizador que essa ambiência causa em seus moradores. A mesma relação ambiente/efeito psicossomático é válida para os judeus do tempo de Hitler.

Como Linda Hutcheon comenta, na narrativa metaficcional a conexão entre a vida e a arte é refeita no processo imaginário de contar a história e não na história contada, sendo o leitor, o veículo de transformação que refaz a conexão. Assim, o texto metaficcional desvia a atenção para o texto, as manifestações literárias que expressam mudanças sociais e suas conseqüentes implicações em relação à vida do leitor.<sup>120</sup>

Na página 160, o narrador heterodiegético continua a narração que iniciou na 155, interrompida na 156, a respeito de Eva e seus pais no trem a caminho do campo de concentração nazista. Durante a noite, um homem enforca-se em um gancho do trem. Um amigo tenta impedi-lo, mas é espancado e deixa que se suicide. Eva vira o rosto e tampa os ouvidos, pensando se seria forte o suficiente para suportar o que ainda estava por vir. O suicídio é um exemplo do efeito desmoralizador do ambiente adverso, para o qual o texto metaficcional chama a

<sup>118</sup> PHILLIPS, 1997, p. 160. “Veneza: Uma cidade que se situa na costa nordeste da Itália e possui cerca de cento e vinte ilhas do Mar Adriático”.

<sup>119</sup> Id. Ibid., p. 160. “Gueto: Pensa-se geralmente que a palavra *gueto* foi usada pela primeira vez, para descrever o local de Veneza onde, no século XVI, os judeus foram obrigados a viver separados dos cristãos em um ‘terreno pantanoso e insalubre’, ao norte de São Marcos. A palavra italiana *gueto* significa ‘fundição de ferro’, os judeus venezianos forçados a viver ao lado do terreno anteriormente ocupado por uma fundição. Guetos são geralmente sujeitos a uma grave superpopulação, e exercem um efeito debilitante sobre a autoconfiança dos seus habitantes”.

<sup>120</sup> Cf. HUTCHEON, 1984, p. 3.

atenção: a degradação do local de encarceramento leva à percepção de que a vida parecer impossível em tais condições.

Após nova troca de seção na página 161, a história prossegue, mudando o narrador. É narrada a chegada do trem no campo, expressando o horror e a confusão do local. São frases em terceira e primeira pessoas intercaladas, descrevendo o cenário horripilante e narrando os acontecimentos entre falas de personagens que se identificam aos responsáveis pelo campo, questionam e rezam. Essas intercalações transferem para a estrutura do texto a confusão ambiental e mental do campo de concentração nazista. Todo o horror ocorre sob o olhar estarecido de Eva: “We breathe deeply on the air that will enable us to live. We fill our lungs and stare. Plumes of smoke spin into the night air. A red glare. The smoke whispers the truth, but, at this moment, none wish to listen”.<sup>121</sup>

Depois dessa passagem, a seção seguinte é a narrativa autodiegética de Eva contando que precisou despir-se e teve seu cabelo cortado; também declara seu desejo de esquecer o nome, como se fosse possível protegê-lo. “But already Eva refuses to be hidden. There is no new name in my throat. Eva refuses to disappear”.<sup>122</sup>

Na mesma página, inicia-se outra seção, quando o narrador autodiegético, Otelo, continua a narração do início da página 160. Após três tempestuosos dias de viagem, o exército veneziano chega à ilha de Chipre, onde descobre que o inimigo foi abatido pela força do mar. O mouro está desejoso de retornar para a companhia da esposa e afirma que irá aprender mais sobre seus “conterrâneos”, aproveitando o tempo em Chipre para tal tarefa. Além de general, Otelo recebe o cargo de governador da ilha e pede para prepararem uma festa memorável para essa conquista e para comemorar seu casamento. Seu tenente, Michael Cássio, lhe informa sobre a morte do sogro, mas lhe assegura que sua esposa está bem, não demonstrando nenhum sinal de luto. O então general-governador ratifica sua ordem de preparo da festa. A transição da dor de Eva para a alegria de Otelo representa a esperança de vitória da personagem central, ou seja, seu desejo de sobreviver. A

---

<sup>121</sup> PHILLIPS, 1997, p. 164. “Nós respiramos profundamente o ar que nos permitirá viver. Nós enchemos nossos pulmões e nosso olhar. Nuvens de fumaça a girar no ar da noite. Um brilho vermelho. A fumaça sussurra a verdade, mas, neste momento, ninguém deseja ouvir”.

<sup>122</sup> PHILLIPS, loc. cit. “Mas já Eva se recusa a ser escondido. Não há nenhum nome novo na minha garganta. Eva se recusa a desaparecer”.

morte do pai de Desdêmona é indiciária da ambiguidade dos sentimentos do mouro, que não conseguirá ser plenamente feliz em Veneza.

Separado por um espaço com reticências, há mais um recurso metaficcional, uma nota sobre Otelo, informando ser uma peça de William Shakespeare, a qual foi provavelmente inspirada em uma coleção de histórias italianas, a *Hecatommithi*. No fim da seção, é transcrita uma passagem da história original que inspirou o dramaturgo inglês, a qual revela a paixão “imprópria” de um negro por uma donzela da nobreza veneziana. Essa história, que deveria ser de amor, se transformará em um pesadelo, como o experimentado por Eva – mesmo acordada.

A seção que segue, na página 166, possui uma narração heterodiegética juntamente com a de Eva, autodiegética, entre parênteses: “Each morning while waiting for sunlight, she sighed (The worst part of every day. I open my eyes and I feel pain.) and faced the truth about her situation”.<sup>123</sup> Em seguida, seu pesadelo é narrado em primeira pessoa, com letras em itálico. Toda a história é sobre os horrores do campo e seu desejo de sair de lá. Excrementos, sangue, corpos, humilhação, morte, fumaça. Horror que cobre a terra, o céu, a mente. Frases curtas seguem-se em rápida sucessão até o final da seção, na página 172, indicando a brevidade e futilidade da vida no campo de concentração.

Mais um narrador aparece neste ponto do livro, cuja narrativa homodiegética revela seu interesse pelos sobreviventes. Através de suas considerações, pode-se aferir que seja um pesquisador, provavelmente um historiador: “I hardly knew her. I interviewed her just the once. But it was she who started me thinking about the problem in general”.<sup>124</sup> Na sequência, há uma seção de apenas um parágrafo, sobre a noite de amor de Otelo e Desdêmona, em Chipre, o que estabelece tremendo contraste com os horrores do campo de concentração.

Ainda na página 173, o narrador heterodiegético informa sobre o destino de Margot, a irmã mais velha de Eva: “Margot died on a cold grey morning in a country that was not her own”.<sup>125</sup> Após essa frase, através de uma analepse, conta o que aconteceu com a moça de 17 anos quando deixou a casa dos pais para esconder-se no sótão da casa de uma família alemã, amiga de seu pai. Aprende a fazer silêncio

---

<sup>123</sup> PHILLIPS, 1997, p. 166. “Cada manhã, enquanto espera pela luz do sol, ela suspira (A pior parte de todo dia. Eu abro meus olhos e sinto dor.) e encara a verdade sobre sua situação”.

<sup>124</sup> Id. Ibid., p. 172. “Eu mal a conhecia. Eu entrevistei apenas uma vez. Mas foi ela que me fez pensar sobre o problema em geral”.

<sup>125</sup> Id. Ibid., p. 173. “Margot morreu em uma manhã fria e cinzenta em um país que não era o seu”.

absoluto e inventa uma amiga imaginária para amenizar o sentimento de solidão. É abusada pelo dono da casa, corta os cabelos e foge. Provavelmente é pega pelos nazistas, pois morre em um país ao leste da Alemanha, ou seja, a Polônia, onde se encontravam a maior parte dos campos de concentração nazistas, “naked among naked strangers”.<sup>126</sup> Essas sequências justapostas, todas individualizações em que o horror predomina, preparam para o seu ápice: o campo de concentração nazista.

Na página 175 e 176, um narrador heterodiegético explica como funciona o processo de eliminação dos judeus na câmara de gás e fornalha. Ocorrem intervenções metaficcionalis entre parênteses, intercaladas com a descrição das execuções: “They open trap doors, then shake the contents of the cans (which are marked *Zyklon B – for use against vermin*)”.<sup>127</sup> “Once the cremation chamber has been brought to a good red heat (approximately 800° C), the corpses are introduced”.<sup>128</sup> Essas intervenções proporcionam uma compreensão detalhada de algo que poderá ser desconhecido pelo leitor; por outro lado, com sua crua referencialidade, contribuem para realçar o horror.

Na metade da página 177, inicia uma nova seção, uma outra forma de horror psicológico: Gerry, o carrasco que devastará o coração de Eva, com mais intensidade que o campo de concentração. Essa seção informa a intenção de Gerry, após retornar à Inglaterra, de mandar uma carta para Eva, explicando que já é casado com Noreen, com quem tem um filho. Todavia, ele prefere procurar outra jovem para esquecê-la, e espera que Eva também o tenha esquecido.

A próxima transição ressalta o efeito da esperança e contrasta com a anterior. É porque Bella não tem esperança que sucumbe mais facilmente; Eva, ao contrário, nutre a esperança de dias melhores, de vir a ter uma família. A narradora autodiegética conta, nas páginas 179 e 180, sobre sua amiga negra, chamada Bella, com quem divide a comida. Bella não tem esperança de que o nazismo seja derrotado, mas Eva a conforta dizendo que ambas são jovens e têm um futuro as esperando depois daquele lugar. No entanto, a moça adocece e morre desnutrida e com incontinência fecal. A seção seguinte, na página 180, retorna para a história de Otelo, pela primeira vez de forma heterodiegética. É uma narração

<sup>126</sup> PHILLIPS, 1997, p. 175. “nua entre estranhos nus”.

<sup>127</sup> Id. Ibid., p. 176. “Eles abrem as portas da armadilha, em seguida, agitam o conteúdo das latas (que estão marcadas *Zyklon B - para uso contra os parasitas*)”.

<sup>128</sup> Id. Ibid., p. 177. “Uma vez que a câmara de cremação alcança um bom calor vermelho (cerca de 800 ° C), os corpos são introduzidos”.

questionadora, lembrando o mouro de suas raízes e da impossibilidade de suplantar completamente o passado. Provavelmente sua própria consciência. As mudanças de sequência viajam no tempo e espaço para mostrar que o preconceito não tem tempo nem endereço certo: não se sabe onde e quando iniciou, nem em que data deixará de existir.

A trama dos judeus de Portobuffolè, retomada na página 181, também muda a narração que, ao contrário da trama de Otelo, era heterodiegética até então. O narrador homodiegético é Servadio, o usurário judeu, condenado à fogueira. Ele realiza um discurso de esperança a seus companheiros de cela: “Do not weep. Please, do not weep. [...] My brothers, let them burn our bodies. If this gives them pleasure, then let them burn us. But our souls do not belong to them. Have you lost your faith?”.<sup>129</sup> Contudo, o real sentimento de seu coração é expresso entre parênteses e em itálico:

*(In portobuffole I was respected. My family never cheated anybody. We lived modestly and we celebrated our holidays in peace. We respected your traditions, we made charitable contributions towards your institutions. Yet now your people pluck my beard, you stone my children, you defraud me, you mock my clothes and my religion. I tell you, I have never heard of this boy, Sebastian New. I have never seen such a boy. I know not what are talking about. My wife is suffering, my family is drowning in tears. Why? Who is this Sebastian New? What are you talking about?)*<sup>130</sup>

A nova transição é para um africano que também era respeitado em sua terra natal e agora sofre em Veneza. Na página 182, o narrador heterodiegético continua a persuadir Otelo de sua fraqueza e o aconselha a retornar para a África. Em seguida, inicia-se uma longa narração heterodiegética de um pesadelo de Eva, que se encerra assim: “*And then the creaking of the ladder as the soldiers mounted its*

<sup>129</sup> PHILLIPS, 1997, p. 181. “Não chorem. Por favor, não chorem. [...] Meus irmãos, deixem que queimem nossos corpos. Se isso lhes dá prazer, deixem que nos queimem. Mas nossas almas não lhes pertencem. Vocês perderam a fé?”

<sup>130</sup> Id. Ibid., p. 181. “(Em Portobuffolè eu era respeitado. Minha família nunca enganou ninguém. Vivíamos modestamente e comemorávamos nossos feriados em paz. Nós respeitamos suas tradições, fizemos contribuições de caridade para suas instituições. Mas, agora, seu povo arranca minha barba, apedreja meus filhos, vocês me espoliam, vocês zombam de minhas roupas e de minha religião. Eu lhes digo, eu nunca ouvi falar desse menino, Sebastian New. Nunca vi tal menino. Eu não sei do que estão falando. Minha esposa está sofrendo, minha família se afogando em lágrimas. Por quê? Quem é esse Sebastian New? Do que estão falando)”.

*rickety structure, and the triumphant shouting, and the laughter, and then she felt warm thuds as the bullets found scraps of flesh in which to nest*".<sup>131</sup>

Essas imagens acompanham constantemente a jovem de 21 anos, "salva" do campo de concentração nazista. Na seção seguinte, na página 184, o pesadelo anteriormente narrado a atormenta enquanto sai do campo, após dois anos de puro horror: "I have tried to stop dreaming, but it is difficult to control my mind. I sleep as I walk. There is much to look at as we snake through the narrow lanes".<sup>132</sup>

Na página seguinte, há uma explicação sobre o significado da palavra *suicídio*. De acordo com a visão cristã de tal ato: "SUICIDE: An act of voluntary and intentional self-destruction. St Thomas Aquinas (1225-74) claimed that suicide was a mortal sin because it usurped God's power over human life and death. However, neither the Old nor the New Testament directly forbids suicide".<sup>133</sup> Novamente a metaficção faz o preenchimento de lacunas, através do narratário. Essa nota funciona como um indício do desfecho da personagem central do livro. É ela, Eva, a narradora da próxima seção, em que autodiegeticamente descreve a monotonia do campo de refugiados, sem violência física. Há apenas a violência da memória e o silêncio; também a morte persiste, enquanto Eva inveja a liberdade dos pássaros, "for they can fly wherever they wish".<sup>134</sup> Ela está rememorando o tempo feliz de liberdade.

O médico e sua narrativa homodiegética retornam em seguida, informando não saber onde Eva conseguiu a faca para suicidar-se, nem imaginar que ela fosse cometer tal irracionalidade no hospital. A suposição do médico é de que, provavelmente, a enfermeira a tenha deixado para cortar o bolo trazido pelo senhor Gerald Alston – nome completo de Gerry. Entre as considerações do médico, em itálico, aparecem, entre parêntese, as frases ditas por Eva a respeito do horror que permaneceria em sua memória, até o dia de sua morte.

<sup>131</sup> PHILLIPS, 1997, p. 184. "E então o ranger da escada, enquanto os soldados engastavam sobre sua estrutura frágil, e o grito de triunfo, e as gargalhadas, e então ela sentiu os golpes quentes enquanto as balas aninhavam-se em sua carne".

<sup>132</sup> PHILLIPS, loc. cit. "Eu tentei parar de sonhar, mas é difícil controlar minha mente. Durmo enquanto ando. Há muito a olhar enquanto rastejamos por ruas estreitas".

<sup>133</sup> Id. Ibid., p. 185. "SUICÍDIO: Um ato de voluntária e intencional autodestruição. São Tomás de Aquino (1225-1274) afirmava que o suicídio era um pecado mortal, por usurpar o poder de Deus sobre a vida e a morte do ser humano. Porém, nem o Velho nem o Novo Testamento diretamente proibem o suicídio".

<sup>134</sup> Id. Ibid., p. 186. "pois podem voar para onde quiserem".

Separada por um espaço com reticências, há uma anacronia retrospectiva para contar a impressão de Eva sobre o hospital e como, em partes, lembrava o campo de refugiados pelo qual passou. Ela pensa que algo poderia acontecer, e entristece, pois nada acontece, nada acontecerá. A solidão apossa-se dela: está só, sem Gerry, sem Margot, sem Bella. Apenas uma projeção autoimagética persiste – uma garota, ela própria –, a qual a acompanhou desde a chegada à Inglaterra, e está parada ali. Eva pode vê-la, mesmo quando as luzes são apagadas, “with the swathe of red around her mouth”.<sup>135</sup> A moça representa o trauma do horror passado, que não a deixa viver em paz.

Mais uma analepse é feita, para narrar a partida de Eva do campo de refugiados até Londres. A seção inicia-se na página 187. Durante a viagem ela evita falar com os companheiros de vagão. Chegando à capital inglesa, possui apenas uma mala e uma carta com o endereço de Gerry, na qual afirma não ter encontrado Margot e desejar casar-se com ela. Ele dá esperança à personagem central de unir-se com ele e reunir sua família; ambas frustradas.

Eva pega um táxi que a deixa no endereço; na casa, quem atende à porta é uma mulher loira. Eva pensa ser a casa errada, mas pergunta por Gerry e a mulher responde que ele saiu. A narração que segue é como um fluxo de consciência, para poder expressar o turbilhão de sentimentos, imagens, lembranças do horror que Eva traz juntamente com um fio de esperança no futuro. Ela pensa que sua bagagem assusta a dona da casa; desmaia e acorda no hospital. Imagina que a mala causará a mesma impressão no hospital: que chegou para ficar. São impressões, explicações, reclamações misturadas.

Eva sonha com um passado distante, quando ela e a irmã sentavam no parque, lembrando como dividiam tudo, “toys, books and secrets”<sup>136</sup>, e também faziam planos de um futuro bom. Porém, seu sonho torna-se pesadelo com o horror do Holocausto, um homem executando crianças, batendo suas cabeças no muro e jogando outras na fogueira. A enfermeira a acalma e pergunta se deseja a presença do médico. Ela lembra-se que prometeu não falar mais, sabe que seu amor está em casa, escondendo-se da vergonha de seu pedido não cumprido. Com uma analepse, a narradora autodiegética lembra como ele era cortês no campo de refugiados, dividindo seu suprimento sem perguntas ofensivas do tipo: “did you survive because

---

<sup>135</sup> PHILLIPS, 1997, p.186. “com uma faixa vermelha em volta da boca”.

<sup>136</sup> Id. Ibid., p. 191. “brinquedos, livros e segredos”.

you slept with a man?”<sup>137</sup>. Entretanto, em Londres agira com indiferença, levando-a para beber e a deixando. “I realized that Gerry had probably said all that he was going to say to me. I watched him now, laughing with his friend at the bar. No, Gerry. No. Surely you are better than this?”<sup>138</sup> É nesse momento que Eva desmaia, ou seja, essa passagem pode ser inserida, cronologicamente, depois que a narradora autodiegética faz suas considerações sobre o susto da mulher de Gerry ao ver uma estranha, com uma mala na mão, perguntando por seu marido, na página 190.

Após essa pergunta, mais como uma afirmação, fruto de sua decepção, a narradora acorda na sala do médico, dentro do hospital. Em seguida, é levada para o quarto por uma enfermeira que se insinua para o médico. O médico informa que Eva ficará sob observação por alguns dias. Ela não gosta do hospital, nem da roupa que deve usar lá, muito menos da comida servida picada, como se fosse uma criança. O doutor a interroga sobre suas lembranças de antes do desmaio no bar, pergunta se ela se recorda o quanto gritou. Entre as perguntas dele, uma importante: “Why did you write the letter?”<sup>139</sup> Gerry havia dito ao médico e à sua esposa que a própria Eva escrevera a carta em seu nome. Contudo, como ela adivinharia seu endereço? Sem um ser com importância afetiva com quem se comunicar, Eva tinha decidido ficar muda e assim permaneceu.

A narração autodiegética do segundo parágrafo da página 196 revela a perturbação mental de Eva. Ela fala sobre a moça que a persegue, grita que a deixe em paz e estranha o fato de que somente ela pode vê-la. Na página seguinte, Eva recebe a visita de Gerry, que lhe traz um bolo de chocolate e uma faca para cortá-lo. Mal consegue encará-la, tamanha é sua vergonha, apenas diz que os homens fazem coisas imperdoáveis na guerra. Eva, muito confusa, pensa ser realmente a autora da carta, mas estranha o fato de ele não ter comentado a respeito. Quando Gerry vai embora, o médico pergunta se ela deseja revê-lo. Eva apenas faz um sinal com a cabeça, expressando sua negação à pergunta, mas o médico não entende e diz que no dia seguinte ele retornará, então.

A menina de batom vermelho continua com ela, triste. Eva sabe que em alguma parte dentro de si própria há um lugar onde poderá descansar, e a garota

---

<sup>137</sup> PHILLIPS, 1997, p. 193. “você sobreviveu porque dormiu com um homem?”.

<sup>138</sup> Id. Ibid., p. 194. “Percebi que Gerry tinha provavelmente dito tudo o que queria me dizer. Eu o assistia agora, rindo com seu amigo no bar. Não Gerry. Não. Com certeza você é melhor do que isto?”

<sup>139</sup> Id. Ibid., p. 196. “Por que você escreveu a carta?”

não poderá segui-la. Questiona-se a respeito da possibilidade de poder ser realmente feliz e, diante da conclusão negativa, relembra sua imensa solidão, velada por esta moça que é a representação de sua desilusão. Ela deseja ir para casa, mas para onde? Para o único lugar onde, provavelmente todos estão reunidos: além-vida. Nesse instante, Eva aceita sua projeção imaginária, a conforta, afirmando que tudo ficará bem: “Everything will be fine. Please. Don’t worry”.<sup>140</sup> Infere-se que, após este “autoconforto”, Eva se suicida, pois não é narrado o momento exato em que isso acontece. Essa é a passagem final da personagem que sofreu duplamente: a discriminação de sua raça, e o fardo de ser mulher em uma sociedade androcêntrica.

As páginas que seguem até o final do livro referem-se a Stephan Stern e Malka, uma judia etíope que viaja para Israel, só para descobrir que sua cor de pele a impede de conseguir um emprego digno. Stephan retorna ao local onde o romance inicia. Malka representa todos os preconceitos já abordados: é mulher, negra e judia. A seção que inicia na página 198 tem narração heterodiegética: “He had been watching her for a long time. She sat alone across the room, her face an impassive mask, while the other women swirled and dipped in large gestures of exaggerated joy”.<sup>141</sup> Ninguém a convida para dançar, então ela finge ser indiferente às pessoas ao redor. Na página 199, entre parênteses e em itálico, a narração homodiegética revela a precariedade do local de origem de Malka e de sua família, que residiam em um lugar onde não havia nem lâmpadas nem telefone. Sua família é de agricultores e tecelões. Ela sente-se feliz por chegarem a Israel bem, quando muitos padeciam de malária. O narrador heterodiegético retorna, enumerando os frequentadores do clube onde Stephan conhece Malka. São eles: solteirões, viúvas, prostitutas, estudantes e atrizes desempregadas, as quais eram pagas para dançar por algumas horas toda semana.

Há uma anacronia retrospectiva de 10 anos na página 200, informando que, após sua aposentadoria, Stephan Stern vende seu apartamento no centro da cidade porque com o dinheiro poderia ter uma vida mais tranquila. O novo apartamento fica a vinte minutos de ônibus do clube, ao qual ele associou-se há dois anos, por sentir solidão. Na noite em que conhece a etíope, cria coragem e a convida para dançar.

<sup>140</sup> PHILLIPS, 1997, p. 198. “Vai ficar tudo bem. Por favor. Não se preocupe”.

<sup>141</sup> PHILLIPS, loc. cit. “Ele tinha a observado por um longo tempo. Ela sentou-se sozinha do outro lado do salão, seu rosto era uma máscara impassível, enquanto as outras mulheres rodavam e mergulhavam em grandes gestos de alegria exagerada”.

No parágrafo seguinte, o narrador heterodiegético conta sobre os dois anos de estudo da língua e o curso de enfermagem feitos por Malka. Stephan lhe diz poder ajudar, já que é um médico aposentado. Ele sente vergonha por ser, pelo menos, 50 anos mais velho. No entanto, durante os dois anos em que frequenta o clube, ela é a primeira mulher por quem se sente atraído.

Na página 201, entre parênteses e em itálico, a narração autodiegética é sobre Malka e a família no avião, rumo ao lugar que julgam vir a ser seu lar, pois são judeus, ou seja, da Casa de Israel. É somente nessa passagem que o leitor fica sabendo seu nome. A narração heterodiegética mostra o casal indo beber vinho branco no bar, após a dança. Assim, várias taças de vinho e danças depois, ele pergunta se ela gostaria de jantar, ela recusa, ele pergunta se ela tem outro lugar em mente, ela sugere um hotel.

Ele não sabe como informar que não deseja uma prostituta, mas companhia para conversar, uma amiga. Porém, teme ofender a moça caso ela não esteja realmente desejando prostituir-se. É a primeira vez que ela está em um hotel. Após apreciarem o mar, descem para jantar. Na página 207, em uma analepse, a narradora autodiegética não entende por que a Terra Santa não parece um lar e questiona a brutalidade dos acontecimentos locais, onde as pessoas se matam sem um motivo lógico, o que na Etiópia não ocorre nem com um animal.

O narrador heterodiegético conta que, de volta ao quarto, Malka vai tomar banho e Stephan apaga as luzes para que ela não veja seu corpo, com vergonha dos sinais da idade e de uma grande cicatriz no peito. Ela sai do banheiro e pensa que ele não deseja vê-la nua, confessando não ser uma prostituta. Diz que deseja ser sua amiga, todavia, se quiser beijá-la não há problemas. Stephan aprecia seu corpo durante o sono, mas não ousa tocá-la. Na manhã seguinte, quando percebe que Malka já o tinha deixado, o primeiro impulso de Stephan é verificar se ela havia roubado sua carteira, mas luta contra tal preconceito. Paga a conta e volta para sua vida.

A lembrança da esposa e filho o atormenta diariamente; solitário e sentindo-se culpado, sua única companhia é a memória. É ela que lhe remete às sobrinhas, Eva e Margot. A memória do velho cria uma analepse da despedida do “strange Uncle Stephan”,<sup>142</sup> que, após relembrar o abraço das sobrinhas, permanece com os

---

<sup>142</sup> PHILLIPS, 1997, p. 211. “estranho tio Stephan”.

braços abertos, refletindo sobre o passar do tempo. “Uncle Stephan watched as they skipped away and left him alone on the bench, his arms outstretched, reaching across the years”.<sup>143</sup>

As histórias díspares criadas por Caryl Phillips são conectadas através de séculos de desconfiança europeia sobre outras raças, uma desconfiança que, periodicamente, dá origem a explosões de ódio e crueldade. Tão cruel que o traído pode tornar-se o traidor. A narração de Eva evoca a brutalidade do Holocausto e é tão poderosa quanto seus detalhes. A decisão de Stephan de retornar à Palestina tem significado e pungência, principalmente porque se percebe o que acontece com aqueles que ele deixa para trás. O conhecimento histórico e literário empresta um senso de predestinação a algumas das narrativas, deixando o leitor surpreso com o desfecho das histórias, pois sabe de antemão que Otelo se tornará irracionalmente ciumento, matando Desdêmona e suicidando-se, bem como deduz que a adolescência de Eva será cruelmente interrompida pelos nazistas, que a matarão na câmara de gás. Nenhum dos finais é o esperado. Resta apenas a triste conclusão de que, se nada for feito, o racismo e o medo dos outros vão continuar indefinidamente por todo o futuro da humanidade.

O tempo da “coisa contada” compreende um espaço de 500 anos. Desde a chegada de Otelo em Veneza, no final da década de 1470, pois em 1480 os cristãos de Portobuffolè esperavam por seus parentes, os quais retornariam da batalha contra os turcos infiéis. Com um lapso de 450 anos, a história retorna na década de 1930, infância e juventude de Eva Stern, atravessando o Holocausto, até 1944, quando foi para o campo de refugiados, e após a guerra, no ano seguinte, quando se suicidou. O final do livro ocorre quatro décadas depois, na velhice de Stephan Stern, nos anos 1980. O “pseudo-tempo”, isto é, o tempo da narrativa foi analisado nas páginas anteriores.

Conforme definido no início deste capítulo, a duração dos acontecimentos narrados e sua relação com a duração da sua narração podem ser compreendidas através da análise dos recursos do sumário, pausa, elipse e cena. Tais recursos concatenados possibilitam a evolução das tramas com dinamismo. Seguem exemplos dos recursos: 1) Sumário:

---

<sup>143</sup> PHILLIPS, 1997, p. 212. “Tio Stephan assistiu enquanto elas saíram dos seus braços e deixaram-no sozinho no banco, com os braços estendidos, alcançando o passar dos anos”.

The Jews had first begun journeying to Portobuffolè in 1424, many of them migrating from Colonia in Germany. Back in 1349, the Christian people of that region had suddenly become incensed and irrational from fear of plague, and the Jews began to suffer as this Christian hysteria manifested itself in violence. Eventually the Jews could take no more and they barricaded themselves into their large synagogue, set fire to it and recited moribund prayers to each other as they waited for the end. The few Jews that survived this catastrophe remained in the region, but finally they were driven out. And then a few years later, they were once more admitted as though nothing had ever occurred. Such is the way of Germans with their Jews. In 1424, the Jews of Colônia were finally expelled for good and most decided to travel to the Republic of Venice, where it was rumoured that life was more secure.<sup>144</sup>

Este parágrafo sumariza setenta e cinco anos de migração. Somado aos quatro parágrafos seguintes, contam toda a história – 131 anos – de migração e assentamento judaico em Veneza. 2) Pausa descritiva: Eva descreve a sala do médico londrino: “A desk with a solitary chair in front and behind, a single bed, and a metal filing cabinet. The other pieces of furniture are shrouded. Behind the doctor’s desk, there is a small uncurtained window, and on his desk there is a single flower in a thin vase”.<sup>145</sup> 3) Eclipse: designa um corte de elementos discursivos suscetíveis de serem compreendidos pelo contexto: “Spring gave place to summer, and summer in turn, to a strangely melancholic autumn”.<sup>146</sup> 4) Cena: possui, na maioria das vezes, um diálogo entre as personagens, o que torna o tempo da narrativa e da história equivalentes, por exemplo, o diálogo de Malka e Stephan após o jantar: “‘I am asking you. You, a doctor. Why do they train me as a nurse?’ ‘Well, why not train you as a nurse?’ She laughed. ‘You do not understand’”.<sup>147</sup>

No capítulo seguinte, analisar-se-ão como ocorrem no texto a rememoração, a individuação, a vitimização, entre outros conceitos necessário à compreensão do

---

<sup>144</sup> PHILLIPS, 1997, p. 50. “Os judeus começaram a migrar para Portobuffolè em 1424, muitos deles partindo de Colônia, na Alemanha. Em 1349, o povo cristão da região, de repente se enfureceu e se tornou irracional por medo de peste, e os judeus começaram a sofrer enquanto essa histeria cristã manifestava-se com violência. Finalmente, os judeus não aguentaram mais e entrincheiraram-se em sua grande sinagoga, atearam fogo e recitaram orações moribundas uns aos outros enquanto esperavam pelo fim. Os poucos judeus que sobreviveram a essa catástrofe permaneceram na região, mas finalmente foram expulsos. E então, alguns anos mais tarde, eles foram mais uma vez admitidos, como se nada tivesse ocorrido. Essa é a maneira dos alemães com seus judeus. Em 1424, os judeus de Colônia foram finalmente expulsos por bem e a maioria decidiu migrar para a República de Veneza, onde havia rumores de que a vida era mais segura”.

<sup>145</sup> Id. Ibid. p. 194. “Uma mesa com uma cadeira solitária em frente e outra atrás, uma cama de solteiro, e um arquivo de metal. As outras peças da mobília estão encobertas. Atrás da mesa do médico, há uma pequena janela sem cortinas, e em sua mesa há uma única flor em um vaso fino”.

<sup>146</sup> Id. Ibid., p. 116. “A primavera deu lugar ao verão, e o verão, por sua vez, a um outono estranhamente melancólico”.

<sup>147</sup> Id. Ibid., p. 208. “‘Estou perguntando a você. Você, um médico. Por que me treinaram para ser enfermeira?’ ‘Bem, por que não treiná-la para ser enfermeira?’ Ela riu. ‘Você não entende’”.

contexto do genocídio e o preconceito racial, expressões do horror provocado pela banalidade do mal.

### 3 THE NATURE OF BLOOD: INDIVIDUAÇÃO E REMEMORAÇÃO

*Senhor Deus dos desgraçados!  
Dizei-me, Vós, Senhor Deus!  
Se é loucura... se é verdade  
Tanto horror perante os céus?!  
Castro Alves, Navio Negreiro*

*Banalidade do mal,  
Um retrocesso, imoral,  
Pensou a Poeta, um dia...  
E veio à tona o temor  
De, ante tanto desamor,  
Não haver mais poesia.*

*Como pensar poesia  
(Que a luz humana irradia),  
Diante de tal horror?  
Tormento que assola a gente,  
Que torna o ser impotente,  
Perplexo, puro estupor?*

*Como entender tanta injúria,  
Tanta atividade espúria,  
Maldosa, feroz, insana?...  
A revelação mais dura  
Da face mais obscura  
Da natureza humana...*

*Quantas ilusões perdidas,  
Infâncias interrompidas,  
Esperanças decepadas...  
Quantas lúbricas medidas  
Transformando sobrevividas  
Em almas atormentadas...*

*Infelizmente herdamos  
Todos nós, que aqui estamos,  
Esse espólio de maldade.  
Como vítimas de um Fausto  
Sobre as cinzas do Holocausto,  
Caminha a Humanidade.*

*Mas podemos, conscientes,  
Eliminar as sementes  
Que a intolerância traz.  
Acabar com toda guerra,  
E reinventar a Terra,  
Dar-lhe um futuro de paz...*

*[...]*

*O inferno do Holocausto,  
Algoz, fruto da infâmia,*

*Não pode ser repetido!  
E justamente por isso  
Não pode – e não deve – ser  
Nunca, jamais, esquecido!*  
Oriza Martins, *Cinzas do Holocausto*

*O sangue é precioso, mais precioso que o ouro e os  
diamantes. Porque o sangue é único: uma poça de  
vida dispersa em nós, em existências separadas,  
mas, por natureza, única; emprestado, não dado; tido  
em comum, em confiança, para ser preservado;  
parecendo viver em nós, mas parecendo, apenas,  
pois na verdade nós vivemos nele.*  
JK. M. Coetzee, *A idade do ferro*

*The Nature of Blood* significa “a natureza do sangue”, título cujos termos abarcam uma gama de conotações. A constituição do sangue humano é a mesma em qualquer pessoa, e, tomando-se o termo metonimicamente, sangue por vida, pode-se dizer que todo ser humano tem a mesma constituição, e, portanto, não se justifica dizer que há superioridade de uns sobre outros. Os algozes também possuem a mesma natureza do sangue de suas vítimas. No romance, observam-se duas formas de interpretação, na tentativa de Phillips de conscientizar sobre a igualdade humana.

Conforme o próprio autor afirmou a respeito do tema, ao ser questionado por Renée Schattermann, em entrevista no ano de 1999: “It is deeply ambiguous because on the one hand it does create family and bonds which sustain but on the other hand, a radical fidelity and loyalty to it creates the very divisions, the very hostilities, the very exclusions that in a sense lead one to find kinship with others”.<sup>148</sup> Na sequência, compara sangue à religião, lembrando quantas batalhas e mortes foram causadas por crenças religiosas, contudo, em muitos casos, foram a força para seguir adiante. Temas paradoxais, por escravizarem e libertarem. “It maybe enslaves the group and liberates the individual”.<sup>149</sup>

As personagens serão analisadas pela ordem cronológica em que aparecem no romance *The Nature of Blood*.

<sup>148</sup> PHILLIPS, 2009, p. 63. “É profundamente ambíguo porque, por um lado cria a família e vínculos que sustentam, mas por outro lado, uma radical fidelidade e lealdade para com ela [a natureza do sangue] cria as divisões, as hostilidades, as exclusões, que em um sentido fazem com que alguém encontre parentesco nos outros”.

<sup>149</sup> Id. Ibid., p. 64. “Quem sabe escraviza o grupo e liberta o indivíduo”.

### 3.1 Otelo: o preconceito contra o negro

Um texto, Wallace Martin descreve, é constituído de sentenças – e sentenças normais: sérias, informativas, confiáveis – que existem dentro de uma estrutura que não nomeiam. Têm remetente e destinatário, utilizam um código e pressupõem certo contexto. Caso se refira à sentença ou à estrutura, o autor/narrador modifica o nível do jogo da linguagem, modificando a compreensão da sentença, por parte do leitor; o mesmo ocorre com a narrativa quando há explicação da própria narrativa.<sup>150</sup> Um texto de carácter metaficcional não apenas confirma que o Otelo de Phillips é, de fato inspirado no drama de Shakespeare, como inscreve tanto Shakespeare como Phillips no rol de escritores que, aproveitando-se de uma antiga fonte acerca de virtuosa e nobre senhora que apaixona-se por um mouro, o qual igualmente corresponde a seu amor:

OTHELLO: A play by William Shakespeare. Probably written between 1602 and 1604, and first performed in 1604. The principal source for the play is Giraldi Cinthio's *Hecatombithi*, a collection of Italian stories first published in Venice in 1566, and used by a number of Elizabethan and Jacobean dramatists as source material for their plots. Out of one key sentence in Cinthio's story, Shakespeare wrote the early scenes of the play. It happened that a Virtuous Lady of wondrous beauty called Desdemona, impelled not by female appetite but by the Moor's Good qualities, fell in love with him, and he, vanquished by the lady's beauty and noble mind, likewise was enamoured of her.<sup>151</sup>

Ao contrário do drama shakespeariano que, ainda que sugira o racismo da sociedade veneziana, tem como tema o ciúme, o romance de Phillips centra-se no preconceito racial. Mais do que ódio racial, o que desencadeia o drama do nobre mouro no texto de Shakespeare é o ódio de Iago pelo militar, levando-o a manipular a todos, e fazendo despertar em Otelo um ciúme doentio em relação a sua esposa

<sup>150</sup> MARTIN, 1994, p. 181. “Como a ironia e a paródia, o prefixo ‘meta-’ designa fenômenos encontrados em usos não literários da linguagem”.

<sup>151</sup> PHILLIPS, 1997, p. 166. “OTELLO: Uma peça de William Shakespeare. Provavelmente escrita entre 1602 e 1604, e encenada pela primeira vez em 1604. A principal fonte para a peça é *Hecatombithi* de Giraldi Chintio, uma coleção de histórias italianas publicadas pela primeira vez em Veneza, a 1566, e utilizada por vários dramaturgos elizabetanos e Jacobianos como fonte de material para seus enredos. Sem uma frase-chave na história de Chintio, Shakespeare escreveu as primeiras cenas da peça.

Aconteceu que uma Dama Virtuosa, de esplêndida beleza, chamada Desdêmona, impulsionada, não por desejos femininos, mas pelas boas qualidades do Mouro, apaixonou-se por ele, e ele, vencido pela beleza e nobreza de pensamento da moça, também se encantou com ela”.

Desdêmona. Esse sentimento de ciúme é o que culmina no desfecho da tragédia, quando o mouro mata a mulher e se suicida.

A trama de Otelo em *The Nature of Blood* não se refere ao ciúme, em nenhum momento. A personagem Iago nem é citada, pois Phillips deseja mostrar com contundência o preconceito racial. É suprimido o estrangulamento de Desdêmona; prolepses e analepses mostram o bom desempenho do mouro na função que lhe é atribuída, também mostram o grande amor que sente pela filha do senador e como surge tal sentimento, e a contínua tentativa de adaptação de Otelo à sociedade veneziana.

O preconceito evidencia-se através da cadeia de conotações associadas ao termo “negro”. Em um outro contexto, Stuart Hall avalia:

Negro-preguiçoso-invejoso-traíçoeiro etc. que flui da identificação de ‘negro’ em um momento histórico específico: a época da escravidão. [...] Mas essa cadeia de conotações certamente não é a única. Uma outra, inteiramente diferente, é gerada dentro dos poderosos discursos religiosos [...]: a associação da luz com Deus e o espírito, e da Escuridão ou ‘negrume’ com o Inferno, o Diabo, o pecado e a condenação.<sup>152</sup>

Na peça, por ser um guerreiro que empenhou sua vida nas batalhas e conquistou seu espaço, vencendo os inimigos e o preconceito, Otelo encanta a Desdêmona, como expresso no ato I, cena III: “Ela me amou porque passei perigos e eu a amei pela piedade que mostrou por eles”.<sup>153</sup> A narração dos feitos heroicos deixa a moça apaixonada, pois revela características que ela sonhava encontrar em um homem.

A trama do Otelo de Phillips inicia-se *in media res*, com o mouro deitado na cama que já divide com Desdêmona; o mouro a contempla, em amorosa admiração. Ao observar a esposa adormecida, expressa seus sentimentos: “She sleeps peacefully, her dark hair a gown about her neck and shoulders. This young woman can never have imagined that the fate would have deposited her into such a predicament”.<sup>154</sup> Ao excluir o alferes Iago e utilizar o preconceito veneziano para despertar o ódio contra o mouro, o romance mostra que o preconceito não precisa

<sup>152</sup> HALL, 2003, p. 181.

<sup>153</sup> SHAKESPEARE, 2006. p.36.

<sup>154</sup> PHILLIPS, 1997, p. 106. “Ela dorme pacificamente, com os cabelos escuros vestindo seu pescoço e ombros. Esta jovem nunca poderia imaginar que o destino a colocaria em tal situação”.

ser estimulado, pois já está instituído, fomentando o horror, mesmo na ausência de Iago.

A narração autodiegética atribui uma proximidade entre a personagem e o leitor, que o drama não possibilita, pois, neste, o narratário precisa ter uma visão geral das armações de Iago. Já no romance, para sentir a individuação de Otelo, o leitor acompanha seus passos desde a chegada em Veneza, enquanto forma suas impressões da Sereníssima República, e descobre quão bom é o amor que sente por Desdêmona. Também sente sua ânsia pelo momento de guerrear e narra como ocupa o tempo nesse ínterim. Passeando por Veneza como qualquer turista faria, procurando conhecer mais a respeito da cultura local e praticando a língua enquanto luta contra o essencialismo, o Otelo de Phillips é mais passível de que o leitor se identifique com ele. Mas o mais importante fato acerca da opção pela narração autodiegética é que o leitor sente o preconceito sob o ponto de vista de quem o sofre.

A opção do autor em usar focalização interna e iniciar com uma pausa descritiva da esposa, Desdêmona, dormindo, acentua a forte união afetiva do casal, supondo que, se alguma tragédia final ocorrer, não será por falta de amor. Uma vez que o ciúme não é o elemento desencadeador da tragédia, pois Iago não participa da trama, resta um motivo: o horror que o preconceito é capaz de instituir.

Logo no segundo parágrafo de sua trama, a personagem africana começa a contar sobre a primavera em que chega a Veneza, quando um antigo mercador o ajuda a comunicar-se e encontrar acomodações. Já na casa em que se hospeda, Otelo faz a descrição do local:

a house that had formerly been opulent. Sadly, over the years, the house appeared to have fallen into a state of neglect, but it possessed all the necessary conveniences, and the owner promised faithfully to make good certain deficiencies. From its windows I peered down at the teeming life on the Grand Canal, which caused me great joy, for I had previously been rewarded with little more than a view of a muddy tributary.<sup>155</sup>

As antíteses desta pausa descritiva são prenúncio de um sentimento antitético em relação ao mouro. Assim como a casa é opulenta, mas degradada, ele,

---

<sup>155</sup> PHILLIPS, 1997, p. 108. “uma casa que outrora havia sido opulenta. Infelizmente, ao longo dos anos, a casa parecia ter caído em um estado de abandono, mas que possuía todas as comodidades necessárias, e prometeu fielmente o proprietário reparar algumas deficiências. De suas janelas eu olhava para baixo, para a vida abundante sobre o *Grand Canal*, o que me causou grande alegria, pois eu já havia sido brindado com pouco mais que uma visão de um afluente enlameado”.

possuidor de sangue real, serve aos caprichos da aristocracia da República de Veneza. O *Grand Canal* é representativo dos contrastes de Veneza: bela e abundante de vida, mas putrefata e enlameada quando analisadas as atitudes e os sentimentos preconceituosos de seus cidadãos.

Otelo discorre sobre o mercador, seu ajudante, um filho de gondoleiro que deseja que o mouro se case com alguém do seu meio, e fica muito desapontado quando descobre que seu mestre se encontra com uma cortesã, chegando a insultá-la. A relação da cortesã com o general do exército veneziano não é apenas luxuriosa, visto que a “amiga” conta a Otelo sobre os costumes dos habitantes da cidade-estado, ensinando-lhe as tradições e como deveria se portar em determinadas situações. Ao falar sobre o namoro, por exemplo, ela explica-lhe ser longo e caro. Se o relacionamento dá certo, as famílias são apresentadas e o namorado pede a mão da sua pretendente no jantar de noivado, quando deve dar-lhe um presente.

Denunciando o imperialismo e o colonialismo da peça shakespeariana, Phillips dá uma explicação do porquê, em uma terra de militares, um mouro ser convidado para ser o chefe do exército: “the republic preferred to employ the services of great foreign commanders in order that they might prevent the development of Venetian-born military dictatorships”.<sup>156</sup> Ou seja, ao convidar Otelo para liderar seu exército, a hegemonia pretende evitar a perda de poder, pois já sabem que, mesmo sendo bem-sucedido em sua função, um estrangeiro não seria aceito como uma grande autoridade administrativa. Sendo negro, poderia apenas cumprir as obrigações estabelecidas pelos governantes europeus, em um cargo a eles submisso. A escolha de Otelo é representativa da insegurança europeia frente ao poder. Como Phillips afirma em entrevista concedida em Toronto, a 01 de março de 1991: “if Venetian society had been more secure, they wouldn’t have asked a black man to run their army for them”.<sup>157</sup>

O fato de se convidar um africano, negro, para liderar uma batalha na Europa, dá-lhe crédito, destaque e visibilidade. Certos de sua submissão ao doge e seus senadores, a maioria dos cidadãos indigna-se pelo simples fato de ter-se apaixonado por uma garota pertencente à aristocracia veneziana. Esse fato chama a

---

<sup>156</sup> PHILLIPS, 1997, p. 108. “a república preferia contratar os serviços de um grande comandante estrangeiro para evitar o desenvolvimento de ditaduras militares nascidas em Veneza”.

<sup>157</sup> BIRBALSINGH, 1996, p. 192. “se a sociedade veneziana estivesse mais segura, não pediriam a um negro para liderar seu exército por eles”.

atenção para a exploração do negro, ocorrida na escravidão e ainda persistente em uma sociedade que diminui o potencial de afro-descendentes. É o que acontece com o mouro, posto como general por não crerem ter capacidade de liderar um golpe contra o estado, e apenas possuir o dom da liderança no campo de batalha. O doge é o único que fica a favor de Otelo, pois mesmo casando-se com a filha de um senador, o que poderia trazer-lhe ascensão social, permaneceria abaixo dele hierarquicamente.

A focalização no princípio da narração de Otelo é interna, ou como Pouillon a descreve, *visão com*: a intenção é que o leitor acompanhe a trajetória da personagem sob seu ponto de vista, conhecendo Veneza com os olhos do herói. Assim, acompanhará a admiração dele sobre a beleza dos canais venezianos, jamais imaginados na sua África longínqua, e, como essa visão muda ao perceber que não passa de uma marionete nas mãos dos governantes e seus ideais imperiais e colonizadores. Sua memória da liberdade e honestidade africana fazem-no ver a paisagem da cidade-estado diferente de sua primeira impressão: “I drew into my lungs the faintly rotten smell of swamp that rose from the lagoon and watched as, before my eyes, nature quickly erased vain beauty. [...] I realized that this city was betraying me, and I was betraying myself”.<sup>158</sup>

Ao chegar a Veneza, sua emoção por desempenhar uma função que lhe era prazerosa leva-o a adotar uma postura positiva em relação à cidade. Admira os canais venezianos, pensando serem mais bonitos que qualquer coisa que havia visto na África. Contudo, ao sentir-se usado pelos venezianos, percebe que a beleza, tal qual demais valores da Sereníssima República e de seus cidadãos, é construída com base em uma noção fútil, puramente visual. Otelo é representante da beleza africana, enxergada apenas pela sensibilidade de Desdêmona. Valores calcados apenas na imagem, e não no ser em si, só podem gerar a discriminação dos que não se enquadram neles. Otelo percebe que, assimilando a ideologia veneziana, e, por conseguinte, europeia, trai suas próprias convicções. Essa atitude revela uma reflexão que evita o vazio de pensamento, causador da banalidade do mal.

---

<sup>158</sup> PHILLIPS, 1997, p. 117-118. “Eu enviei para meus pulmões o cheiro de pântano opaco e podre que emergia do lago e assisti como, diante dos meus olhos, a natureza rapidamente perdeu a beleza fútil. [...] Eu percebi que a cidade estava me traindo e eu estava traindo a mim mesmo”.

A grandiosidade da re-escrita feita por Phillips se encontra nesse preenchimento de lacunas e na capacidade de fazer refletir sobre a não aceitação do mouro, apesar de sua reputação e da vitória sobre os turcos. Não há um lago, tramando planos para interromper a felicidade de Otelo, envenenando os que o cercam e a ele próprio com ideias que desencadeiam a destruição do africano e de sua esposa. Mas, a própria memória da vida livre e feliz na África consome o mouro. Uma dessas passagens é reveladora: ouvindo o silencioso correr das águas venezianas, ao ver a lua, Otelo é traído por sua memória e lembra que deixou esposa e filho na terra natal, esclarecendo que “as was the custom with a warrior, there had been no formal marriage, it being understood that at any time I might lose my life”.<sup>159</sup> Sente saudades dos rios e do céu africano, pois o fazem lembrar a família que ficou para trás, enquanto representantes de uma vida livre de preconceitos. Afinal, como Ricoeur explica, a rememoração implica o re-encontro do ser consigo mesmo e com seu entorno físico-psíquico-social:

Memória das coisas e memória de mim mesmo coincidem: aí, encontro também a mim mesmo, lembro-me de mim, do que fiz, quando e onde o fiz e da impressão que tive ao fazê-lo. Sim, grande é o poder da memória, a ponto de ‘eu me lembrar até de ter me lembrado’. Em suma, ‘o espírito é também a própria memória’.<sup>160</sup>

O mouro esforça-se muito para tentar se adaptar aos costumes de Veneza:

I therefore decided to spend a good portion of what money I had accrued on acquiring a new costume in order that I might dress myself according to the Venetian fashion, as opposed to that of my native country. A great number of strangers from various exotic corners of the known world had, over the years, chosen to reside in Venice. However, the Venetian aristocrat remained confident about the superiority of this traditions over those of any other, and while exterior display of a different culture was tolerated, I was learning that such stubbornness was unlikely to aid one’s passage through society.<sup>161</sup>

<sup>159</sup> PHILLIPS, 1997, p. 134. “como era de costume com um guerreiro, não houve casamento formal, por se saber que a qualquer momento poderia perder a vida”.

<sup>160</sup> RICOEUR, 2007, p. 110.

<sup>161</sup> PHILLIPS, op. cit., p. 119-120. “Por isso, decidi gastar uma boa parcela do dinheiro que eu tinha acumulado na aquisição de uma nova roupa para que eu pudesse me vestir de acordo com a moda de Veneza, bem diferente da do meu país natal. Um grande número de estrangeiros de várias partes exóticas do mundo conhecido tiveram, ao longo dos anos, escolhido residir em Veneza. No entanto, a aristocracia veneziana permaneceu confiante sobre a superioridade das suas tradições sobre as de qualquer outro, e enquanto a exposição exterior de uma cultura diferente era tolerada, eu estava aprendendo que tal obstinação era improvável de ajudar a passagem de alguém pela sociedade”.

Outra tentativa de adaptação é a da aquisição da língua. Otelo aprende vêneto, com um professor particular, durante nove meses: “Spring gave place to summer, and summer in turn, to a strangely melancholic autumn”.<sup>162</sup> A melancolia do tempo, que não é especificado por Shakespeare, é intensamente sentida antes do mouro conhecer Desdêmona; depois que ela aceita casar-se com ele, Otelo muda, e percebe a passagem temporal. Não é mais o mesmo homem que chega solitário a Veneza, que se admira com o fascínio e beleza da cidade, que se entretém em um caso passageiro com uma prostituta, que briga com a língua e imagina se por algum motivo poderia ser aceito entre aquelas pessoas – “strange and forbidding people. And now to be married, and to the heart of the society. I wondered how such a change could be wrought in a man’s life, and in so short a period”.<sup>163</sup>

No romance, a relação entre Otelo e Desdêmona é mais intensa do que no drama shakespeariano. Por exemplo, quando, dentro de uma gôndola, Otelo pede a Desdêmona que se case com ele, esta se ajoelha, em posição de oração, e declara que “her greatest wish was that [I] should become her lord and master, and protect and honour her for the remainder of her days”.<sup>164</sup> Ainda mais: enquanto no drama de Shakespeare a consumação do casamento é sempre adiada, no romance, após a cerimônia de casamento, realizada às pressas e escondida, o casal se dirige à casa de Otelo, onde ele a deita na cama. O mouro afirma que foi como ele “had hoped, an eager, if somewhat naïve partner, but what she lacked in knowledge she made up for in the softness of her touch. [...] She sleeps deeply, exhausted by our love-making, but also by the tension and duplicity of the past few days”.<sup>165</sup> E, enquanto no drama o casal não pode ter relações nem após vencida a guerra, pois Iago arma uma briga que Otelo é chamado a separar, o romance dá-lhes, entre as obrigações, “an hour or two for love”.<sup>166</sup>

A passagem da satisfação de Otelo, quando aceito por Desdêmona, e de seu questionamento a respeito das mudanças provocadas na vida das pessoas, em

<sup>162</sup> PHILLIPS, 1997, p. 116. “A primavera deu lugar ao verão, e o verão, por sua vez, a um outono estranhamente melancólico”.

<sup>163</sup> Id. Ibid., p. 144. “pessoas estranhas e proibidas. E agora casar-se, e ir para o centro da sociedade. Perguntei-me como tal mudança podia acontecer na vida de um homem, e em um período tão curto”.

<sup>164</sup> PHILLIPS, loc. cit. “seu maior desejo era que se tornasse seu senhor e mestre, e a protegesse e honrasse até o fim de seus dias”.

<sup>165</sup> Id. Ibid., p. 147-148. “esperava, uma parceira ansiosa e meio inexperiente, mas o que faltou em conhecimento ela consertou com a maciez de seu toque. [...] Ela dorme profundamente, exausta pela noite de amor, mas também pela tensão e duplicidade dos dias passados”.

<sup>166</sup> Id. Ibid., p. 159. “uma hora ou duas para o amor”.

períodos curtos de tempo, chama a atenção do leitor, pois, conhecedor do intertexto com o drama shakespeariano, sabe que o casamento não o ajudará a ascender, pelo contrário, será motivo de mais discriminação. A transformação também lembra como o Otelo amoroso de Shakespeare torna-se um ser capaz de assassinar a própria esposa, e o leitor, conhecedor do horror que a perturbação mental causada pelo preconceito e a sensação de deslocamento provocam em um casamento feliz, projeta um possível final trágico.

Um fato a ser destacado na trama de Otelo em *The Nature of Blood* é a grande preocupação da personagem com relação aos costumes dos cidadãos de Veneza. Ele passa a maioria do tempo em que espera pela batalha observando os hábitos dos venezianos ou conversando com alguém a respeito de tais hábitos. O mouro espera que, se portando como eles, vá ser aceito em seu meio. Na verdade, em seu âmago, sabe que nunca o será e, por isso, vive autoafirmando seu sangue real africano e sua reputação: “reputation. It was to be hoped that this one small word might lay to rest any hostility that my natural appearance might provoke”.<sup>167</sup> Essa passagem expõe a esperança de que seu valor como guerreiro pese mais do que o preconceito; ademais, por afirmar ser possuidor de sangue real, está afirmando que é tão ou mais nobre do que a esposa, como o faz também em Shakespeare, no ato I, cena II:

Não se sabe tudo ainda (e quando vir que for honroso gabar-se de si mesmo), tornarei público que minha vida se origina, bem como meu ser, de homens de descendência real e, quanto aos meus méritos, saberão, mesmo não possuindo outros títulos, estar à altura da posição que conquistei. Porque, fica sabendo, Iago, que se não amasse a gentil Desdêmona, não quereria, nem por todos os tesouros do mar, restringir minha vida, livre sob o céu e sem amarras.<sup>168</sup>

No drama shakespeariano, além de Desdêmona, apenas o doge (traduzido como duque) reconhece as virtudes do mouro, dizendo a Brabâncio, no ato I, cena III: “Nobre senhor, se é verdade que a virtude possui todo o brilho da beleza, vosso genro é menos negro do que belo”.<sup>169</sup> Como se os dois adjetivos não pudessem ocorrer concomitantemente, o doge ressalta a beleza do mouro, menosprezando sua cor.

<sup>167</sup> PHILLIPS, 1997, p. 118. “reputação. Esperava que esta pequena palavra pudesse acabar com qualquer hostilidade que minha aparência natural pudesse provocar”.

<sup>168</sup> SHAKESPEARE, 2006, p. 28.

<sup>169</sup> Id. Ibid., p. 39.

O primeiro ato evidente de discriminação no romance ocorre quando Otelo é convidado, pela segunda vez, à casa do senador e o irmão mais velho de Desdêmona – outra invenção de Phillips –, temeroso de que o mouro fosse o centro das atenções, interrompe qualquer possível interrogatório a este:

He concluded one conversational volley with the observation that, in this city of churches, palaces and canals, Venetian households did, from time to time, use black slaves. I countered with the information that I had once been held as slave, yet, as unpleasant as this situation had once been, I had survived to tell the tale. I watched this boy carefully and, deciding that the victory was already secured, I chose not to mention my royal blood, or the fact that many Romans and Greeks had also been held as slaves.<sup>170</sup>

A hegemonia não tratava as supostas raças inferiores nem mesmo como pertencentes à espécie humana. Eram vistos como uma parte da natureza, que estava a disposição para ser explorada. Como bem explica Karin A. Fry, “não havia nenhum reconhecimento da dor ou do sofrimento causados, uma vez que os nativos eram tratados como matéria-prima cuja força de trabalho podia ser usada”.<sup>171</sup>

Esse poder imperial e os modelos totalitários que o seguiram levaram, mesmo os que estavam sendo subjugados, a crer em sua ideologia. Tal fato criou crises identitárias; muitas vítimas do preconceito racial não sabiam mais quem eram ou a que lugar pertenciam. Para perseverar, Otelo rememora sua origem nobre e sua terra, generosa para com todos, nativos ou não.

A última passagem com narração autodiegética apresenta o casal com muito amor, regozijo e uma promessa: quando terminadas as obrigações em Chipre, “we shall return home to Venice and commence our new life of peace in the remarkable city-state. She whispers my name. And again my name”.<sup>172</sup> No entanto, o leitor é surpreendido por um narrador conturbado, o qual age como sendo a consciência e temor do mouro, expressão da voz da hegemonia que deseja tudo em seu devido lugar, da maneira consagrada aos privilegiados.

---

<sup>170</sup> PHILLIPS, 1997, p. 126. “Ele concluiu uma conversa com a observação de que, nesta cidade de igrejas, palácios e canais, as famílias Venezianas, ao longo do tempo, usam escravos negros. Eu rebati com a informação de que eu tinha sido mantido como escravo, e ainda, por mais desagradável que esta situação tenha sido, eu tinha sobrevivido para contar a história. Olhei para aquele garoto cuidadosamente e, decidindo que a vitória já estava assegurada, optei por não mencionar o meu sangue real, ou o fato de muitos romanos e gregos também terem sido mantidos como escravos”.

<sup>171</sup> FRY, 2010, p. 28.

<sup>172</sup> PHILLIPS, op. cit., p. 173. “retornaremos a Veneza e começaremos nossa nova vida de paz na extraordinária cidade-estado. Ela sussurra meu nome. E de novo meu nome”.

A primeira consideração deste narrador compara Otelo a Pai Tomás: “And you shadow her every whim, like the black Uncle Tom that you are”,<sup>173</sup> personagem principal do livro de Harriet Beecher Stowe, *A cabana do Pai Tomás*. O termo “uncle Tom” (pai Tomás) é pejorativamente utilizado nos Estados Unidos para designar um negro subserviente a uma autoridade branca.

O narrador repreende Otelo por esconder sua pele negra por trás do uniforme militar veneziano. A repreensão continua, e o mouro é acusado de “appropriate their words (*Rude am I in speech*),<sup>174</sup> their manners, worry your nappy woollen head with anxiety about learning their ways, yet you conveniently forget your own family”.<sup>175</sup> Esse narrador segue demonstrando a degradação moral do mouro, chamando-o de homem forte, braço forte, soldado valente, e sua transformação em um homem fraco, perdido “a sad black man, first in a long line of so-called achievers who are too weak to yoke their past with their present”.<sup>176</sup> E aponta para o final conhecido, dizendo que a tentativa de suplantar seu passado “can only lead to catastrophe”.<sup>177</sup> O horror que se seguirá é motivado pela vitimização de Otelo, através do preconceito enfrentado enquanto estrangeiro e negro, dentro de uma cultura europeia excludente, e acentuado pela lembrança da liberdade e acolhimento da sua terra natal.

Quando essas lembranças aparecem, o ambiente veneziano perde o esplendor e sua podridão torna-se insuportável para o mouro. Ao cair da tarde, enquanto segue de gôndola para o mosteiro onde vai casar-se às escondidas com Desdêmona, a memória da África e de sua antiga família lhe ocorrem, e Otelo começa a ver uma fila de galerias rotas, “decorated with garbage and discarded furniture”<sup>178</sup>, onde varejeiras pousavam. O cheiro torna-se mais forte à medida que rememora, chegando ao ponto de precisar cobrir o nariz com um lenço. Ele tenta se convencer de que a antiga mulher não é sua esposa, no sentido que possui a palavra em Veneza. Cogita a hipótese de retornar e levar a nova esposa consigo

<sup>173</sup> PHILLIPS, 1997, p. 180 “E você abriga todos os desejos dela, como um Pai Tomás negro que você é”.

<sup>174</sup> Transcrição literal da tragédia Shakespeareana, ato I, cena III, p. 34.

<sup>175</sup> PHILLIPS, loc. cit. “apropriar-se do vocabulário deles (*Rude sou em minhas palavras*), dos costumes deles, preocupar sua cabeça de fralda de lã com ansiedade sobre a aprendizagem dos caminhos deles, e ainda, convenientemente, esquecer-se de sua própria família”.

<sup>176</sup> Id. Ibid., p. 181. “um negro triste, o primeiro na longa fila dos chamados bem-sucedidos que são fracos demais para sustentar o jugo de seu passado sobre seu presente”.

<sup>177</sup> PHILLIPS, loc. cit. “só pode provocar uma tragédia”.

<sup>178</sup> Id. Ibid., p. 145. “decoradas com lixo e móveis jogados fora”.

para a África, mas teme a reação do seu povo diante de um novo casamento. Ao escurecer, conclui que, provavelmente, jamais tornaria a ver o país onde nasceu.

This proposed marriage did indeed mark me off from my past, and Venice, the birthplace of my wife, was a city that I might now have to consider home for what remained of my life. None of this had I hitherto seriously considered, and my winter's journey towards the monastery began to take on an aspect of finality that lowered my spirits.<sup>179</sup>

Isso prova que, mesmo antes de se casar, Otelo já estava dividido entre dois amores: sua terra natal e sua amada veneziana. Por isso a narração heterodiegética, após aconselhá-lo a retornar ao seu passado diz que “the Youruba have a saying: the river that does not know its own source will dry up. You will do well to remember this”.<sup>180</sup>

A última fala desse narrador é: “My friend, an African river bears no resemblance to a Venetian canal. Only the strongest spirit can hold both together”.<sup>181</sup> E como já havia afirmado a fraqueza de Otelo, aconselha-o “jump from her bed and fly away home”.<sup>182</sup> Essa narração reitera a incapacidade do general africano de lidar com o preconceito que o impede de ser feliz com Desdêmona, fazendo a memória do passado voltar cada vez mais forte, causando tamanha confusão mental, que o mouro passa a acreditar que realmente não é capaz de permanecer na República de Veneza.

O horror interior aumenta cada vez mais, enquanto Otelo associa a sujeira da cidade-estado com a maldade dos seus habitantes, que o discriminam, lhes causam mal de forma banal. Sua irreflexão, sua falta de “imaginação afetiva” lhes impedem de ver o mouro como um ser humano, possuidor da mesma humanidade que eles. Como o narrador final relembra a Otelo, ele já possui um lar, pois apesar da aparente felicidade conjugal na Sereníssima República, esse nunca seria seu lar. Ele está preso a uma cultura na qual passaria a vida toda tentando se adaptar e jamais conseguiria, simplesmente por excesso de melanina.

<sup>179</sup> PHILLIPS, 1997, p. 146. “Este casamento com pedido, de fato, é a linha que me separa do meu passado, e Veneza, a cidade natal de minha esposa, é uma cidade que eu posso ter que considerar meu lar pelo resto da vida. Nada disso eu tinha considerado seriamente até então, e minha viagem de inverno rumo ao mosteiro começou a assumir um aspecto de finalidade, que diminuiu meu espírito”.

<sup>180</sup> Id. Ibid., p. 181. “os lorubá [grupo étnico africano] tem um ditado: o rio que não conhece sua própria fonte um dia seca. Fará bem em se lembrar disso”.

<sup>181</sup> Id. Ibid., p. 182. “Meu amigo, um rio africano não tem qualquer semelhança com um canal veneziano. Somente o espírito mais forte pode manter os dois juntos”.

<sup>182</sup> PHILLIPS, loc. cit. “salte da cama dela e voe para casa”.

E, por mais horrível que a situação do mouro seja, ele ainda pode sentir-se feliz por ter uma opção de ficar em Veneza ou voltar ao lar. Os judeus do gueto que visitou não a possuem. Aquele é o lugar que tentam chamar de lar. No entanto, Otelo não se dá conta dessa falta de opção; em sua visita ao gueto de Portobuffolè, a falta de espaço, a pobreza e a escuridão parecem-lhe insuportáveis:

My exploration had unnerved me somewhat, for it was well known that the Jews were fortunate in their wealth. Why they should choose to live in this manner defeated my understanding. Surely there was some other land and some other people among whom they might dwell in more tolerate conditions?<sup>183</sup>

Nessa parte do livro, Phillips cruza as vítimas do preconceito. Não são apenas os negros que são discriminados, os judeus vivem em condições subumanas no gueto a eles destinado. Apesar de ricos, são muito maltratados, porque se submetem a isso. Otelo imagina que, certamente, para quem tem tanto dinheiro, deve haver um lugar onde os aceitem. No entanto, isso é irônico, pois ele, com toda a sua bravura, também deveria ser aceito.

A conclusão do mouro é que: “Apparently, most of the Jews did not regard this arrangement of being locked behind gates from sunset to sunrise as a hardship, for it afforded them protection against the many cold hearts that opposed their people”.<sup>184</sup> Os judeus constroem o ato discriminatório como proteção. Permitem que os europeus os explorem, conquanto tenham um lugar para se estabelecerem, ou seja, já estão reificados, e agem como uma engrenagem da máquina veneziana, porque pensam ser normal e até bom perder a liberdade de ir e vir, se isso lhes permite ficar afastados da violência do preconceito. Essa autoprivação e concordância com os meios pelo qual o mal é praticado é um fator que acentua o horror.

Em seu livro *A condição humana*, Hannah Arendt enfoca quão equívoco é julgar as pessoas por sua raça ou aparência:

Na ação e no discurso, os homens mostram quem são, revelam ativamente suas identidades pessoais e singulares, e assim apresentam-se ao mundo

---

<sup>183</sup> PHILLIPS, 1997, p. 130-131. “Minha exploração tinha me enervado um pouco, é bem sabido que os judeus são promissores em suas finanças por que eles escolheriam viver dessa maneira ultrapassa minha compreensão. Certamente, havia um outro lugar e outras pessoas entre as quais pudessem morar em condições mais tolerantes?”

<sup>184</sup> Id. Ibid., p. 129. “Aparentemente, a maioria dos judeus não se importava com este acordo de estarem trancados atrás de portões, do nascer ao pôr do sol, como uma privação, conquanto lhes oferecessem proteção contra os muitos corações de pedra que se opunham ao seu povo”.

humano, enquanto suas identidades físicas são reveladas, sem qualquer atividade própria, na conformação singular do corpo e no som singular da voz. Esta revelação de 'quem', em contraposição a 'o que' alguém é – os dons, qualidades, talentos, defeitos que alguém pode exhibir ou ocultar – está implícita em tudo o que se diz ou faz. Só no completo silêncio e na total passividade pode alguém ocultar quem é; geralmente, porém, não basta o propósito deliberado de fazer tal revelação, como se a pessoa possuísse e pudesse dispor desse 'quem' do mesmo como possui e pode dispor de suas qualidades.<sup>185</sup>

Portanto, a máscara veneziana que Otelo tenta usar, em nada o ajuda diante de uma sociedade cheia de conceitos formados pela hegemonia. Otelo, a celebridade imigrante que tenta desempenhar um papel importante onde pretende estabelecer seu novo lar, é surpreendido pelo fato de o preconceito tê-lo perturbado a ponto de não conseguir mais tomar a importante decisão de onde repousar até a velhice. Sabe que, mesmo com um casamento feliz, a dificuldade de aceitação e adaptação ao mundo racista veneziano é maior que qualquer batalha já enfrentada, e a acolhedora África permanece a sua espera.

A individuação de Otelo, através da re-escrita da tragédia de Shakespeare, mostra como a banalidade do mal pode hebetar um ser humano cheio de virtudes positivas, entre elas o amor, a ponto de levá-lo a cometer um crime contra a pessoa amada e contra si próprio. Tal qual Otelo, o desejo das demais personagens centrais do romance de Phillips é da possibilidade de vida sem preconceitos, de forma que a natureza do sangue, comum a todos, seja levada em conta.

### **3.2 Os judeus de Portobuffolè: antissemitismo no século XV**

Localizada temporalmente na mesma época que a trama de Otelo – final do século XV –, a dos judeus residentes no gueto de Portobuffolè é narrada quase totalmente em terceira pessoa. A maioria deles é oriunda ou descendente de judeus provenientes de Colônia, na Alemanha, de onde migram por medo da crescente violência provocada pelo antissemitismo dos alemães.

Em 1349, os cristãos de Colônia começam a praticar atos violentos contra os judeus, por medo de pragas. A situação fica tão caótica que eles aglomeram-se em suas sinagogas e ateam fogo, suicidando-se enquanto recitam as orações de seus

---

<sup>185</sup> ARENDT, 2000, p. 192.

ancestrais. Os poucos sobreviventes permanecem na região até serem expulsos, readmitidos e, por fim, em 1424, decidem migrar para Portobuffolè, por terem ouvido que na República de Veneza a vida era mais segura. Chegando lá, são colocados em um gueto, o qual é fechado durante a noite para evitar a violência dos antissemitas.

A trama se desenvolve narrando a história de Servadio, Moses e Giacobbe, os quais trabalham como onzenários, emprestando dinheiro aos venezianos. Por ocasião dos preparativos para a Páscoa de 1480, um mendigo desaparece e os três são acusados de tê-lo matado para ingerir o sangue do cristão. Todas as pessoas próximas a esses judeus são julgadas juntamente com eles, sendo que, sob tortura, Servadio, Giacobbe e Moses confessam o assassinato e são condenados à fogueira.

Os acontecimentos de Colônia e Portobuffolè são demonstrações de uma forma de preconceito conhecida atualmente como “antissemitismo”. Há um intervalo de cinco séculos entre a execução dos judeus de Portobuffolè e a Shoah (seis séculos no caso da catástrofe de Colônia), mas o sentimento que motivou o horror em todos os casos foi o ódio contra os judeus.

A palavra “semita”, raiz do termo “antissemitismo”, refere-se à linhagem dos descendentes de Sem, filho de Noé. No entanto, não só o judaísmo, como o cristianismo e o islamismo têm raízes semitas. Conforme explicado em nota do capítulo anterior, o termo foi utilizado pela primeira vez no século XIX e, desde então, convencionou-se utilizá-lo no sentido de “judeofobia”. Originalmente usada para designar aos filhos de Judá, que era filho de Jacó, a expressão “judeu” foi posteriormente empregada para designar os nascidos na Judeia. Depois da libertação do cativeiro babilônico, passou a designar aos hebreus.

Na verdade, a definição de judeu é baseada em um conceito de identidade essencialista, o que não condiz com a realidade, haja vista cada ser humano possuir uma identidade que pode ser comum ou partilhada, mas que difere mesmo entre pessoas da mesma etnia. As reivindicações essencialistas têm a identidade como fixa e imutável:

Algumas vezes essas reivindicações estão baseadas na natureza; por exemplo, em algumas versões da identidade étnica, na “raça” e nas relações de parentesco. Mais frequentemente, entretanto, essas reivindicações estão baseadas em alguma versão essencialista da história

e do passado, na qual a história é construída ou representada como uma verdade imutável.<sup>186</sup>

Porém, Fausto Colombo ressalta que “a identidade não pode ficar indiferente ao problema da memória” e que não se pode definir identidade como o reconhecimento próprio no tempo, como na concepção clássica. Essa identidade está em transformação e, numa visão crítica, é “mera etiqueta externa para o reconhecimento de um grupo, que se define com base nas relações com o mundo exterior e por conseguinte com base na própria *diferença*”.<sup>187</sup>

Devido à necessidade de proteção, os judeus submetem-se aos venezianos, sendo reificados. Tornam-se emprestadores de dinheiro, sem utilidade além dessa função. Assim também o era em Colônia, e a narração heterodiegética mostra isso ao dizer que após serem expulsos pela primeira vez, os judeus são readmitidos como se nada tivesse ocorrido. “Such is the way of the Germans with their Jews”.<sup>188</sup> O pronome possessivo “their” indica a reificação desse povo sob domínio alemão. Essa população muda de lugar, mas a atitude para com eles permanece constante, e submetem-se aos venezianos. Seu isolamento do mundo exterior, sua não-identificação como “próximos” dos europeus, ou seja, sua falta de “imaginação afetiva” em relação aos judeus são os principais motivos de seu apagamento imaginativo, causa do horror a eles infligido. Porque os judeus eram considerados como coisas e odiados pelos europeus, é válido lembrar que:

Spinoza define o ódio no capítulo VII, ‘Da origem da natureza das afeições’, na *Ética*. ‘O ódio é uma tristeza que acompanha a ideia de uma causa exterior’ e reenvia-nos na explicação para o escólio da proposição XIII, onde diz: ‘o que odeia se esforça em afastar e destruir a coisa odiada’.<sup>189</sup>

Tanto no século XV em Veneza, quanto no XX, no campo de concentração nazista, na Polônia, judeus foram isolados, e por fim descartados. Mesmo não tendo certeza do porquê, os europeus cresceram desenvolvendo sentimentos antissemitas, que em Portobuffolè e Veneza aumentaram com base em suposições.

Como dito anteriormente, a narrativa de Otelo é toda em primeira pessoa, autodiegética, com focalização interna, para que o leitor tenha uma “visão com” –

<sup>186</sup> WOODWARD, 2008, p. 13-14

<sup>187</sup> COLOMBO, 1991, p. 118.

<sup>188</sup> PHILLIPS, 1997, p. 51. “Essa é a maneira dos alemães para com seus judeus”.

<sup>189</sup> CANGI, 2003, p. 149.

nos termos de Pouillon – e sinta a perturbação, o horror da personagem, apenas mudando para a heterodiegeses quando o mouro é alertado sobre sua impossibilidade de realização em Veneza.

Pelo contrário, a narração da trama dos judeus de Portobuffolè possui focalização zero. A escolha de Phillips pela heterodiegeses tem o intuito de fazer o leitor refletir sobre os fatos postos pela acusação. A visão por trás deixa o leitor confuso quanto à veracidade do crime cometido, uma vez que Servadio, Moses e Giacobbe o confessam e, havia muito tempo, espalhara-se a crença popular de que os judeus tinham o hábito de sacrificar cristãos e ingerir seu sangue.

A única narração autodiegética é o parágrafo de Servadio que narra seu espanto e indignação velados, já que precisa manter a liderança e a fé, mesmo diante da iminente execução. A focalização interna choca o leitor, o qual descobre que, como a maioria dos venezianos, duvidou da inocência dos judeus, por motivos infundados.

Vale lembrar a explicação de Hannah Arendt a respeito da ideologia totalitária, descendente do imperialismo, a qual julga os atos dos judeus não como expressões de fé e cultura, mas vícios. A conclusão do totalitarismo é: “Um crime é punido; um vício só pode ser eliminado”.<sup>190</sup> É por essa concepção que os judeus foram condenados por Hitler e pelo Nazismo, e deve ter sido uma raiz dessa ideia que levou à execução de Servadio, Moses e Giacobbe na Veneza do século XV. Os europeus os tinham como pragas que precisavam ser eliminadas. Mereciam o fim, por serem judeus, de acordo com uma visão identitária clássica e essencialista.

O diário do ministro hitlerista Joseph Goebbels registra um exemplo perfeito de judeofobia: “Não há esperança de reconduzir os judeus ao rebanho da humanidade civilizada através de castigos excepcionais. Serão para sempre judeus, assim como somos para sempre integrantes da raça ariana”.<sup>191</sup> Assim pensam os executores dos três judeus: os ritos religiosos “condenáveis” seriam praticados enquanto tivessem vida, pois sempre seriam judeus, jamais venezianos como eles. Donato, empregado de Servadio até converte-se por medo da morte, sendo batizado com o nome do menino cujo desaparecimento causara toda a desconfiança, julgamentos e condenação: Sebastian. Mas a prova de que consideram sua

---

<sup>190</sup> ARENDT, 1989, p. 85.

<sup>191</sup> GOEBBELS, apud. BAUMAN, 1998, p. 95.

diferença imutável é que a conversão não o insere na comunidade cristã de Veneza. Após cumprir um ano de prisão, seria exilado para sempre.

Conforme discutido no primeiro capítulo, uma possível explicação para a capacidade humana de infligir o mal ao outro é a falta de identificação afetiva: visto como um ser sem importância, deixa-se de identificá-lo como próximo. Então se abre o caminho para ignorá-lo, reificá-lo e, em consequência, descartá-lo. Phillips não isola os judeus como vítimas, recobrando de culpa apenas os não judeus. Tal como o faz Shakespeare em *O Mercador de Veneza*, o autor de *The Nature of Blood* reconhece as intrincadas tensões presentes no relacionamento entre judeus e gentios e a maneira como ambos sofrem de um vazio de pensamento. Os judeus podiam apenas emprestar a juros aos gentios porque não os consideravam como irmão, pois nas Escrituras há a proibição de usurar aos irmãos. Por não se considerarem como tal, seguem com suas negociações financeiras:

To comprehend fully how shameful a trade this was, one had to understand that Christians were strictly forbidden to give out loans at interest to anyone. In fact, even Jews were forbidden by God Himself, taken from the word of the Scripture, to lend money to their 'brothers'. However, by interpreting this edict liberally, the Jews discovered that they could give loans to Christians, who were technically not their 'brothers', at whatever interest they deemed applicable. By obliging the Jews to lend money in exchange for permission to live in their territory, the Republic of Venice could pretend to be implementing a policy of some tolerance towards the Jews, while serving its own interests and ignoring the fact that it was further exposing the Jews to the multiple dangers of Christian hostility.<sup>192</sup>

Mais constrangedor era para os cristãos precisar do dinheiro judeu. Entretanto, essa era uma realidade dos trabalhadores, que muitas vezes tornavam-se inimigos dos seus usurários e faziam falsas acusações contra eles. O doge e o Conselho dos Dez sabem da importância da atividade dos judeus e cuidam para não se indispor com eles no julgamento das acusações.

---

<sup>192</sup> PHILLIPS, 1997, p. 52-53. "Para compreender plenamente quão vergonhoso era esse comércio, era preciso entender que os cristãos eram estritamente proibidos de dar empréstimos a juros a qualquer pessoa. De fato, mesmo os judeus eram proibidos pelo próprio Deus, de acordo com as palavras das Escrituras, de emprestar dinheiro aos seus 'irmãos'. No entanto, ao interpretar esta ordem livremente, os judeus descobriram que podiam dar empréstimos aos cristãos, que tecnicamente não eram seus 'irmãos', a qualquer juro que considerassem aplicável. Ao obrigar os judeus a emprestar dinheiro em troca de permissão para viver no seu território, a República de Veneza poderia fingir estar implementando uma política de alguma tolerância para com os judeus, enquanto serviam aos seus interesses próprios, e ignorando o fato de que isso iria expor ainda mais os judeus aos múltiplos perigos da hostilidade cristã".

Para praticar a usura, os judeus necessitavam de um contrato validado pelo *Grand Council*, que precisava ser renovado a cada quatro anos. Nesse documento, chamado “Contrato de Moisés”, estavam os direitos e deveres do onzenário. Entre os direitos constavam o de não abrir aos sábados – dia sagrado no judaísmo – e nos feriados judaicos, e de vender o bem deixado como garantia, após um ano. Também tinham o direito de comprar animais vivos do açougueiro pelo mesmo preço pago pelos cristãos. Entre os deveres, o de não abrir aos domingos – dia sagrado cristão – e nos feriados católicos, e de emprestar até cem ducados sem juros ao governo municipal. Também, a metade de qualquer multa devia ser dada ao conselho local.

Em Veneza, a situação dos judeus de Portobuffolè não é muito melhor que a experimentada em Colônia, pois são obrigados a identificar-se como judeu pela costura amarela da estrela de Davi em suas roupas e marcas do lado de fora de suas portas da frente. Em tempos de paz, estão relativamente seguros como estavam na Alemanha. No entanto, Portobuffolè está se recuperando da fome e da guerra com os turcos e os cidadãos estão inquietos. Os cristãos desse gueto não entendem os estranhos costumes dos judeus e invejam sua boa situação financeira, mesmo em face das inúmeras privações por que passam.

Apesar da relutante admissão da necessidade dos judeus por parte do estado, a igreja os rechaça. Os franciscanos pregam com veemência contra o monopólio de crédito que eles possuem. Um deles, Martin Tomitano, de Feltre, um garoto de 17 anos, fica conhecido por sua vigorosa retórica, sendo convidado a pregar nas praças das cidades próximas a Veneza. Após usar estratégias que incluem contar anedotas para chamar a atenção do público, ele declara que os judeus não são mais que “merchants of tears and drinkers of human blood”.<sup>193</sup>

Essas ideias aumentam o preconceito em proporções que se aproximam às de Colônia. Na Sexta-Feira Santa, após as preces, é feita uma oração pela sua conversão ao cristianismo e para que Deus retire a malignidade de seus espíritos. Oram por sua salvação: “Eternal, omnipotent God, who does not refuse mercy to the Jews, grant us prayers that we might pray for the blindness of these Jews so that,

---

<sup>193</sup> PHILLIPS, 1997, p. 56. “comerciantes de lágrimas e bebedores de sangue”.

recognizing the light of your truth in Christ, they may soon be taken from their darkness”.<sup>194</sup>

A incongruência deixa o leitor boquiaberto ao ser informado pela narração heterodiegética que, na entrada da corte no Palácio do Doge, há uma inscrição em latim, na qual os venezianos acreditavam piamente. O conteúdo de tal inscrição é o que segue:

Before everything, always investigate scrupulously to find the truth with justice and clarity. Do not condemn anyone without a sincere and just trial. Do not judge anyone based on suspicion, but research well and in the end find a merciful sentence. And do not do to others what you would not want done to yourself.<sup>195</sup>

Nenhum dos preceitos condiz com a atitude da população da Sereníssima República. A sentença misericordiosa, a qual nunca desejariam para si, dada pelos senadores aos judeus, é prisão e exílio para uns, e uma caminhada pelo Grand Canal com bolas de ferro amarradas às pernas para os que seriam queimados na fogueira em praça pública. Estes últimos confessam o crime após serem torturados por “suspensão reversa”, ou “*strappada*” (ver Anexo A, à página 113). Com os braços amarrados às costas, são pendurados com pesos amarrados aos pés, e a corda é puxada de forma a suspendê-los. Caso não confessem, receberão mais solavancos da corda até que a dor lhes tire a consciência, fazendo-os falar qualquer coisa que o torturador ordene. Essa não parece uma forma de “investigar minuciosamente para descobrir a verdade com justiça e clareza”.

A lembrança do sagrado tem lugar quando os condenados estão retornando a pé para o local de sua execução: “*Now the hour has arrived for my life to be taken away, the hour in which I will give up my soul to Your hand to sanctify Your name. Take my soul when I go*”.<sup>196</sup> O *tremendum fascinosum* prepara a alma da personagem e a consciência do leitor para o *tremendum horrendum* da humilhação e sofrimento, que não se encerram na fogueira, pois restam familiares e

<sup>194</sup> PHILLIPS, 1997, p. 94. “Deus eterno e onipotente, que não recusa misericórdia para com os judeus, concedei-nos as orações para que possamos orar pela cegueira dos judeus, de modo que, reconhecendo a luz da sua verdade em Cristo, possam em breve ser retirados de suas trevas”.

<sup>195</sup> Id. Ibid., p. 96. “Antes de tudo, sempre investigar minuciosamente para descobrir a verdade com justiça e clareza. Não condenar ninguém sem um julgamento justo e sincero. Não julgue ninguém com base em suspeitas, mas pesquisar bem e no fim encontrar uma sentença misericordiosa. E não fazer aos outros aquilo que não gostaria que fizessem a si mesmo”.

<sup>196</sup> Id. Ibid., p. 154. “*Agora que chegou a hora da minha vida ser tomada, a hora em que entregarei minha alma em Suas mãos para santificar Seu nome. Tome minha alma quando eu for*”.

amigos – de um lado, um povo que segue oprimido ; do outro, cidadãos que não se comovem com o horror testemunhado. Pelo contrário, sensibiliza-os o poder de seu estado-nação e religião, capaz de exterminar seus “inimigos”.

A estratégia narrativa e de focalização utilizada por Phillips é brilhante. A narração heterodiegética com focalização zero torna o leitor um veneziano, desconfiado dos judeus, por desconhecer sua cultura na época, embora os advogados tenham afirmado que a cultura judaica de ingestão de sangue cristão é só um rumor. Quando Servadio inicia a narração autodiegética, consolando seus amigos também condenados, a focalização interna, que apresenta, inclusive, os pensamentos do banqueiro, revela sua inocência. Ele diz que o percurso para o norte por água e a volta a pé serve só para humilhá-los, mas podem fazer o que quiserem com eles e seus familiares, nunca atingirão quem realmente são. Obedecem só a Deus e os venezianos podem alcançar somente seu exterior, enquanto seus pensamentos relembram o respeito que possuíam em Portobuffolè.

Os pensamentos de Servadio parecem ser direcionados ao leitor como integrante da crença e discriminação europeias: *“we respected your traditions, we made charitable contributions towards your institutions. Yet now your people pluck my beard, you stone my children, you defraud me, you mock my clothes and my religion. I tell you, I have never heard of this boy, Sebastian New”*.<sup>197</sup> Essa passagem comprova a inocência dos judeus, quando o leitor tem acesso ao pensamento de Servadio de jamais ter nem ouvido falar do menino chamado Sebastian New, portanto, quem o matou não foram eles. Nesse ponto compreende-se porque a narração mudou, para que a autodiegese pudesse expressar os sentimentos do judeu condenado e sua indignação diante da injustiça que sofrem. Ele ainda lembra da dor de sua família por tal situação e continua consolando os amigos que choram. O sol começa a bater e ele pensa que deve ser forte para resistir inclusive à sede.

Diante de uma numerosa plateia comovida pelo poder da fé cristã e dos guardas oficiais de Veneza, Giacobbe e Moses debatem-se até a morte, enquanto Servadio permanece imóvel enquanto as chamas o consomem. Essa é sua maneira de demonstrar a força de sua cultura e fé, embora seja pequena para destruir um sistema injusto, que institui o horror ao seu povo, e é mais forte que o fogo: derrota

---

<sup>197</sup> PHILLIPS, 1997, p. 181. *“nós respeitamos suas tradições, fizemos contribuições de caridade para suas instituições. No entanto, agora seu povo arranca minha barba, e apedreja meus filhos, você me engana, você zomba de minhas roupas e minha religião. Eu lhe digo, eu nunca ouvi falar desse menino, Sebastian New”*.

Servadio, o que não é obitdo pelo suplício do fogo, já que resiste à dor enquanto arde em chamas. É como se Servadio houvesse se enrijecido, acostumado às agruras infligidas aos indivíduos de seu povo, os quais haviam sido queimados em muitas épocas.

As cinzas que restam dos três judeus dispersam-se rapidamente no ar, como se tudo pudesse ser esquecido. Contudo, essas cinzas continuam misturadas ao ar que os europeus e judeus respiram, voltando a inflamar cinco séculos depois, no mesmo continente.

A individualização dos judeus de Portobuffolè aponta para a distorção de fatos, ideologicamente analisados, e para a superfluidade de uma comunidade que julga e condena, transformando em prova de morte a coincidência do desaparecimento de um cristão. A confluência com a trama de Otelo mostra a diversidade de facetas que o preconceito pode mostrar.

### **3.3 Eva e Margot Stern: mulheres judias na Alemanha nazista**

Eva Stern, jovem judia, residente na Alemanha com seus pais e a irmã Margot, é a personagem central de *The Nature of Blood*. Entre 1941 a 1945, sofre, juntamente com seu povo, com a perseguição. Passa pelo genocídio; sobrevivente, tenta retornar à vida social.

As vivências e memórias de Eva mostram um mundo governado pela banalidade do mal. Inteligente, percebe a gravidade da situação, e intui que muitos sonhos se despedaçarão. Relembrando uma conversa com a irmã, quando em um parque, traçam planos para uma futura possível maternidade, a protagonista raciocina que uma criança só pode habitar dois tipos de mundo: 'he finds either a place of love or a place of hate. I knew that children are either a result of longing or a mistake'.<sup>198</sup> Embora dentro em pouco não só crianças, como todos os judeus viessem a se tornar uma incoerência aos olhos do estado, o ódio e o genocídio contra a criança, ao abortar uma vida recém iniciada, amplificam ainda mais o horror dessa prática.

---

<sup>198</sup> PHILLIPS, 1997, p. 191. "quando ele entra no mundo, ele encontra ou um lugar de amor ou um lugar de ódio. Eu sabia que as crianças eram resultado do desejo ou um erro".

Não bastasse o sofrimento de que é vítima por causa de sua raça, a protagonista ainda enfrenta a opressão da hegemonia masculina, que usa e manipula a mulher. Como Pierre Bourdieu comenta, a divisão entre os sexos é tão natural e tão presente que parece estar “na ordem das coisas”.<sup>199</sup> Contudo, no mundo social, ela legitima posições de diferença e preconceito, configurando-se como instância de dominação masculina:

A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la. A ordem social funciona como uma imensa massa simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho [...]; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembléia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa, reservada às mulheres. [...] A diferença *biológica* entre os sexos, isto é, entre o corpo masculino e o corpo feminino, e, especificamente, a diferença *anatômica* entre os órgãos sexuais, pode assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros e, principalmente, da divisão social do trabalho.<sup>200</sup>

Bourdieu chama a atenção, igualmente, para a construção simbólica da ideia de dominação, capaz de acumular e condensar duas operações: legitima “uma relação de dominação, inscrevendo-a em uma natureza biológica que é, por sua vez, ela própria uma construção social naturalizada”.<sup>201</sup>

### 3.3.1 Eva e Margot: *mulheres*

Ao escolher expor a provação de Eva e de sua irmã Margot, como judias e como *mulheres*, Caryl Phillips parece evitar posições essencialistas. Ecoam no romance, antes, os pensamentos de Simone de Beauvoir: “ninguém nasce mulher; torna-se mulher”<sup>202</sup> e de Primo Levi: “fizeram com que me tornasse judeu. [...] Antes de Hitler eu era só um adolescente burguês”.<sup>203</sup> Além disso, vale lembrar que questões de gênero estão inextricavelmente ligadas a questões de raça e classe, por constarem no mesmo plano da lista dos preconceitos até hoje praticados por uns e combatido por outros.

<sup>199</sup> BOURDIEU, 1999, p.17.

<sup>200</sup> PHILLIPS, 1997, p.18-20.

<sup>201</sup> Id. Ibid., p. 33.

<sup>202</sup> BEAUVOIR, 1987, p. 326.

<sup>203</sup> LOMBARDI, 2003, p.218.

Margot Stern, irmã de Eva, com apenas 17 anos, torna-se vítima da hegemonia e abuso masculino. Antes, porém, passa pela provação do isolamento: é levada para esconder-se na casa de uma família amiga, onde precisa viver no mais absoluto silêncio, no sótão. Lá, enfrenta a mais profunda solidão. Suas únicas companhias são um crucifixo, que ignora, pois não condiz com sua crença religiosa e uma amiga imaginária, chamada Siggie, com quem não se atreve a conversar, para não ser descoberta; da mesma forma, Siggie não lhe dirige a palavra.

Depois, à solidão juntou-se o abuso:

Her hiding father told her that things were very bad, and then one night, when his wife was out, he came to visit her. He looked at her, and touched her, but Margot dare not scream, for to scream would be betray her hiding place. (*Right now you're a very pretty girl, but as you get older your racial character will show.*) And then he kissed her, and tried to open her lips with his big mouth, and Margot felt the weight of his heavy hands upon her. How hard this man concentrated as he pushed, the beads of sweat popping on to his brow, individual, evenly spaced. Margot began to count. Siggie said nothing. And then he peeled himself clear of her body and left. Inside she bled, and her mind tumbled down a flight of stairs and struck its head.<sup>204</sup>

A violência praticada pelo dono da casa é ainda mais cruel por tentar justificar a posse masculina sobre o corpo da jovem que estava abrigando e alimentando, como se estivesse fazendo um favor a ela de desfrutar de sua beleza antes que suas características judaicas aflorassem – conforme expresso em itálico na citação. Margot, que já estava escondida há mais de um ano, pensando na crueldade enfrentada por seu povo diariamente e em sua amarga solidão, descobre que a maldade humana pode ultrapassar sua imaginação. Da mesma forma, o leitor descobre que tal maldade pode ultrapassar sua compreensão. Com um vazio de pensamento assombroso, o homem que a acolhe passa de benfeitor a algoz, daquele que apoia alguém em situação de risco, ao que dela tira proveito, aniquilando-lhe a mente com um ato de barbárie.

---

<sup>204</sup> PHILLIPS, 1997, p. 175. “O patriarca de onde estava escondida disse-lhe que as coisas estavam muito ruins, e então uma noite, quando sua esposa estava fora, foi visitá-la. Ele olhou para ela, e tocou-a, mas Margot não ousou gritar, pois gritar seria trair seu esconderijo. (*Agora você é uma garota muito bonita, mas à medida que envelhecer, suas características raciais aparecerão.*) E então ele a beijou, e tentou abrir seus lábios com sua boca grande, e Margot sentiu o peso da sua mão pesada sobre ela. Que dureza esse homem concentrado enquanto empurrava, as gotas de suor surgindo sobre a testa, individuais, uniformemente espaçadas. Margot começou a contar. Siggie não disse nada. E então ele retirou-se tranquilo de seu corpo e saiu. Dentro ela sangrou, e sua mente caiu por um lance de escadas e bateu a cabeça”.

A partir daquele momento, Margot se rebela contra sua beleza e feminilidade, e também contra sua raça. Corta os cabelos na tentativa de acabar com sua estética atraente. Foge aos gritos, sem importar-se com os alemães que poderiam pegá-la, pois assimila a ideia de que seus traços judaicos a denunciariam e seria morta injustamente. Perturbada, é pega pelos nazistas e enviada a um campo de concentração, onde morre nua entre estranhos.

“She paid dearly for the sin of being born”.<sup>205</sup> Como reflete o narrador heterodiegético, o único crime praticado pela personagem é ter nascido. E ter nascido mulher, bonita e judia. A narradora homodiegética encerra o parágrafo questionando o leitor, para verificar se o horror a ela imposto o motivaria a tomar uma posição contrária, levando-o a evitar a repetição de fatos como esse, ou se teria assimilado a mentalidade que, na melhor das hipóteses, suporia a morte como o melhor fim para acabar com o sofrimento de uma moça judia, abusada psicológica e sexualmente. “(*Did you think of me that morning as I stumbled naked and shivering towards my death? Did you think of me?*)”<sup>206</sup>

Quanto a Eva, torna-se vítima de Gerry, o qual lhe faz falsas promessas, não se importando com a fragilidade de uma sobrevivente. Pelo contrário, aproveita-se de sua debilidade, e depois mente não ser sua a carta com o pedido de casamento e o endereço na Inglaterra. Em seu androcentrismo, pensa que um bolo e uma desculpa podem redimir um erro que acaba com a vida de Eva, pois ele era sua última esperança de conexão com um mundo sem o horror diário. Gerry pretende que ela compreenda que “men do awful, unforgiven things in war”.<sup>207</sup>

Não é, porém, o contexto de guerra que o leva a flertar irresponsavelmente com Eva. Ao invés de confessar ser casado com Noreen, com quem tem um filho, Gerry vai a um bar flertar com uma garota de 16 anos que trabalha como garçoneiro no local, para esquecer a Eva. Retorna ao local todos os dias, por semanas, para ver a jovem chamada Íris. Seu desejo era dominá-la como fez com Noreen, e desejara fazer com Eva. Dominação com o subterfúgio da proteção: “it occurred to him that young girls needed protecting”.<sup>208</sup>

<sup>205</sup> PHILLIPS, 1997, p. 175. “Ela pagou caro pelo pecado de ter nascido”.

<sup>206</sup> Id. Ibid., p. 175-176. “(Você pensou em mim na manhã em que eu tropecei despida e com frio em minha morte? Você pensou em mim?)”

<sup>207</sup> Id. Ibid., 197. “os homens fazem coisas terríveis, imperdoáveis na guerra”.

<sup>208</sup> Id. Ibid., 179. “ocorreu-lhe que as moças precisam de proteção”.

### 3.3.2 Eva Stern: a *Shoah*

Foi crente em sua superioridade racial que Hitler difundiu as ideias capazes de estabelecer uma situação de horror jamais imaginada na história da humanidade, não pela violência física, mas pela agressão psicológica das vítimas. Cada uma delas, tal qual Margot, sentiu como se sua mente estivesse rolando escada abaixo, tamanha a perturbação causada pela maldade contra elas perpetrada.

A solidão causada pelo isolamento dos campos de concentração era ainda pior, um afastamento total do convívio social. As vítimas não sabiam o que estava acontecendo no mundo fora do ambiente em que estavam confinadas. Da mesma forma, a sociedade não tinha a dimensão dos trabalhos forçados, da falta de alimentação e da degradação impostas pelos nazistas.

Eva tenta com todas as suas forças não deixar sua humanidade se esvaír, tornando-se supérflua. Procura sempre estar em contato e manter laços de afeto com alguma das mulheres do campo nazista. Mas a vida naquele lugar, que mais parece a materialização do inferno, é escassa. Sua amiga Bella, cuja jovialidade a inspira a prosseguir, morre de forma humilhante, fraca e com incontinência fecal. As mulheres que adota como mãe também não sobrevivem.

Em uma das passagens do livro, a personagem central sonha com os horrores praticados com as crianças nos campos de concentração, lembrando muito a história registrada por Rutka em Będzin;

I saw the man take the older children and walk them to a large ditch, where one by one they were thrown into the fire. I listened to their wailing above the crackling of the flames. Having dispatched the last child, he walked back to where the infants were huddled with their mothers. One by one, he picked them up by the legs and smashed them against a brick wall. The pulped corpse of the infant was then pushed back into mother's arms to prevent unnecessary littering.<sup>209</sup>

---

<sup>209</sup> PHILLIPS, 1997, p. 192-193. "Eu vi o homem levar as crianças mais velhas e caminhar com elas até uma grande vala, onde uma a uma, elas foram jogadas no fogo. Eu ouvi suas lamentações sobre o crepitar das chamas. Tendo despachado a última delas, ele voltou para onde as mais jovens aconchegavam-se com suas mães. Uma por uma, ele pegou-as pelas pernas e esmagou-las contra uma parede de tijolos. O cadáver de polpa da criança era atirado de volta aos braços da mãe, para evitar lixo desnecessário".

Enquanto esperam para ser enviados ao campo de refugiados, os judeus continuam morrendo sobre “their own excrement. Everybody is covered in lice”,<sup>210</sup> Eva observa. E prossegue: “I am covered in lice. My body is withered. The light breeze fingers my stubbled head. The few teeth I have left are either broken or misdirected. I can feel them with my tongue”.<sup>211</sup>

Ao viver tanto horror, muitas pessoas são reificadas, esquecendo-se do próprio nome. Eva tenta fazer o mesmo, apagar o símbolo de sua individualidade, pois havia sido arrancada de seu meio, não tendo mais quem precisasse chamá-la pelo nome: “I try to forget my name. I decide to put Eva away in some place for safe-keeping until all of this is over. But already Eva refuses to be hidden. There is no new name in my throat. Eva refuses to disappear”.<sup>212</sup> Todavia, sua humanidade não se esvai diante do horror, e esse é um dos motivos pelos quais sobrevive.

Quando muitos esquecem quem são, Eva mantém em sua memória, apesar de relutante, a certeza de quem é, como informa no campo de refugiados: “My name is Eva Stern. I am twenty-one years old. Just when I think I am going to fall, I flap my wings”.<sup>213</sup> Depois disso, reforça a ideia de despertencimento quando uma mulher lhe pergunta se alguém de sua casa viria buscá-la e se pretendia voltar ao lar. Eva fica indignada, não acredita na ignorância da mulher que chama a Alemanha de “lar”: “How can she use the word ‘home’? It is cruel to do so in such circumstances. I cannot call that place ‘home’. ‘Home’ is a place where one feels a welcome”.<sup>214</sup> Se pertencessem à Alemanha, se esse país fosse seu lar, não teria sofrido toda a humilhação do gueto nem sido enviada ao campo de concentração.

Uma passagem da senhora Stern serve de exemplo de como a literatura pode auxiliar no processo de redução da irreflexão: ao aconselhar a filha a tomar cuidado com os gestos e relembrar o despertencimento de seu povo, começa a pensar em voz alta: “Eva, where in the world is the United States? Where is Russia, even? One day you are neighbours, the next day they spit on you. We are stupid for being proud

<sup>210</sup> PHILLIPS, 1997, p. 13. “seus próprios excrementos. Todo mundo está coberto de piolhos”.

<sup>211</sup> PHILLIPS, loc. cit. “Eu estou coberta de piolhos. Meu corpo está atrofiado. A brisa suave toca minha cabeça raspada. Os poucos dentes que me restam estão quebrados ou mal direcionados. Eu posso senti-los com a minha língua”.

<sup>212</sup> Id. Ibid., p. 164. “Tento esquecer o meu nome. Eu decidi colocar Eva fora, em algum lugar protegido, até tudo isso acabar. Mas já Eva se recusa a ser escondido. Não há nenhum nome novo na minha garganta. Eva se recusa a desaparecer”.

<sup>213</sup> Id. Ibid., p. 35. “Meu nome é Eva Stern. Eu tenho 21 anos de idade. Quando percebo que vou cair, eu bato minhas asas”.

<sup>214</sup> Id. Ibid., p. 37. “Como ela pode usar a palavra ‘lar’? É cruel fazê-lo em tais circunstâncias. Eu não posso chamar aquele lugar de ‘lar’. ‘Lar’ é um lugar onde você se sente bem-vindo”.

to be what we are not, do you understand?”<sup>215</sup> Esse desabafo é uma crítica às relações internacionais dos judeus, pois não receberam ajuda dos Estados Unidos e Rússia, bem como de outros países com judeus influentes. Na sequência, a mãe de Eva se indigna com a banalidade do mal, cujos perpetradores esqueceram-se ter sido criados em uma sociedade com valores religiosos, entre os quais o mandamento “Não matarás!”: “In this world, you do not shoot people without a reason. There has to be a reason. How is it possible to be so angry with people who have done you no wrong?”<sup>216</sup>

A pergunta da personagem levanta a questão da irreflexão e superfluidade do ser humano, e sua suscetibilidade a crer na doutrina racial, motivo pelo qual o mal foi praticado, negando a possibilidade de uma humanidade comum. Hannah Arendt frisa que humanidade pressupõe responsabilidade geral, uma qualidade que poucos querem assumir. Basta lembrar Eichmann, quando afirma que seria condenado apenas por ter perdido a guerra, ou a entrevista apresentada por Raymond A. Davies, quando o entrevistado chora, julgando não ser culpado dos assassinatos ocorridos no campo em que trabalhava, ou ainda Himmler, que tal qual Eichmann e outros tantos, não assumiu a responsabilidade por julgar-se um pai de família cumpridor de seu dever. Essa não-imputação decorre da não aceitação dos outros como “próximos”. Ao negar a humanidade, exclui-se da responsabilidade pelos atos humanos, pois os crimes cometidos por alguns são ônus de todas as nações. “A vergonha de ser humano é a expressão puramente individual e ainda política dessa percepção”.<sup>217</sup> Ao desenvolver sua ideia de humanidade, Arendt diz que a responsabilidade pelos crimes cometidos contra os seres humanos é de todos:

Em termos políticos, a ideia de humanidade, que não exclui nenhum povo e não atribui o monopólio da culpa a nenhum deles, é a única garantia de que uma após a outra ‘raça superior’ não se sinta obrigada a seguir a ‘lei natural’ do direito dos poderosos, e a exterminar as ‘raças inferiores indignas de sobreviver’ de modo que, ao final de uma ‘era imperialista’, estaríamos num estágio em que os nazistas iriam parecer os toscos precursores de futuros métodos políticos. Seguir uma política não imperialista e manter um credo não racista se torna cada vez mais difícil, porque a cada dia fica mais claro o peso da humanidade para o homem.<sup>218</sup>

<sup>215</sup> PHILLIPS, 1997, p. 93. “Eva, onde no mundo são os Estados Unidos? Onde é a Rússia, mesmo? Um dia vocês são vizinhos, no dia seguinte, eles cospem em você. Somos estúpidos por nos orgulharmos de ser o que não somos, você entende?”

<sup>216</sup> PHILLIPS, loc. cit. “Neste mundo, você não atira em pessoas sem uma razão. Tem que haver uma razão. Como é possível ter tanta raiva de pessoas que não lhe fizeram nenhum mal?”

<sup>217</sup> ARENDT, 2008, p. 160.

<sup>218</sup> ARENDT, loc. cit.

Contudo, esse é o preço de ser racional: ter consciência de que faz parte da raça humana, e de que não se deve agir instintivamente para proteger o bando. Quando outras pessoas são humilhadas, é a própria dignidade humana que está em jogo, sobretudo quando as consequências resultam em estruturas injustas que continuam sendo sustentadas na sociedade atual. Há que se libertar do estigma da discriminação, qualquer que seja, para a construção de uma sociedade mais justa, onde não haja dificuldade de conviver e aceitar os outros.

A estrutura existente possibilitou os horrores narrados por Phillips em um espaço temporal que compreende 500 anos, mas reflexo de fatos anteriores a 1480. Um povo tão ligado à memória, cujas celebrações religiosas são fruto dela, tem dificuldade até de viver seu luto, como diagnosticou o médico de Eva:

*They are often incapable of succesful mourning, fearing that this act of self-expression involves a letting go, and therefore a forgetting of the dead, ultimately committing the deceased, often loved ones, to oblivion. Their condition serves a commemorative function, suggesting a loyalty to the dearly departed. Naturally, their suffering is deeply connected to memory. To move on is to forget. To forget is a crime. How can they both remember and move on?<sup>219</sup>*

Mesmo saindo do campo de concentração, Eva não pode evitar as imagens das cenas lá vividas. Pesadelos passam a ser companhias desagradáveis: até acordada não lhe saem da mente pensamentos sobre tentativas de fuga, perseguição, morte de familiares. Deseja poder suplantar tantas adversidades. Enquanto ruma para o campo de refugiados sonha com uma fuga do campo nazista em que sua mãe a acompanha, mas não é fácil fugir de tantos guardas e dos cães que as perseguem: *“If only she might be scooped up by some large celestial hand and gently deposited across water and into some other world”*.<sup>220</sup> Mas seu pesadelo maior e recorrente, comum a todas as vítimas, é o de que ninguém acredite na possibilidade de tamanho horror ter realmente acontecido:

<sup>219</sup> PHILLIPS, 1997, p. 156-157. “Eles são frequentemente incapazes de efetivamente viver o luto, temendo que este ato de autoexpressão envolva um deixar ir, e, portanto, um esquecimento dos mortos, em última análise, depositando o falecido, geralmente entes queridos, ao esquecimento. Sua condição tem uma função comemorativa, sugerindo uma lealdade ao benquisto que se foi. Naturalmente, o sofrimento está intimamente ligado à memória. Seguir em frente é esquecer. Esquecer é um crime. Como eles podem lembrar e seguir em frente?”

<sup>220</sup> Id. Ibid., p. 183. *“Se ela pudesse ao menos ser arrancada dali por alguma grande mão celestial e suavemente depositada além das águas em algum outro mundo”*.

I dreamt that nobody believed me. That I was in America and I was telling some people my story, the despondent words falling from my mouth. Just *my story*. (...*dazed children wandering the streets, searching for their parents...*) They looked at me, their faces marked with respect, and they nodded with cultivated fascination. Nobody wished to offend me. And then a man looked at his watch. In America.<sup>221</sup>

Eva não consegue seguir em frente. Impossibilitada em seu desejo de reencontrar a família e traída em seu desejo de começar outra, não conseguindo fazer Gerry entender a importância que tem nesse recomeço, pois é seu único elo com o mundo além-campo. Ao perceber-se sozinha, desta vez em definitivo, emudece, por não haver a quem transmitir o legado da memória do horror. Se não consegue esquecer, nem seguir em frente, não há razão para existir. Uma faca corta o sopro de vida tantas vezes engasgado pelo nazismo.

Sem diminuir o alcantiloso trabalho do povo de Judá para sobreviver, embora com dificuldade, a resposta à pergunta do médico de Eva – Como eles podem lembrar e seguir em frente? – pode ser: cumprindo o papel a que seu povo se propõe. A missão de fazer do horror a motivação para seguir em frente, rememorando-o e comemorando a passagem por ele, de forma que as gerações futuras não precisem enfrentá-lo e sigam utilizando sua tradição para a construção de uma humanidade melhor.

Talvez aqueles judeus, a cujos antepassados devemos a primeira ideia de humanidade, soubessem alguma coisa a respeito desse peso, quando diziam a cada ano: ‘Nosso Pai e Rei, pecamos perante Ti’, tomando a si não só os pecados da comunidade, mas todas as ofensas humanas.<sup>222</sup>

Após enfrentar as dificuldades de precisar deixar uma casa grande e confortável para viver em um gueto, testemunhar a crueldade contra seu povo nas ruas, ser afastada dos familiares, sobreviver ao horror extremo do campo de concentração nazista e passar pelo campo de refugiados, Eva chega a Londres, em busca da reconstrução de sua vida, e da construção de uma nova família.

Ao decepcionar-se com Gerry, a esperança se esvai e não suporta carregar mais uma dor. Como Cytrynowicz comenta,

<sup>221</sup> PHILLIPS, 1997, p. 34. “Eu sonhei que ninguém acreditava em mim. Que eu estava na América e estava contando para algumas pessoas a minha história, as palavras desesperadas caindo da minha boca. Apenas *minha* história. (... *crianças atordoadas vagando pelas ruas, procurando por seus pais* ...) Eles olharam para mim, seus rostos marcados com respeito, e acenaram com a cabeça com um enlevo culto. Ninguém queria me ofender. E então um homem olhou para o relógio. Na América”.

<sup>222</sup> ARENDT, 2008, p. 160.

A solidão do sobrevivente é dor de descobrir-se em um mundo em que tudo tem a mesma aparência, homens, carros, médicos, caminhões, chuveiros, e não poder entender como tudo isto se transfigurou em uma gigantesca máquina de morte. É dor pela sensação de absoluto isolamento em um mundo no qual seres humanos – máxima semelhança – se tornaram assassinos de um povo.<sup>223</sup>

Não encontrando sua “terra prometida”, sem família, sem amor, sem saúde, sem esperança, Eva é tomada pela loucura. Despede-se da representação de si mesma criada por sua mente, sua autoprojeção, dizendo que tudo ficará bem e, então, dá um fim à sua dor. Após a tentativa falha de erguer as ruínas de sua vida, o que resta a ela é uma oportunidade para tirar a própria vida:

Mesmo a intenção consciente de cometer suicídio escolhe sua época, seus meios e sua oportunidade; e é perfeitamente consonante com isso que a intenção inconsciente aguarde uma ocasião que possa tomar a seu encargo parte da causação e que, ao requisitar as forças defensivas do sujeito, liberte a intenção da pressão destas.<sup>224</sup>

Cada sobrevivente possui uma história de superação, um motivo que o faz permanecer confiante de que tamanho horror acabaria. Muitos sobrevivem para contar, testemunhar o horror, para que a humanidade saiba como é o ápice da crueldade. Outros escrevem diários, provavelmente por temer que as palavras lhes faltem, e a memória se apague. Um exemplo conhecido é Anne Frank, cujo diário, que relata sua história cotidiana sob o domínio nazista tornou-se extremamente popular. Outros, ainda, não conseguem sobreviver. Sobreviver significa resistir, enfrentar, atravessar, escapar. Havendo vencido todos esses obstáculos com respeito aos campos de concentração, restava a Eva ser capaz de enfrentar a existência encarando ainda outro significado de sobreviver: continuar existindo depois de grave perda. Demasiado ferida na alma, Eva perdeu essa última batalha.

### **3.4 Stephan Stern e Malka: esperança e preconceito**

A trama de Stephan Stern inicia no pré-guerra e encerra-se no final do século XX, expressando os preconceitos ainda hoje existentes. Stephan é tio de Eva Stern,

<sup>223</sup> CYTRYNOWICZ, 2003, p. 136-137.

<sup>224</sup> FREUD, 1996, p. 183-184.

irmão de Ernst, seu pai. Ambos são médicos bem-sucedidos. Eva assim o apresenta:

Uncle Stephan was Papa's only brother. He had journeyed to the British colony of Palestine, for he wanted to defend the new Jewish settlements against attacks from the Arabs, and to prepare the land for large-scale settlement by Jews of all ages and back-grounds.<sup>225</sup>

Stephan Stern sacrifica tudo para ir para a então "Palestina", com o intuito de reconstruir a pátria dos judeus. Seu sonho sionista<sup>226</sup> é maior que qualquer outro sentimento, levando-o a abandonar a profissão, esposa, filho, irmão, cunhada e sobrinhas na Alemanha para lutar por um lugar onde todos os judeus pudessem assentar-se para terem um lar. Israel seria o nome dado à terra destinada a eles. No Museu do Holocausto dos Estados Unidos – o qual pode ser visitado via internet – aprende-se um pouco sobre a história dos campos para deslocados de guerra:

A Administração das Nações Unidas para Assistência e Reabilitação administrava centenas de campos para deslocados de guerra. Muitos refugiados judeus ficaram em campos e centros nas áreas de ocupação americanas e britânicas na Alemanha. Eles receberam uma importante assistência dos órgãos judeus. Em meados de 1947, a população judaica de deslocados de guerra somava cerca de 250.000 pessoas. Os horrores do Holocausto, aliados ao antisemitismo e à violência do pós-Guerra, fez com que muitos sobreviventes tentassem deixar a Europa. Em números cada vez maiores, os sobreviventes judeus escolhiam a área do Mandato Britânico no Oriente Médio, onde hoje é Israel, como destino; muitos outros tentavam ir para os Estados Unidos. No entanto, os Estados Unidos continuaram a restringir a imigração e os britânicos, que mantinham o controle sobre sua área de dominação no Oriente Médio, limitavam a imigração para a área sob seu controle. Milhares de refugiados judeus procuravam evadir as restrições britânicas naquela área. Eles fugiam por rotas de fuga que atravessavam toda a Europa, e faziam exaustivas viagens marítimas para cruzar o Mediterrâneo e chegar à terra dos seus ancestrais.<sup>227</sup>

Stephan ajuda a liderar um campo de refugiados em Chipre e uma pequena guerrilha, lutando para abrigar fugitivos de guerra e, posteriormente, sobreviventes

<sup>225</sup> PHILLIPS, 1997, p. 73. "Tio Stephan era o único irmão do papai. Ele havia viajado para a colônia britânica da Palestina, pois ele queria defender os novos assentamentos judaicos contra os ataques dos árabes, e para preparar a terra para o assentamento em grande escala de judeus de todas as idades e origens".

<sup>226</sup> É o sonho de retornar à sua terra. Obtendo o seu nome de Sião (*Sion, Zion*) que é o nome de um monte nos arredores de Jerusalém. O Sionismo é um movimento político que defende o direito à autodeterminação do povo judeu e à existência de um Estado Judaico.

<sup>227</sup> ENCICLOPÉDIA DO HOLOCAUSTO, 2010, p.1.

judeus que não podem retornar à sua pátria antiga. Sua história ilustra o movimento migratório internacional ocorrido por ocasião da

criação do Estado de Israel, em 14 de maio de 1948, [que] possibilitou o início de uma era de imigração judaica irrestrita para o novo estado judaico. Com isto, entre 1948 e 1951, mais da metade dos judeus deslocados de guerra na Europa puderam ingressar livremente em Israel.<sup>228</sup>

Depois de todo o sofrimento infligido aos judeus, eles recebem como consolo Israel, uma pátria pequena – menor do que Sergipe, o menor estado brasileiro –, onde não podem viver em segurança nem em paz, pois situa-se em uma região onde o controle de 22 estados é dos árabes. Essa proximidade e dificuldade de relacionamento já provocou cinco guerras, um grande número de conflitos armados de menores dimensões e dois levantes populares.

Além de denunciar o eurocentrismo, Phillips incentiva a ruptura com suas raízes, que deixaram problemas nas antigas colônias europeias, vivendo até hoje contextos diferentes dos países do chamado Primeiro Mundo, mas com os mesmos preconceitos. Apesar de ter a certeza de não possuir uma solução para o problema, o autor insere-o em seu livro para chamar a atenção a esse tema, sem precisar se tomar partido dos israelenses, nem dos palestinos.

The Middle East conflict is something which I see in a different light from most people. I see it as an attempt to resolve British colonial ineptitude. You go right back to the Balfour declaration. British irresponsibility over Palestine, and their lack of responsibility as they withdrew [...] Nobody took any responsibility for the emotions which go alongside possession and dispossession of land. The British colonial rulers had contempt for the 'native' peoples, including Palestinians.

These days, British anti-Semitism remains powerful. British people have little time for Jewish people. British people also dislike Catholics, hence the problems in Ireland, and they definitely don't like Blacks – and it shows. Just take a look at the globe – there are problems like this all over the so-called 'Third World' whose historical roots lead back to Europe, and British in particular.<sup>229</sup>

<sup>228</sup> ENCICLOPÉDIA DO HOLOCAUSTO, loc. cit.

<sup>229</sup> PHILLIPS, 2009, p. 90-91. "O conflito no Oriente Médio é algo que eu vejo de forma diferente da maioria das pessoas. Eu vejo isso como uma tentativa de resolver a inépcia colonial britânica. Lembre, por exemplo, da declaração de Balfour. A irresponsabilidade britânica sobre a Palestina, e sua falta de responsabilidade, enquanto dominavam [...] Ninguém se responsabilizou pelas emoções que acompanham a posse e a desapropriação de terras. Os governantes coloniais britânicos tinham desprezo pelos povos 'nativos', inclusive palestinos.

Atualmente, o antissemitismo britânico continua poderoso. Os britânicos tem pouco tempo para os judeus. Os britânicos também não gostam de católicos, por essa razão há problemas na Irlanda, e eles definitivamente não gostam de negros – e demonstram. Basta dar uma olhada no mundo - existem problemas como este em todo o chamado 'Terceiro Mundo', cujas raízes históricas levam de volta para a Europa, e Inglaterra, em especial".

A individuação na trama de Stephan Stern não ocorre com seu personagem, mas com a etíope que ele conheceu no clube frequentado assiduamente após a aposentadoria. A lembrança é causadora do grande problema que Stephan enfrenta: seu imenso sonho sionista, muito forte nos que lembram a promessa divina da Terra Prometida, feita a Abraão, antecessor de Jacó, cujo nome foi trocado por Deus para Israel.

O ex-médico não desperdiça a possibilidade de tornar esse sonho judeu uma realidade, despede-se de todos e vai para Chipre, ajudar no preparo dos internos dos campos de refugiados para entrar na Palestina, posterior Estado de Israel. Como a cota britânica era de 700 pessoas por mês, milhares de pessoas passavam semanas presas nos abrigos ingleses. Os profissionais que se ofereceram como voluntários preparavam seu povo para a vida futura. “At first there were two camps, then three, then four, and now there were almost a dozen, containing over thirty thousand refugees of all ages and nationalities, whose sole aim in life was to escape war-ravaged Europe and reach the promised land”.<sup>230</sup>

A memória de seu irmão Ernst lhe repreendendo por querer criar outro lar, em uma terra primitiva, a qual ele tinha ajudado a patrocinar a compra do território dos árabes, lhe incomoda. Mas, Stephan acredita que a nova terra é a prometida, a que “mana leite e mel”,<sup>231</sup> como aprendeu de seus antepassados. Ao contemplar a possibilidade de uma terra que se configurasse em um lar, no pleno sentido da palavra, ele sente-se culpado por não ter insistido e levado consigo o irmão e as sobrinhas que não lhe saem da mente.

Sua sobrinha Eva também creu que a Palestina pudesse ser um lar, quando estava sendo enviada a um dos campos de refugiados. Pensa que o sonho sionista seria realizado, e seu sofrimento seria lembrado: “The journey that we are making across the bones of Europe is a story that will be told in future years by many

---

<sup>230</sup> PHILLIPS, 1997, p. 5. “No início havia dois campos, depois três, depois quatro e agora há quase uma dúzia, com mais de trinta mil refugiados de todas as idades e nacionalidades, cujo único objetivo na vida é escapar da Europa devastada pela guerra e alcançar a terra prometida”.

<sup>231</sup> Em Êxodo 3:8, Deus fala a Moisés no deserto e diz: “Desci para libertá-lo da mão dos egípcios, e fazê-lo subir desta terra para uma terra boa e vasta, uma terra que mana leite e mel” (BÍBLIA, 1989, p. 72).

prophets. After hundreds of years of trying to be with the others, of trying to be the others, we are now pouring the direction of home”.<sup>232</sup>

A memória judaica é exercitada e coletiva, mas a individual e involuntária é uma constante no cotidiano de Stephan Stern: “Memory. That untidy room with unpredictable visiting hours. I am forever being thrust through the door and into that untidy room”.<sup>233</sup>

Após a criação do Estado de Israel e o assentamento dos internos dos campos de refugiados na sua terra prometida, Stephan se aposenta, vende seu apartamento, pois com o dinheiro da troca e da aposentadoria poderia viver bem até a morte chegar. Sua única distração passa a ser frequentar um clube ao qual se associou em Tel Aviv. É lá que conhece Malka, depois de muito tempo sem interessar-se por ninguém. Além de sua esposa, só manteve um relacionamento com uma austríaca, cuja filha curou a bronquite, e Renate, uma violoncelista. As demais mulheres com quem saiu deixaram-no insatisfeito. Mas Malka parece ser diferente, e é. Apesar da grande dificuldade financeira, corresponde com a expectativa de Stephan de que não seja uma prostituta, tornando-se, acima de tudo, uma companhia amiga. Ela conta ser formada em enfermagem, mas nunca ter conseguido emprego por ser negra. No dia seguinte ao encontro, a solidão volta a incomodar o senhor Stern. Como todos os dias, sente-se culpado por ter abandonado a família.

His only companion was memory, and how he struggled with the burdensome weight of this single relationship. He now understood that to remember too much is, indeed, a form of madness. And he understood that people are not made to live alone, neither when things are good, nor when they are bad.<sup>234</sup>

A passagem supracitada ratifica três ideias trabalhadas neste capítulo: a primeira refere-se à importância da memória para a cultura e tradição judaica, sendo a única companhia de Stephan; a segunda, sobre a importância do esquecimento

<sup>232</sup> PHILLIPS, 1997, p. 45. “A viagem que estamos fazendo através dos ossos da Europa é uma história que será contada nos anos futuros, por muitos profetas. Após centenas de anos tentando estar com os outros, tentando ser os outros, agora estamos vazando em direção de casa”.

<sup>233</sup> Id. Ibid., p. 11. “Memória. Essa sala desarrumada com imprevisíveis horários de visitaço. Estou sempre sendo empurrado pela porta para dentro dessa sala desarrumada”.

<sup>234</sup> Id. Ibid., p. 211. “Sua única companhia era a memória, e como ele lutou com a dureza do fardo desta relação única. Ele já compreendeu que lembrar muito é, na verdade, uma forma de loucura. E ele entendeu que as pessoas não são feitas para viver sós, nem quando as coisas estão boas, nem quando eles estão ruins”.

para poder seguir em frente, como teorizou Seligmann-Silva; a terceira, o dano causado pela solidão na vida de uma vítima do nazismo ou um cidadão comum, como ele.

Stephan encerra o livro abraçando o passado, como se fosse possível viver dele. Só é possível utilizá-lo para sobreviver, como fez Eva. Para viver precisa-se seguir em frente, usando a dor como motivação, tal qual os sobreviventes do Holocausto fizeram com o horror.

Obviamente, a ligação entre a trama de Stephan e a de Eva é grande, mas há também uma sutil ligação, além de Stephan, de Malka e Eva, especialmente na descrição da partida de Malka de sua terra natal: "*And then you herded us on to buses. [...] And then on to the embassy compound, where we were stored like thinning cattle. Grazing on concrete*".<sup>235</sup> Esta imagem de pessoas tratadas como gado é muito semelhante à descrição de Eva do vagão lotado, repleto de pessoas a quem não é sequer dada a oportunidade da decência, tratadas pior que animais, pois não são nem alimentadas.

Naturalmente, as situações são diferentes. A história de Malka gira em torno de um esforço de vida melhor, enquanto Eva viaja para o campo da morte. Mas ambas rumam para um lugar estranho e estrangeiro. E ambas têm a mesma decepção a respeito do seu despertamento, Malka pergunta: "*I ask you, is this home?*"<sup>236</sup>

Quando Eva vai à Inglaterra para recomeçar sua vida com a promessa de um casamento, ela é vista como uma excentricidade. Ela está completamente deslocada. Seu mundo era um lugar de grandes privações: o campo de concentração nazista. Sua vida, e as das pessoas ao seu redor, estava se esvaindo e era puramente baseada na sobrevivência. O mesmo acontece com Malka, embora de forma mais branda. A precariedade do seu local de origem era extrema. Ao chegar em Israel, sua mãe destruiu uma televisão pois estava passando uma imagem de fogo e ela nunca havia visto um aparelho assim. Tal qual Otelo, ambas tentam infrutiferamente adaptar-se.

Além de judia e mulher como Eva, Malka ainda é negra, o que liga sua trama à de Otelo. Pode-se também fazer inferências a respeito dos dois: ambos originam-

<sup>235</sup> PHILLIPS, 1997, p. 199. "*E então vocês nos arrebanharam em alguns ônibus. [...] E, em seguida, para a embaixada, onde fomos armazenadas como gado de corte. Pastoreio em concreto*".

<sup>236</sup> Id. Ibid., p. 207. "*Eu lhe pergunto, isso é lar?*"

se da África, precisam aprender a língua da nova terra e recebem uma função que não os impede de sofrer preconceito racial – ele um general que não pode casar-se com uma aristocrata, ela uma enfermeira que não consegue emprego.

Malka é representante das formas de discriminação atuais, e é para isto que chama a atenção: para a diversidade identitária presente em cada ser humano. Todos possuem diferenças que precisam ser respeitadas. Phillips utilizou casos marcantes para que o leitor reavalie sua atitude diante da sua própria humanidade, pois, como disse a estudantes em Leeds, na Inglaterra, local onde sentiu na pele a força do preconceito:

I never want anybody to read a book that I've written and feel the same about the world when they've finished the book. I want them to feel differently about the world. I want them to see the things around them in a slightly different way, even something as simple as I want them to be kinder to other people, or to be more tolerant of difference, you know? Or look to the person that is selling "The Big Issue". I want people to think with more empathy about the world around them.<sup>237</sup>

Portanto, embora de forma mais velada e não tão contundente quanto a de Otelo e mais ainda a de Eva, a individuação de Malka é “unicamente única” na medida que abarca múltiplas formas de preconceito, dificultando sua conquista de uma vida melhor. Ela começa a ter a impressão de que sua batalha é vã. Segundo Paul Ricoeur, “é a impressão enquanto afecção que resulta do choque de um acontecimento, que podemos qualificar como notável, marcante. Essa impressão é essencialmente sentida. [...] na medida em que é a alma que recebe a impressão”.<sup>238</sup> E essa impressão continua sendo sentida por muitas pessoas em suas diásporas.

---

<sup>237</sup> PHILLIPS, 2010, p. 1. “Eu não quero que ninguém leia um livro que escrevi e sinta o mesmo a respeito do mundo quando terminar o livro. Eu quero que sintam de maneira diferente sobre o mundo. Eu quero que eles vejam as coisas ao seu redor em uma forma ligeiramente diferente, mesmo algo tão simples quanto eu desejar que sejam gentis com as outras pessoas, ou mais tolerantes com a diferença, sabe? Ou olhar para a pessoa que está vendendo ‘The Big Issue’ [revista vendida por sem-tetos]. Eu quero que as pessoas pensem com mais empatia em relação ao mundo ao seu redor”.

<sup>238</sup> RICOEUR, 2007, p. 33.

## CONCLUSÃO

*A ficção dá olhos ao narrador horrorizado. Olhos para ver e para chorar. [...] talvez haja crimes que não se devam esquecer, vítimas cujo sofrimento peça menos vingança do que narrativa.*

Paul Ricoeur, *Tempo e narrativa*

Ante o horror provocado pelo preconceito, a pergunta que se impõe é: como narrar o horror? Como evitar a descrição e/ou alusão a atos ignominiosos sem dar-lhes evidência indevida? Como tornar a rememoração efetiva, tornando-a um meio para que tais atos não se repitam?

A ficção, com seu poderoso poder de penetração, tem se mostrado um meio eficaz ante esses desafios. A dor causada pela rememoração do horror por parte de quem realmente a sentiu tende a criar uma espécie de fluxo de consciência, possível de ser controlada apenas com muito esforço. A ficção, produzindo uma ilusão de presença dos fatos, pode provocar indignação semelhante à gerada pelo testemunho. Além disso, pode ter um alcance político e social mais amplo do que o do testemunho individual.

A tragédia clássica destinava-se a purgar as afecções ligadas ao terror e a piedade; os dramas narrados por Phillips também estimulam essa função catártica, através do horror como motivação. Para atingir esse objetivo o autor de *The Nature of Blood* se vale de recursos como a re-escrita e a metaficção. Seu texto, organizado a partir de vozes intercaladas e narrativas entrecortadas, modifica as noções clássicas de tempo e espaço para expressar a extensão espaço-temporal do preconceito racial. Ademais, a estratégia pós-moderna da fragmentação expressa, formalmente, a segregação e exclusão ocasionadas por formas de não aceitação do outro, como a discriminação, que gera condenação e mesmo o genocídio. Dessa forma, os cortes e interferências na narrativa duplicam o conteúdo de suas tramas, reproduzindo a forma abrupta como o preconceito força mudanças na maneira de viver das personagens.

Os horrores sofridos pelas personagens interferem no *continuum* de suas vidas, reificando-as e privando-as da possibilidade de viverem sua humanidade plenamente: a dimensão do mal torna-se um excesso, uma inqualificável “demasia insuportável” para quem sofre. Nesse contexto, as pessoas deixam de ser um fim em si mesmas, e o valor da vida humana é relativizado. Deixa de ser necessária e essencial, para ser inconsequente e banal, adquirindo aspectos distintos em cada história: Otelo é considerado uma arma de guerra; os judeus de Portobuffolè uma espécie primitiva de caixa-eletrônico; Eva e as demais vítimas do nazismo, cobaias de uma experiência macabra; Stephan e Malka, peças ornamentais para provar a dissimulada bondade e aceitação da diferença por parte da hegemonia, já que aquele não foi executado, mesmo sendo judeu; e Malka e sua família são pretensamente inseridos na sociedade israelita.

Conforme postula Ricoeur, esse apagamento imaginativo do outro ocorre apenas porque esses personagens não são considerados como “próximos” de seus outros. Passam, assim, por uma série de processos que os objetificam: isolados por falta de empatia, são separados da sociedade, afastados de seus olhos após terem sido expulsos de seu coração. Tal é o caso, por exemplo, dos judeus de Portobuffolè.

As situações de isolamento ocorrem de maneiras distintas nas narrativas, assim como diferem os contextos de reificação: Otelo é hebetado, ao perceber-se traído por um povo que deseja apenas aproveitar-se de sua habilidade na batalha e não o reconhece como cidadão possuidor de direitos iguais aos venezianos. Sua narração se encerra com um herói, antes nobre e amável, ciente de que mudou. A perturbação mental em que se encontra autoriza o leitor a deduzir um final trágico<sup>239</sup> como o escrito por Shakespeare. Os judeus de Portobuffolè, vítimas da banalidade do mal em Colônia, veem-se compelidos a mudar de cidade só para serem novamente isolados, desta vez em um gueto, onde os efeitos do ódio discriminante são velados pela justiça e bondade da Sereníssima República, mas disseminado com irreflexão, mostrando a superfluidade dos venezianos. Eva experimenta a maior forma de horror da história da humanidade ao ser vítima do nazismo, sofrendo inúmeras violências físicas e mentais, sob um regime totalitário no qual a solidão, entendida como uma interrupção da comunicação recíproca, deixa marcas

---

<sup>239</sup> Na tragédia do bardo inglês, Otelo mata sua esposa e se suicida.

impossíveis de se apagar, mesmo depois da libertação do campo de concentração. Stephan se isola do convívio da família por escolha própria, por um ideal que julga primordial, sofrendo – tal qual Otelo – com o peso da memória. Finalmente, Malka, judia, negra, mulher, migrante e pobre, concentra em sua individuação o isolamento social provocado por inúmeras formas de discriminação ainda hoje existentes.

Todas essas personagens, isoladas para serem tomadas como representantes do mal gerado pelo preconceito extremado e suas consequências, convertem-se em figuras “unicamente únicas”, de singularidade exemplar. Por que deveria um nobre general ser punido por casamento interracial? Por que seriam estrangeiros, que edificam a terra de adoção com seu trabalho, condenados e mortos por pertencer à raça estigmatizada? Por que seria alguém, ou um grupo, julgado por ser o outro de uma comunidade? Por que multiplicar o fardo de quem já ocupa a margem social, devido a essa posicionalidade?

A individuação das personagens e a exposição de sua sina enfatiza o fato de que o esvaziamento do pensar operado pela ideologia hegemônica produz a indiferença ao mal. Como tais fatos não podem e não devem ser esquecidos, faz-se necessário o plano da rememoração. O *tremendum horrendum* marca, assim, o que deve ser lembrado, já que o preconceito e a violência, em todas as suas formas, carecem de constante repetição e reflexão, para que, assim como no *tremendum fascinosum* os santos e heróis são venerados e eternizados, o horror vivido por negros, judeus, mulheres e tantos outros em posição marginal não seja esquecido.

O leitor acompanha o horror causado nos contextos narrativos com o mesmo sentimento que as personagens: Por que tanto ódio? Como seres humanos são capazes de fazer o mal a seres possuidores da mesma natureza? O vazio de pensamento é uma resposta que choca, mas que retira dos algozes o caráter monstruoso, estimulando a constante reflexão.

Quem é o culpado então? O peso do horror que perpassa as páginas de *The Nature of Blood*, a imputação, enquanto resultado de uma vinculação da singularidade, não é atribuída a personagem alguma. Não o é, certamente, às personagens principais, pois que são, todas, vítimas. Uma personagem secundária, Gerry, não imputa a si a culpa pelo agravamento da situação psicológica de Eva, pelo contrário, utiliza uma desculpação, dizendo que os homens fazem coisas terríveis na guerra.

Sabe-se que a imputação ocorre sempre que há consciência de si, e também, quando alguém pode se proclamar dono das próprias lembranças e atribuir a outrem e a si os mesmos fenômenos mnemônicos. Estaria Phillips sugerindo que os algozes não praticaram o mal por vontade própria, mas foram eles mesmos vítimas, havendo acatado, sem reflexão, o pensamento hegemônico e as ordens que lhes foram dadas? Ou estaria Phillips não tão interessado em promover um julgamento da história quanto em despertar a consciência individual, para que a história não se repita?

A busca pela reflexão e a responsabilidade pela preservação do direito à vida são deveres individuais. Não se pode universalizar a culpa a todos os envolvidos na prática do horror, como se todos os alemães fossem culpados de crimes contra a humanidade, ou se todos os dirigentes nazistas fossem antisemitas. Uma vez que a culpabilidade social pode servir de desculpação, a culpabilidade individual é necessária. Ninguém tem o direito de decidir sobre a vida de outrem, pois a humanidade, tal como a terra, é comum a todos. Justificando a sentença de morte de Eichmann, Arendt afirma que quem não deseja dividir a Terra com os outros, mesmo agindo de acordo com ordens passivamente obedecidas, não tem o direito de que alguém a dívida com ele. Tal ponto de vista alinha-se à escola intencionalista, que imputa a responsabilidade a um agente individual.

Dado o fato de que iniciativas e coerções se desenvolvem através de vínculo social no seio das relações de interação e nas identidades socialmente constituídas, e considerando-se ainda que representações, como as da memória, associam-se às práticas sociais, a rememoração do horror cumpre com a intenção de fazer com que o narratário sintam-se diferente ao fim da leitura de um romance como o aqui analisado. *The Nature of Blood* sugere que, enquanto pertencentes à humanidade, os seres devem imputar a si a responsabilidade pelo bem-estar de todos, permitindo que vivam suas individualidades. As narrativas de Phillips objetivam a reflexão e a imputação. A forma como a leitura do romance e a interpretação desses objetivos modificou a opinião do redator desta dissertação, é prova de que o livro auxilia no processo de aceitação da diferença.

Dessa forma, a rememoração do horror como fim, ou seja, como proposta didático-terapêutica destinada à prevenção do preconceito e do mal por ele provocado, através das histórias narradas, em *The Nature of Blood*, atinge realmente seus objetivos, constituindo-se em eficaz advertência contra essas

práticas. As cinzas, o sangue, o horror, devem estar sempre na memória de todos, de forma a motivar a tolerância e compreensão entre os habitantes deste planeta. Assim, os horrores sofridos e perpetrados no decorrer da História devem servir de motivação para a construção de um mundo onde se busque compreender as relações interpessoais, internacionais, inter-raciais, de gênero, etc., para que não se joguem ao ar as cinzas das vítimas – como ocorreu em Portobuffolè e nos campos de concentração nazistas –, correndo-se o risco de que não as vendo, o ser humano torne a praticar o mal a outros, possuidores da mesma natureza do sangue.

When man will conquer his destructive urge,  
 And learn how to live in harmony with nature and himself.  
 When all the preachers of hate will be silenced,  
 And man will become his brother's keeper.  
 When man will stop killing man, in the name of God,  
 And nation will not lift weapons against nation.  
 When it will be, I do not know, but  
 Despite all the signs to the contrary,  
 In the dawn of a Better World, I do believe.<sup>240</sup>  
*Alexander Kimel*

---

<sup>240</sup> Quando o homem vai dominar seu impulso destrutivo, / E aprender a viver em harmonia com a natureza e consigo mesmo. / Quando todos os pregadores do ódio serão silenciados, / E o ser humano vai se tornar protetor de seu irmão. / Quando pessoas vão parar de matar pessoas, em nome de Deus, / E nações não levantarão armas contra nações. / Quando será, eu não sei, mas / Apesar de todos os sinais contrários. / No amanhecer de um mundo melhor, eu acredito.

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor. *Teoria estética*. Lisboa: Edições 70, 1982.
- AGUIAR E SILVA, Vitor M. *Teoria da literatura*. 8. ed. Coimbra: Almedina, 1988.
- ARENDDT, Hannah. *Compreender: formação, exílio e totalitarismo (ensaios)*. Trad. Denise Bottman. Org. Jerome Kohn. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- \_\_\_\_\_. *A condição humana*. Trad. Roberto Raposo. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Origens do totalitarismo: anti-semitismo, imperialismo, totalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- BBC NEWS. *Holocaust 'ban' e-mail confusion*. 17 abr. 2007. Disponível em: <[http://news.bbc.co.uk/2/hi/uk\\_news/education/6563429.stm](http://news.bbc.co.uk/2/hi/uk_news/education/6563429.stm)>. Acesso em: 20 set. 2010.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: a experiência vivida*. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1987.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada*. Tradução: Centro Bíblico Católico. São Paulo: Edições Loyola, 1989.
- BIOSCA, Vicente S. Imágenes marcadas a fuego. Representación y memoria de la Shoah. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, n. 42, vol. 21, 2001.
- BIRBALSINGH, Frank (Org.). *Frontiers of Caribbean Literature in English*. New York: St. Martin Press, 1996.
- BONNICI, Thomas. *O pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura*. Maringá: Eduem, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e holocausto*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BLOOM, Harold. *Shakespeare: a invenção do humano*. Trad. José Roberto O'Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

CANGI, Adrián. Imagens do horror. Paixões tristes. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). *História, memória, literatura – O testemunho na era das catástrofes*. Campinas: UNICAMP, 2003, p. 139-169.

CARVALHAL, Tania Franco. *Literatura comparada*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006.

CYTRYNOWICZ, Roney. O silêncio do sobrevivente: diálogo e rupturas entre memória e história do Holocausto. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.) *História, memória, literatura – O testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003, p. 123-138.

COLOMBO, Fausto. *Os arquivos imperfeitos – Memória social e cultura eletrônica*. Trad. Beatriz Borges. Porto Alegre: Perspectiva, 1991.

DAVIES, W.J.K. *German Army Handbook 1939–1945*. 2. ed. New York: Arco Publishing, 1981.

DOUEK, Sybil Safdie. *Memória e exílio*. São Paulo: Escuta, 2003.

ENCICLOPÉDIA DO HOLOCAUSTO. *United States Holocaust Memorial Museum*. Disponível em: <[http://www.ushmm.org/wlc/ptbr/media\\_nm.php?MediaId=133](http://www.ushmm.org/wlc/ptbr/media_nm.php?MediaId=133)>. Acesso em: 21 set. 2010.

FRANCO JUNIOR, Arnaldo. Operadores de leitura da narrativa. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Org.). *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3. ed. Maringá: EdUEM, 2009, p. 33-58.

FREUD, Sigmund. Psicopatologia da vida cotidiana. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 183-184.

FRY, Karin A. *Compreender Hannah Arendt*. Trad. Paulo Ferreira Valério. Petrópolis: Vozes, 2010.

GENETTE, Gérard. *Discurso da narrativa*. Trad. Fernando Cabral Martins. 3. ed. Alpiarça: Vega, 1995.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. Significação, representação, ideologia - Althusser e os debates pós-estruturalistas. In: *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Org. Liv Sovik. Trad. Adelaine La Guardia Resende [et al]. Belo Horizonte: UFMG, 2003. p. 151-186.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HUTCHEON, Linda. *Narcissistic Narrative: the Metafictional Paradox*. 2. ed. New York: Methuen, 1984.

KANT, Immanuel. *A religião nos limites da simples razão*. Trad. Artur Morão. Covilhã: LusoSofia, 2008.

KIMEL, Alexander. *I Cannot Forget*. Disponível em: <<http://remember.org/witness/kimel2.html>>. Acesso em: 30 maio 2010.

LASKIER, Rutka. *O diário de Rutka*. Trad. Tomasz Barcinski. Apresent. Zahava (Laskier) Scherz. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

LLOSA, Mario V. *Escritor peruano Mario Vargas Llosa é o vencedor do Nobel de Literatura*. *Jornal Nacional*, 7 out. 2010. Disponível em: <<http://video.globo.com/Videos/Player/Noticias/0,,GIM1352518-7823-ESCRITOR+PERUANO+MARIO+VARGAS+LLOSA+E+O+VENCEDOR+DO+NOBEL+DE+LITERATURA,00.html>>. Acesso em: 08 out. 2010.

LOMBARDI, Andrea. Onde está nosso irmão Abel? In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). *História, memória, literatura – o testemunho na era das catástrofes*. Campinas: UNICAMP, 2003, p. 209-225.

MARTIN, Wallace. *Recent Theories of Narrative*. 3. ed. London: Cornell University Press, 1994.

MCCAFFERY, Larry. *The Metafictional Muse*. Pittsburg: University of Pittsburg Press, 1982.

PHILLIPS, Caryl. *Conversations with Caryl Phillips*. Edited by Renée Schatteman. Jackson: University Press of Mississippi, 2009a.

\_\_\_\_\_. *In the Falling Snow*. Meeting with students and staff at Old Broadcasting House: Leeds, 2009b. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=2ucTNFYp5oM>>. Acesso em: 12 set. 2010.

\_\_\_\_\_. *The Nature of Blood*. New York: Vintage, 1997.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. Alain François [et al.]. Campinas: UNICAMP, 2007.

\_\_\_\_\_. *Tempo e Narrativa – tomo III*. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Papyrus, 1997.

SELIGMAN-SILVA, Márcio [Org.]. *História, memória, literatura – O testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Editora UNICAMP, 2003.

SHAKESPEARE, William. *Otelo, o mouro de Veneza*. Trad. Jean Melville. São Paulo: Martin Claret, 2006.

SILVA, Tomaz T. (Org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

SOUKI, Nadia. *Hannah Arendt e a banalidade do mal*. Belo Horizonte: PUC, 1998.

TODOROV, Tzvetan. *As estruturas narrativas*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

UOL Educação. *Ensino do Holocausto passa a ser obrigatório na rede de ensino de Porto Alegre*. 16 set. 2010. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/ultnot/2010/09/16/ensino-do-holocausto-passa-a-ser-obrigatorio-na-rede-de-ensino-de-porto-alegre.jhtm>>. Acesso em: 21 set. 2010.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. SILVA, Tomaz T. (Org.). 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 7-72.

## **ANEXOS**

ANEXO A – *Strappada* ou “suspensão inversa” – Equipamento de tortura



## ANEXO B – Soldados e autoridades no campo de Ohrdruf



## ANEXO C – Acomodações do campo de Ohrdruf



## ANEXO D – Sobreviventes do campo de Ohrdruf



## ANEXO E – Vítimas do campo de Ohrdruf



## ANEXO F – Vítimas do campo de Ohrdruf



## ANEXO G – Vítimas do campo de Ohrdruf



## ANEXO H – Vítimas do campo de Ohrdruf



## ANEXO I – Vítimas do campo de Ohrdruf



ANEXO J – Poesia de Alexander Kimel

**THE ACTION IN THE GHETTO OF ROHATYN, MARCH 1942.**

Do I want to remember?

The peaceful ghetto, before the raid:  
 Children shaking like leaves in the wind.  
 Mothers searching for a piece of bread.  
 Shadows, on swollen legs, moving with fear.  
 No, I don't want to remember, but how can I forget?

Do I want to remember, the creation of hell?

The shouts of the Raiders, enjoying the hunt.  
 Cries of the wounded, begging for life.  
 Faces of mothers carved with pain.  
 Hiding Children, dripping with fear.  
 No, I don't want to remember, but how can I forget?

Do I want to remember, my fearful return?

Families vanished in the midst of the day.  
 The mass grave steaming with vapor of blood.  
 Mothers searching for children in vain.  
 The pain of the ghetto, cuts like a knife.  
 No, I don't want to remember, but how can I forget?

Do I want to remember, the wailing of the night?

The doors kicked ajar, ripped feathers floating the air.  
 The night scented with snow-melting blood.  
 While the compassionate moon, is showing the way.  
 For the faceless shadows, searching for kin.  
 No, I don't want to remember, but I cannot forget.

Do I want to remember this world upside down?

Where the departed are blessed with an instant death.  
 While the living condemned to a short wretched life,  
 And a long tortuous journey into unnamed place,  
 Converting Living Souls, into ashes and gas.  
 No. I Have to Remember and Never Let You Forget.

## ANEXO K – Poesia de Alexander Kimel

**THE CREED OF A HOLOCAUST SURVIVOR**

I do believe, with all my heart,  
 In the natural Goodness of Man.  
 Despite the blood and destruction,  
 Brought by one man, trying to be God,  
 In the Goodness of Man, I do believe.

I do believe, with all my heart,  
 That God gave man the blessing and the curse.  
 Man can select the curse of envy, hatred and prejudices,  
 Or the blessing of love, harmony and beauty.  
 Despite the painful curses of the past,  
 In the blessing of the Creator, I do believe.

I do believe, with all my heart,  
 That God created a beautiful world,  
 The sun and the trees, the flowers and the bees.  
 And the best way to serve God, is  
 To enjoy the fruits of His labor of love.  
 Despite the painful memories from the past,  
 In the joyful celebration of life, I do believe.

I do believe with all my heart,  
 That God has created man in image of His own.  
 And killing of man, is like killing of God.  
 Despite the massacres in Rwanda, the cleansing in Bosnia,  
 The folly of Muslim fanatics, and the cruelty of Pot Pol.  
 In the love and compassion of the Creator, I do believe.

I believe with all my heart,  
 That the Messiah and the Kingdom of Heaven will come;  
 When man will conquer his destructive urge,  
 And learn how to live in harmony with nature and himself.  
 When all the preachers of hate will be silenced,  
 And man will become his brother's keeper.

When man will stop killing man, in the name of God,  
 And nation will not lift weapons against nation.  
 When it will be, I do not know, but  
 Despite all the signs to the contrary.  
 In the dawn of a Better World, I do believe.

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)